

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - RÁDIO E TELEVISÃO

CLEDILSON SILVA ROCHA
JOÃO VICTOR MACEDO SOUSA
JOELMA SANTOS BALDEZ

UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: documentário radiofônico sobre o bairro João Paulo

São Luís
2025

CLEDILSON SILVA ROCHA
JOÃO VICTOR MACEDO SOUSA
JOELMA SANTOS BALDEZ

UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: documentário radiofônico sobre o bairro João Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Professor Doutor Ed Wilson Ferreira Araújo

São Luís
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos Baldez, Joelma.

UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: documentário radiofônico sobre o bairro João Paulo / Joelma Santos Baldez, Cledilson Silva Rocha, João Victor Macedo Sousa. - 2025. 95 p.

Orientador(a): Ed Wilson Ferreira Araújo.

Curso de Comunicacao Social - Rádio e Tv, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ms, 2025.

1. João Paulo. 2. História. 3. Cultura. 4. Memória. 5. Oralidade. I. Macedo Sousa, João Victor. II. Silva Rocha, Cledilson. III. Ferreira Araújo, Ed Wilson. IV. Título.

CLEDILSON SILVA ROCHA
JOÃO VICTOR MACEDO SOUSA
JOELMA SANTOS BALDEZ

UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: documentário radiofônico sobre o bairro João Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Professor Doutor Ed Wilson Ferreira Araújo

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ed Wilson Ferreira Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Rosinete de Jesus Silva Ferreira
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ms. Jefferson Saylon Lima de Sousa
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho à minha família, por acreditar em meu sonho. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse alcançar esta vitória. Esta conquista é, acima de tudo, de vocês.

(Por Cledilson Rocha)

Dedico este trabalho à minha família, por toda a caminhada que tem sido feita por gerações e também aos meus alunos, que têm muita caminhada a fazer.

(Por Joelma Baldez)

Dedico esse trabalho a minha família por todo amor e dedicação. A Claete Regina Pereira Sousa, meu amor maior e por fim, a toda comunidade do João Paulo

(Por João Victor Macedo)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a meus Guias por toda a força que me foi dada na caminhada até aqui. Sem a fé e a esperança por dias melhores, não teria sido possível correr atrás de meus sonhos. Sou o primeiro de minha família a ingressar no ensino superior, porém não quero ser o único, e que essa mesma fé que me manteve de pé seja compartilhada com meus iguais.

Quero agradecer a todos aqueles que estiveram comigo durante este trajeto: professores, estudantes, colegas de trabalho, família, amigos e a toda a comunidade do bairro João Paulo. Em especial, agradeço aos meus queridos amigos Joelma Baldez e João Victor Macedo, que foram companheiros incríveis e me deram suporte não só com relação à pesquisa, mas também com questões pessoais que me afetaram no decorrer do período em que estivemos juntos. Sem eles, tudo seria bem mais difícil e menos divertido. Agradeço também ao professor Ed Wilson Araújo, pelo conhecimento partilhado conosco e pela confiança depositada em nosso trabalho. Levarei comigo o conhecimento que me foi passado. Meus sinceros agradecimentos.

Dona Maria José e Seu Izael, o seu filho está realizando o sonho dele, melhor dizendo, “o nosso sonho”. Vocês são inspiração, são o céu que me cobre e a terra que me sustenta. Sou grato pelo lar de amor em que nasci, e tudo o que sou é reflexo de suas imagens. Também faço menção às músicas “A Vida é Desafio”, do álbum *Nada como um*

Dia Após o Outro Dia, do grupo Racionais MC’s; “Levanta e Anda”, faixa do álbum *O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui*, do rapper Emicida; e “Jorge da Capadócia”, do mestre Jorge Ben Jor. As músicas foram trilha sonora dos momentos mais difíceis desta jornada.

À instituição Universidade Federal do Maranhão, por ser aparelho de promoção do conhecimento e de transformação social. Obrigado.

“A vida é combate.” — Gonçalves Dias

(Por Cledilson Rocha)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda a luz em meu caminho para seguir e enfrentar as turbulências e colher bons frutos;

À minha família, à minha mãe, Maria da Paz, por sempre me incentivar a acreditar em minha força, e pela amorosidade, a meu pai, José Carlos Baldez in memoriam, por ter sido tão preocupado com a lição da resiliência, a meus padrinhos (Maria Natividade e Carlos Natividade Filho), pela formação que me deram;

Agradeço também aos meus professores, de toda a minha jornada escolar, e acadêmica, especialmente ao professor Ed Wilson Araújo, e aos colegas de Jornada, Cledilson Rocha e João Victor Macedo, por se juntarem a mim nesta jornada e acreditarem neste projeto. Aos colegas da Rádio Universidade, a Adalberto Júnior, meu supervisor de estágio, com quem aprendi muito do Jornalismo e a toda equipe que sempre me recebeu bem e contribuiu para meu crescimento profissional.

Aos meus amigos, que estão sempre me apoiando em minha caminhada.

(Por Joelma Baldez)

AGRADECIMENTOS

Dedico esse espaço, primeiramente a Deus, por me escutar várias vezes, mesmo sob muita bobagem e sonhos mirabolantes, nunca desistiu de me guiar para os meus propósitos, à minha mãe, Claete Regina Pereira Souza, e ao meu pai, Antonio Cláudio Macedo da Silva, meus alicerces, que cuidam e acreditam no meu desenvolvimento enquanto pessoa e profissional. Eles que me fizeram entender enquanto homem preto e homossexual, que os obstáculos serão redobrados, mas que o foco nos objetivos devem ser alcançados com honestidade, respeito e muito trabalho duro.

E também a meus irmãos, Maria Clara e João Paulo Macedo Sousa, incentivos vivos, que me provocam muito amor, raiva e orgulho, e que são os meus maiores tesouros. Gostaria de destacar as minhas tias Célia Rossetti e Glaucione Sousa, referências de luta e persistência enquanto mulheres negras, que, com os seus incentivos, me nortearam para momentos inesquecíveis enquanto filho e aluno.

Sabina Souza Santos, personagem emblemático, com personalidade cheia de intensidade e amor, exemplo de mulher preta, coreira guerreira e batalhadora que desde muito jovem precisou mostrar independência para sobreviver e que, durante gerações, continua sendo símbolo de trajetória de vida em minha família. Te amo vô!

Gostaria de dedicar esse espaço aos meus companheiros de jornada, Joelma Baldez e a Cledilson Rocha que insistiram em me convidar para participar desse projeto. Desde o começo, me senti acolhido, escutado e atuante, num projeto responsável por valorizar minhas raízes maranhenses. Obrigado pela oportunidade de serem meus amigos.

Agradeço também ao professor Ed Wilson Araújo, que durante vários meses nos auxiliou com muita paciência e incentivo, para que hoje pudéssemos ter orgulho de tudo que produzimos.

Revisitar os caminhos desse percurso é entender as versões que precisei abandonar para que hoje me entenda como pesquisador, quero destacar a força e empenho que nunca dei muita importância, mas que naturalmente me trouxeram para o sentido que eu buscava enquanto acadêmico. Obrigado, Victor Cravin, enfim chegamos.

(Por João Victor Macedo)

*João Paulo, quem te viu no passado, hoje ao
passar por ti, sei que fica admirado...*

*João Paulo, eu te tenho no meu coração,
porque João Paulo, que me deu inspiração...*

(Zé Pivó)

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo fundamentar a produção de um documentário radiofônico sobre formação, desenvolvimento e vivências culturais do bairro João Paulo. Nesse sentido, tomamos como referência não só os trabalhos de pesquisadores, mas também a memória oral de fazedores, entusiastas e amantes da cultura do lugar. E contamos uma história que trata de transformações de uma área de sítios, próxima ao centro, em um bairro residencial e comercial, que se consolidou como um espaço de resistência e manifestações culturais diversas. Para isso, buscamos como aportes teóricos estudos sobre oralidade e memória, características do rádio e sobre conceitos referentes à cultura, identidade, sincretismo e pluralidade. Realizamos, também, doze entrevistas sobre o tema e resgatamos mais seis arquivos de entrevistas concedidas em trabalhos anteriores de guardiões de memórias, dentro e fora do ambiente acadêmico. E produzimos um documentário dividido em quatro episódios com os seguintes temas: criação e desenvolvimento do bairro; a população negra e o surgimento do Centro de Cultura Negra no Maranhão; a cultura do samba e a Turma da Mangueira; e o encerramento do ciclo junino, com a festa de São Marçal.

Palavras-chave: João Paulo. História. Cultura. Memória. Oralidade.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to support the production of a radio documentary about the formation, development, and cultural experiences in the João Paulo neighborhood. In this regard, we took as reference not only work from specialists but also from the oral memory of creators, enthusiasts, and lovers of the local culture. We tell a story about the transformation of a rural area, near downtown, into a residential and commercial neighborhood, which has established itself as a space of resistance and diverse cultural manifestations. In order to do this, we rely on theoretical contributions from studies on orality and memory, characteristics of radio, and concepts related to culture, identity, syncretism, and plurality. We also conducted twelve interviews on the topic and retrieved six more interview archives from memory keepers' previous works, both within and outside the academic environment. Additionally, we produced a documentary divided into four episodes with the following themes: the creation and development of the neighborhood; the Black population and the origin of the Centro de Cultura Negra, in Maranhão; the samba culture and Turma da Mangueira; and the closing of the June festival cycle, with the celebration of São Marçal.

Keywords: João Paulo. History. Culture. Memory. Orality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Anúncio de venda do antigo sítio João Paulo	30
Figura 2- Retirada do comércio informal do mercado do João Paulo no ano de 1970.	31
Figura 3 - Registro da sede do Centro de Cultura Negra em 1985.	39
Figura 4 Comemoração de Bodas de Ouro, em 1979, da agremiação "Turma da Mangueira." 41	
Figura 5 - Frames retirados de vídeos que registraram a festa de São Marçal de 2025.	44
Figura 6 - Professora Letícia Cardoso em entrevista sobre a Festa de São Marçal, na Ufma	61
Figura 7- Professor Sá Marques em entrevista para o produto radiofônico: João Paulo, um oásis no meio do caminho	62
Figura 8 - Walter Seabra, presidente do grupo de bumba meu boi “Touro Negro Encantado”, em entrevista concedida em maio de 2025.	63
Figura 9 - Ithamilson Lima, com a equipe do documentário na secretaria do Parque Folclórico da Vila Palmeira	64
Figura 10 – Encontro da equipe de com o historiador entrevistado na Biblioteca Pública Benedito Leite:	65
Figura 11 – Encontro na residência do senhor Padre Haroldo, na Cohab	66
Figura 12 - Registro na residência da senhora Marlene Santos, e presença de Layna Sousa, com equipe do documentário, nos Barés.	67
Figura 13 - Tesoureiro do grupo de bumba-meu-boi, sotaque de orquestra, Boi da Lua, Airton Rolim, na sede da brincadeira, em entrevista cedida em julho de 2025.	68
Figura 14 – Guardiões de memórias sobre a Festa de São Marçal	69
Figura 15 - Carlos André Teixeira, Coordenador do Instituto “Mãos de um Amigo”, responsável pela organização da Festa de São Marçal	70
Figura 16 - Frame retirado do documentário “Grécia Jamaicana”	71
Figura 17 - Representante da equipe Joelma Baldez ao lado do Professor Carlos Benedito Rodrigues da Silva.	72
Figura 18 - Equipe de pesquisadores do documentário radiofônico, no Estúdios de gravação da Rádio Universidade FM.	73
Figura 19 - Compilado de fotografias com colaboradores da Rádio Universidade FM	74
Figura 20 - Aplicação da identidade visual do produto.	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 ORALIDADE E MEMÓRIA: valores entrelaçados no universo cultural	17
2.1 A palavra na dinâmica do rádio	18
2.2 Documentário radiofônico: o gênero de múltiplas vozes	21
2.2.1 Proximidade entre reportagem e documentário.....	21
2.2.1 A construção da narrativa no documentário	25
3 JOÃO PAULO: território, cultura e identidades	28
3.1 Um território, múltiplas vozes e olhares	28
3.2 Os sujeitos e as relações com o lugar	34
3.2.1 Sincretismo, multiculturalismo e formação das identidades	34
3.2.2 A ideia de cultura e as múltiplas expressões.....	37
3.3 João Paulo é trincheira.....	39
3.3.1 O CCN: núcleo de transformações.....	39
3.3.2 O samba na capital	41
3.3.3 O encerramento do ciclo junino.....	44
4 DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO	48
4.1 Metodologia.....	48
4.2 Pré-produção	50
4.2.1 As primeiras reuniões	50
4.2.2 A construção do acervo de informações	52
4.2.3 A construção do roteiro técnico.....	57
4.3 Processo de produção	59
4.3.1 Distribuição de funções.....	59
4.3.2 Seleção de equipamentos.....	60
4.3.3 Diário de campo.....	61
4.3.4 Gravação no estúdio.....	73
4.4 Pós-produção.....	76
5 PRODUTO E INSERÇÃO NO MERCADO	77

5.1 Sínteses dos episódios	78
5.1.1 Episódio 1 - Floresceu deste chão	78
5.1.2 Episódio 2 - Ao povo o que é do povo.....	79
5.1.3 Episódio 3 - “Eu sou o samba”	79
5.1.4 Episódio 4 - Entre toadas e a volta para casa	80
5.2 A viabilidade de inserção do produto	80
5.2.1 Produtos similares	81
5.2.2 Diferencial.....	81
5.2.3 As possibilidades de veiculação.....	82
5.2.3 As parcerias.....	83
5.2.4 O Público	84
5.3 Análise Swot	84
5.4 Identidade visual	87
5.4.1 Logotipo.....	87
5.4.2 Tipografia.....	88
5.4.3 Paleta de cores.....	88
5.4.4 Elementos gráficos e ícones	89
5.4.5 Aplicação da identidade visual	90
6 CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A - Nossas Vivências	99
APÊNDICE B – Tabela de atividades da equipe	102
APÊNDICE C – Efeitos sonoros selecionados	105
APÊNDICE D - Pautas de entrevistas	106
APÊNDICE E -Roteiros	122
ANEXO A - QUADRO 02: Distribuição dos 81 topônimos nas 04 áreas	16

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu da necessidade de conhecer melhor os aspectos históricos e culturais do bairro João Paulo e, também, de compartilhar o fruto desse conhecimento com os ouvintes de São Luís, dentro de uma linguagem dinâmica e diversificada do rádio. O trabalho foi elaborado na modalidade de projeto experimental, por três estudantes do Curso de Rádio e Televisão da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), de modo coletivo. Tomamos como ponto de partida as memórias afetivas que singularizam nossas histórias de vida, com alguns capítulos construídos a partir da relação com o bairro e que nos tornam personagens desta parte da cidade.

Em face dessas memórias, analisamos dados e relatos obtidos por uma das personagens, durante experiência acadêmica anterior, no ano de 2015, que resultou na produção intitulada “Circuito São Luís”, sob o formato revista radiofônica. O produto sonoro correspondia a um programa piloto centrado no mesmo tema aqui proposto (história e cultura do bairro João Paulo), fruto de um trabalho em grupo, que contou com cinco autores: Camila Bastos, Marcus Elícus, José Rildo Corrêa, Werbeth Ehongue e Joelma Baldez. Foi desenvolvido na disciplina “Edição e Pós-Produção para Rádio”, sob a supervisão do professor Ed Wilson Ferreira Araújo.

Considerando que o bairro do João Paulo se consolidou num espaço pulsante de cultura popular na capital, vemos na memória oral o grande mecanismo de resistência e construção de historicidade. Por isso, surgiu o desejo de realizarmos um trabalho mais aprofundado em relação à revista radiofônica, mas com linguagem simples, rápida e eficaz, de modo a promover integração, envolvimento e o partilhar de experiências com o público. Optamos, então, pelo gênero documentário radiofônico para a divulgação da pesquisa.

A escolha busca se harmonizar com a proposta acerca do gênero: “o documentário depara-se com a necessidade de possuir um alto nível de elaboração, conteúdo e forma combinados, de maneira a garantir uma atenção quase constante por parte do ouvinte” (Ferraretto, 2014, p. 225). E capturar essa atenção é um desafio que estamos dispostos a enfrentar.

Assim, partimos da seguinte questão norteadora: Que elementos caracterizam e constituem o perfil histórico e cultural do bairro do João Paulo, em São Luís? E para respondê-la, realizamos, primeiramente, uma revisão bibliográfica e documental acerca dos conceitos essenciais para nossa proposta e organizamos esses conceitos em duas partes neste trabalho.

Na primeira parte, em sessão intitulada “Oralidade e memória: valores entrelaçados no universo cultural”, apresentamos os conceitos relativos à oralidade e memória, enquanto dimensões constitutivas dos sujeitos, e fizemos uma breve retomada sobre a história do rádio e suas características, bem como sobre o gênero documentário, considerando a linguagem radiofônica.

Na segunda parte, em sessão intitulada “João Paulo: território, cultura e identidades” tratamos de conceitos referentes à território, cultura, identidade, sincretismo e pluralidade, apontando como eles auxiliam na compreensão da sobre a teia econômica, política, geográfica e cultural que formou e forma o João Paulo. E então construímos, uma linha do tempo com base em fontes documentais, e relatos de quem testemunhou as transformações do lugar, aqueles que vivem no bairro ou frequentam a localidade. Importou-nos descrições e explicações sobre o processo de mudança de uma área de sítios, próxima ao centro, para um bairro residencial e comercial e de vasta produção cultural.

Ainda nessa seção, destacamos aspectos que indicam como o território, ocupado pelo bairro e adjacências, se consolidou como espaço de forte presença de população negra e periferia, que se estabeleceu à beira do antigo Caminho Grande, e transformou o novo bairro em capital do subúrbio, evidenciando uma postura marcada pela resistência e pela diversidade.

Na seção seguinte, denominada “Desenvolvimento do documentário radiofônico”, apresentamos o passo a passo que seguimos para a construção do produto final, bem como a devida descrição: um documentário intitulado “João Paulo, um oásis no meio do caminho” dividido em quatro episódios com os seguintes temas: criação e desenvolvimento do bairro; a população negra e o surgimento do Centro de Cultura Negra no Maranhão; a cultura do samba e a Turma da Mangueira; e o encerramento do ciclo junino, com a festa de São Marçal. O produto contou com a contribuição de treze entrevistados, que deram seus depoimentos sobre os temas mencionados anteriormente equanto guardiões de memórias, dentro e fora do ambiente acadêmico. Utilizamos ainda, outros seis arquivos de entrevistas concedidas em trabalhos anteriores.

Na penúltima sessão, denominada “Produto e inserção no mercado”, apresentamos a síntese dos episódios que compõem o documentário, aspectos que sinalizam sua viabilidade, a análise *Swot* (diagnóstico a partir da ferramenta *Swot* que avalia as forças, fraquezas, ameaças e oportunidades do produto) para a tomada de decisões e redução de danos, e, também, a identidade visual do documentário.

Por fim, apresentamos na última sessão, nossas reflexões sobre as contribuições da pesquisa para nós enquanto pesquisadores e comunicadores e para a sociedade.

2 ORALIDADE E MEMÓRIA: valores entrelaçados no universo cultural

Abrimos essa seção com os versos do poeta Ferreira Gullar: “Sou como você / feito de coisas lembradas / e esquecidas / rostos e / mãos, o guarda-sol vermelho ao meio dia”¹. O poeta fala sobre a memória, um importante componente deste trabalho, que se manifesta no cotidiano por meio da oralidade, de forma primária, secundária e eletrônica, conforme aponta Ong (1998).

A forma primária está diretamente associada às culturas que priorizam a transmissão dos saberes por meio da verbalização e da construção de uma memória coletiva. A verbalização se apresenta como meio possível para a disseminação do conhecimento dessas culturas. Para o autor, expressões como ditados populares, mitos, cantigas e narrativas orais são fundamentais na consolidação dessas culturas, ao serem passadas de um indivíduo diretamente para outro, manifestando a particularidade comunitária intrínseca a esta forma de oralidade.

Já a oralidade secundária, por outro lado, é marcada pela necessidade de um elemento de mediação para que possa ser expressa. Ong (1998) destaca a escrita, aliada ao surgimento de sociedades organizadas, funcionando como mediadora entre os indivíduos e os saberes. Ela contribui para mudanças drásticas nas estruturas organizacionais relacionadas à difusão do conhecimento e viabiliza a apreensão dos saberes, favorecendo o aprendizado por meio de registros. Apesar de mudanças significativas implementadas pela escrita, a verbalização ainda se faz presente nesta forma de oralidade, porém com menos espontaneidade que na oralidade primária. Além disso, os avanços científicos, incorporados às práticas da oralidade secundária, agora moldada pela tecnologia, faz uso de aparatos e meios como televisão e rádio. É a oralidade eletrônica, que incorpora a verbalização condicionada a roteiros e edições.

Na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da psique. Contudo, sem a escrita, a consciência humana não pode atingir o ápice de suas potencialidades, não é capaz de outras criações belas e impressionantes. A cultura escrita, como veremos, é imprescindível ao desenvolvimento não apenas da ciência, mas também da história, da filosofia, do entendimento analítico da literatura e de qualquer arte e, na verdade, à explicação da própria linguagem (incluindo a falada) (Ong, 1998, p.23).

Na seara dos estudos que valorizam a memória, Bosi (1994) enfatiza a expressividade da narrativa dos velhos, à reflexão a partir de entrevistas aprofundadas. São

¹ Versos do poema “Ode ao Homem Comum”, que integra a obra “Dentro da Noite Veloz”, de Ferreira Gullar, publicado originalmente em 1975.

consideradas, nesta abordagem, as lembranças das pessoas idosas como guardiãs de uma história social que foi vivenciada com outros sujeitos, com sentidos compartilhados e evocados nas narrativas do modo que mais lhe agrada. É a experiência que passa de boca em boca, que obedece ao ritmo daquele que ainda está vivo, e testemunhou acontecimentos em contextos diferentes do atual.

Devemos ter consciência de que a memória está envolta em poder, indistintamente de ser memória individual ou coletiva: poder de lembrar, poder de esquecer, poder de omitir, poder de silenciar, e poder de lembrar de forma nostálgica (Bosi, 1994, p. 22-23).

As pessoas mais velhas são aquelas que certificam as lembranças das mais jovens, pela repetição dos relatos dos acontecimentos, especialmente no seio familiar. Atravessando o tempo, esses relatos se articulam às experiências sensoriais com os flashes, os sentidos que os mais jovens constroem. E estes, quando ficam idosos, assumem o papel de testemunhas das gerações anteriores. É importante destacar que a presença do rádio no cotidiano das pessoas exerce este papel peculiar: a ativação e construção da memória, ao abordar temas com remissão ao passado histórico.

Imaginemos a capacidade do rádio em provocar os ouvintes a ancorarem ideias, pois trabalha com elementos imaginários do interlocutor, resultando daí uma maior possibilidade de envolvimento mediante o conteúdo apresentado. O significado que decorre dessa situação vai ao encontro do conhecimento de mundo e das vivências de cada ouvinte (Gomes e Rodrigues, 2016, p. 15).

Assim, nosso projeto experimental parte do discurso oficial, ou seja, dos registros escritos com fundamentação científica, acrescentando relatos orais obtidos a partir de memórias de personagens ligados ao bairro João Paulo.

2.1 A palavra na dinâmica do rádio

Mesmo em uma era dominada pelas ferramentas digitais no contexto da globalização, instantaneidade e ubiquidade nos meios de comunicação, o rádio ainda exerce poder de atração a um público diversificado e mantém a capacidade de promover maior integração entre pessoas no ambiente local. Desde sua criação, do fim do século XIX até os dias atuais, é um meio que perdura e acompanha as mudanças tecnológicas e contribui para a compreensão da dinâmica e dos elementos que constroem conhecimento no cotidiano, ajudando a enriquecer a produção de sentidos na audiência.

Para entender o mérito do rádio como meio de comunicação, é de fundamental importância atentar aos múltiplos elementos da linguagem do veículo, essenciais no processo de planejamento, produção e circulação dos conteúdos. Ferraretto (2014) compreende o rádio

para além de uma mera ferramenta de comunicação e o toma como “meio de expressão” que consegue atingir o universo afetivo do público, construindo relações baseadas na sensação de proximidade. A voz (em geral, na forma de fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio são elementos constitutivos da linguagem radiofônica. São estímulos sonoros que podem atuar combinados ou isoladamente para proporcionar essa sensação, bem como a criação de imagens mentais. A oralidade é tomada como a principal característica do rádio, mas não é a única a provocar a sensação de proximidade. É importante considerar que o caráter intimista intrínseco ao meio se associa, em parte, ao imediatismo.

Trata-se de sua caracterização como uma espécie de companheiro do ouvinte, algo que está próximo no dia a dia e quebra a solidão, seja nas metrópoles, seja nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. E, gradativamente com a transformação dos locutores em comunicadores e com o simulacro de conversa próprio destes últimos, esse meio passou a falar com o ouvinte. (Ferraretto, 2014, p. 29).

No contexto brasileiro, por exemplo, o rádio se revelou um veículo sedutor por natureza, com espaço cativo na vida das pessoas, a partir de sua inserção e exploração dos estímulos sonoros. Pelas ondas do rádio, o locutor adentra diariamente no lar de cada ouvinte, desde a segunda década do século XX, estabelecendo um diálogo tal como se faz com um amigo próximo, para trazer boas novas. Alcança tanto lugares próximos, quanto pontos remotos, dado o seu caráter de penetração.

Ortriwano (1985, p. 78) vai ao encontro dessa visão, pois considera o rádio, dentre os meios de comunicação de massa, como “o mais privilegiado em relação aos demais, por suas características intrínsecas”.

A autora o destaca o rádio como um veículo socializador dando ênfase à linguagem oral, que democratiza a informação, atingindo todas as classes; à penetração por chegar aos pontos mais remotos do país; à mobilidade (tanto do ponto de vista do emissor e do receptor), garantindo ao ouvinte a informação, mesmo em lugares de difícil acesso; ao baixo custo, em comparação a outros meios (tv e impresso).

Ela também dá ênfase ao imediatismo, pela agilidade da transmissão; à instantaneidade, pela exposição à informação no momento em que ela é transmitida; pela sensorialidade, por estimular as “imagens mentais”, e pela autonomia, que permite um consumo individualizado da informação, dado ao transistor que o tornou livre de fios e tomadas.

Para Gomes (2016), essa forma de ver se refere a uma época em que ainda não se conheciam as possibilidades de utilização da Internet. Atualmente, o rádio adquiriu outros atributos que mantêm seu caráter popular perceptíveis pela capacidade do meio de evoluir constantemente, adequar-se às novas tendências e amalgamar a novos suportes. Ele ainda se faz

presente no cotidiano por meio do aparelho tradicional doméstico, no automotivo, em telefone móvel, ou mesmo por um sistema de som distribuído em ruas de centros urbanos e rurais². O veículo contempla, assim, outros aspectos como acessibilidade, versatilidade e alcance.

Dos receptores tradicionais aos associados às chamadas novas tecnologias de informação e comunicação – cada vez menos novas, na realidade –, a mensagem radiofônica acompanha o ouvinte, chegando a ele no radiorrelógio, que o desperta; no radinho de pilha, enquanto toma banho; no celular, durante o deslocamento por ônibus ou por lotação; no autorádio do carro, em meio às agruras do trânsito das grandes cidades; via internet, na escuta simultânea ao trabalho; e de dezenas de outras formas. Todas conectando o público ao mundo simultaneamente às atividades do cotidiano (Ferraretto, 2014, p. 29).

Apesar dos diversos apelos da televisão e das novas tecnologias digitais, o rádio ainda exerce fascínio nos ouvintes. Seus aspectos dinâmicos são expressos pelo modo como se realiza a transmissão da mensagem e como ela deve ser transmitida: com linguagem objetiva, num momento mais próximo possível à ocorrência dos fatos, o que traduz o caráter da efemeridade. Isso é esperado no universo radiofônico tendo em vista que a mensagem, uma vez dada, irá desaparecer quase que de forma instantânea. Exatamente por isso, ela precisa ser mais simples, informal e próxima do público, de modo a evitar que a audiência perca a linha de raciocínio, ou tenha dificuldades na compreensão do que é dito.

O rádio caracterizou-se pela fugacidade do seu conteúdo, situação em que, para o ouvinte, o som do instante atual deixa de existir no próximo instante, ao ser substituído por outro. Em outras palavras, consome-se a mensagem no momento de sua irradiação. A internet e tecnologias associadas a ela alteraram essa realidade com a disponibilização on-line de material já transmitido ou mesmo pela produção exclusivamente voltada ao podcasting. A regra geral, no entanto, ainda é pensar a mensagem considerando a alta fugacidade do sonoro (Ferraretto, 2014, p. 39-40).

O rádio chegou ao centenário no Brasil (em 2022) como um grande veículo de comunicação de massa, com abertura de espaço para a interação e participação, atendendo à necessidade de não seguir uma via de mão única. No decorrer da história, criou estratégias a partir da adoção de novas tecnologias para promover o contato entre ouvinte e emissora com envio de perguntas ou mensagens por telefone - que poderiam ou não ser respondidas - ou no “ao vivo”.

Embora o rádio tenha perdido espaço para as múltiplas telas, dispõe de virtudes como velocidade, simplicidade e popularidade e, por isso, “valorizou-se como canal de notícias e de prestação de serviços” (Nascimento, 2000, p. 11). Mais que uma ferramenta que auxilia quem tem necessidades de cumprir múltiplas tarefas no mesmo instante, tornou-se um companheiro, mais cômodo, prático e econômico.

² Emissoras denominadas via cabo utilizam o sistema de linha modulada e propagam as transmissões através de pequenas caixas de som afixadas em postes.

O grande fluxo de participação do ouvinte acabou por se revelar um desafio para as emissoras e os profissionais em suas rotinas de trabalho, especialmente com o advento da telefonia móvel, conectada à Internet. “Com a inclusão dos dispositivos móveis nas rotinas produtivas dos jornalistas, o rádio potencializou as suas transmissões.” (Gomes, 2016, p. 98).

O ouvinte, nessa dinâmica passou a atuar também como interlocutor, inserido num cenário marcado pela convergência, explorando as facilidades dos dispositivos móveis como os smartphones e os tablets, que dispõem de tecnologias que potencializam as características clássicas do rádio. A oralidade usada no meio passa por adaptações a novos formatos como o *podcast*, adquirindo maior flexibilidade de tempo e formato.

2.2 Documentário radiofônico: o gênero de múltiplas vozes

O gênero documentário radiofônico se apresenta como ferramenta que permite amplificar a voz das pessoas comuns, construindo e dinamizando a história oral. Valorizar essa dinâmica, além de democratizar a opinião pública, constrói estruturas complexas e temáticas multifacetadas que abordam diversos temas e perspectivas. E, em questões de subjetividade, os depoimentos que constituem o documentário adquirem veracidade, considerando a forma como são contados, os significados que são inseridos e a profundidade em que são concedidos acerca de um evento ou situação vivida.

Por influências diretas das propostas audiovisuais, o documentário foi adequado para o contexto radiofônico, ao apresentar características “vivas” e reais. Com o objetivo de deixar esses produtos sonoros mais imersivos, os produtores buscaram ambientar todas essas narrativas com apresentadores, músicas e efeitos sonoros. Um dos fatores que deslocou a ideia jornalística do audiovisual da radiofônica é o chamado “efeito de realidade” (Meditich, 2001a, apud Besspalhok, 2006, p. 4). Este efeito é entendido, dentro do contexto radiofônico, como a ideia do “ao vivo”, e se constitui como a principal diferença entre os formatos.

2.2.1 Proximidade entre reportagem e documentário

A tecnologia do rádio teve como precursora o Código Morse, que surgiu no início do século XIX e adquiriu condições para se desenvolver apenas nas últimas décadas daquele mesmo século, com Heinrich Rudolph Hertz, em 1887, e Guglielmo Marconi, em 1894, quando comprovada propagação das ondas sonoras de rádio (Silva, 2006, apud Kochhann et al., 2008).

No Brasil, o rádio teve seu destaque com os experimentos científicos do padre Landell de Moura, um dos precursores, dentro do ramo das telecomunicações, com equipamentos que transmitiam vozes e ruídos por meio de ondas. Essas transmissões, no Brasil, acontecem em sete de setembro de 1922, no Centenário da Independência do país, com demonstração pública no Alto do Corcovado pela empresa americana Westinghouse International Company, convidada pela Repartição Geral de Telégrafos³ (Ferraretto, 2018).

Com o desenvolvimento das atividades no meio radiofônico, o texto passou por um processo contínuo de transformação, e a transmissão direta das notícias evoluiu para formatos mais elaborados de narrativas mais complexas, como reportagem e, posteriormente, o documentário jornalístico.

O documentário radiofônico passou por uma transformação significativa ao abandonar o modelo centrado na voz única do locutor — típica da leitura de notícias — para incorporar uma diversidade de fontes orais, denominadas *sonoras*, compostas por vozes não profissionais. José (2017) pontua que essa mudança não apenas descentralizou a narrativa, mas também ampliou sua expressividade ao integrar trilhas musicais temáticas e recursos de sonoplastia, como efeitos e paisagens sonoras, conferindo ao gênero uma complexidade estética e sensorial antes inexistente.

As reportagens se desenvolveram, em território nacional, trinta anos após o advento da tecnologia do rádio, sendo, nas primeiras décadas, um “recorte” das notícias apresentadas nos jornais. Somente a partir de 1941, com o Repórter Esso, teve início, de fato, uma redação própria. Para entender o documentário radiofônico, é necessário entender a sua importância como uma reportagem ou “Grande Reportagem”, que são produtos mais extensos, e que buscam profundidade no tema abordado (Kotscho, 1995, apud José, 2017, p. 6).

Ferraretto (2014) também destaca essa importância, uma vez que o documentário não pode ser considerado apenas como uma versão ampliada da grande reportagem ou da reportagem especial. Não é a extensão ou a duração entre um e outro que os distingue, mas a intenção, o espaço dado aos entrevistados e/ou depoentes e o modo de captar a atenção do ouvinte. As reportagens tendem, desse modo, a apresentar maior profundidade ao contar uma história, e apresentar uma estética mais elaborada, ilustrando o que é dito com algumas falas e depoimentos. Por outro lado, o documentário jornalístico busca assimilar as sonoras, e permite explorar as mais longas, assumindo uma forma própria no modo de contar essa história.

³ A demonstração pública da rádio difusora sonora foi a primeira transmissão radiofônica no país, com veiculação de boletins informativos.

O documentário radiofônico apresenta, portanto, a importância do contexto para a produção e tem como ponto de partida a análise dos fatos pré-estabelecidos. Deixa de ser compreendido como uma notícia, sendo essa, uma estrutura mínima de organização e apresentação de um fato.

Agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema. Estas representações fragmentárias compõem um fio condutor que é o fato central. Ao fato central se juntam aos poucos outras representações fragmentadas de fatos adjacentes, que contribuem para a compreensão do tema. (Prado, 1989, apud Bespalhok, 2006, p.2)

O sentido de inquietação do assunto, ou questão em destaque, se impõe nesse modelo narrativo e impulsiona o produtor a elencar fatos que se correlacionam na contextualização, desencadeando a autonomia do produto. O documentário, portanto, corresponde ao “gênero que complexificou a reportagem, transforma o tema ou o assunto numa questão, isto é, problematiza as afirmações ou as negações que já aparecem como generalidades fechadas” (José, 2017, p.7).

Ferraretto (2014) aponta que esse tipo de conteúdo, no contexto radiofônico, costuma ser apresentado com maior frequência, como de interesse das rádios educativas ou públicas. No entanto, não basta identificar o veículo de transmissão, é necessário compreender como esse conteúdo se organiza, como ele tomou corpo e adquiriu importância ao longo da história. É necessário diferenciá-lo de outros formatos.

Ao produzir um documentário, cabe ao realizador formular bem o objetivo, providenciar um planejamento cuidadoso e elaborar um roteiro bem definido, que oriente os locutores no curso da gravação e os editores na versão final. Tudo para atrair e envolver o ouvinte.

[...] a regra é limitar o material a um objetivo declarado, sem deixar que se torne difuso e se espalhe por outras áreas. Por essa razão, é uma ótima prática o produtor escrever um briefing para o programa, respondendo às seguintes questões: “Aonde quero chegar?”, “O que quero deixar para o ouvinte?”. Mais tarde, a decisão sobre inclusão ou não de determinada matéria fica mais fácil à luz da própria declaração de intenção do produtor. Isso não quer dizer que os programas não possam mudar de forma à medida que a produção é feita. Um objetivo claro, porém, ajuda a impedir que isso aconteça sem o conhecimento e consentimento do produtor (McLeish, 2001, apud Ferraretto, 2014, p. 280).

Isso significa que a produção exige pesquisa, seleção de dados que atestem fatos históricos, contextualizem e interpretem os acontecimentos e definam a abordagem. É com o fruto dessa pesquisa que se pode elaborar perguntas que possibilitem às fontes e/ou depoentes conceder informações mais precisas e/ou mais robustas sobre o tema em foco. O olhar jornalístico, nesse caso, exige uma postura alinhada com a visão científica, no sentido de

hierarquizar “os pontos a ser mais e menos valorizados na narrativa, além de convergências e divergências – estas últimas, em especial, nas falas das fontes” (Ferraretto, 2014, p. 282).

A hierarquização consiste em elencar o que vai ser usado e o que vai ficar de fora do texto radiofônico, as sonoras de fontes que representam maior autoridade ou impacto para a consecução do objetivo traçado. Nessa tarefa, é importante, também, não negligenciar a forma e as estruturas adotadas, a previsão de um título, a duração, assim como um cronograma realista, de modo que sejam explorados recursos sonoros coerentes com o produto e cativantes para o ouvinte.

Uma contribuição relevante e enriquecedora da reportagem no documentário radiofônico é a ideia de dramatização dentro do produto, uma vez que faz uso de uma combinação de recursos sonoros que mobilizam a audiência e promovem a identificação, a imaginação e a reflexão de cada ouvinte.

Dramatizar a reportagem, por exemplo, não significa torná-la mentirosa ou apelativa, bastando que se saiba o quanto de ilustração sonora pode-se utilizar. Em todos os meios de comunicação é preciso usar as ferramentas que se dispõe com bom senso e bom gosto (Kochhann et al., 2008, p. 12).

Vale destacar que a dramatização radiofônica colabora para a compreensão da mensagem e para a memorização dos acontecimentos com base nos detalhes que são explorados por meio não apenas das falas, mas da música, dos efeitos sonoros e dos silêncios.

Dentro das funcionalidades do som, Kaplún (2017) afirma que, no meio radiofônico, elementos de composição de imersão são necessários, enquanto percebemos o som enquanto um produto. O efeito sonoro música e silêncios, são essenciais na construção dessas imagens sonoras do ouvinte. As funções do som enquanto atribuição **ambiental**, que exerce o encargo de “fotografia”, desenhando aspectos sonoros do ambiente que corresponde à narrativa.

Já na funcionalidade de **narrativa**, o som busca interligar funções da histórias que precisam de algum tipo de conectivo, para fazerem sentido.

Na função **expressiva**, os sons, assim como a música, auxiliam na compreensão para além do prático, isso quer dizer, que dentro de um produto, os sons também podem estabelecer conexões sentimentais com quem escuta, sinalizando a subjetividade dos sentimentos e afetos entre ambiente e/ou personagens.

Segundo Kochhann et al. (2008), a associação da mensagem com a música produz sensação de profundidade espacial, devido à harmonia, além de denotar movimento e cor através do ritmo e da melodia. Os efeitos sonoros podem, além de estimular a visualização das paisagens, mobilizar o universo subjetivo do ouvinte e conotar sensações e sentimentos. Já os silêncios, se bem usados, abrem pequenas janelas para a reflexão sobre o que é dito.

2.2.1 A construção da narrativa no documentário

Ao tratar do gênero documentário, Kaplún (2017) destaca que não se refere apenas às demandas do audiovisual, mas como uma representação vívida da realidade, que entende seus aspectos sociais, culturais e econômicos de todos que dela estão envolvidos.

Dessa forma percebemos que a construção do documentário, já no contexto sonoro, tem como viés, a imersão de uma realidade dialógica, permitindo a intercessão de quem constrói o produto e de quem consome o mesmo, já que não utiliza de utensílios imagéticos que ajudem na sua compreensão enquanto produto que emerge em realidades distintas.

O documentário radiofônico foi pensado e produzido com a finalidade de gerar a imersão do ouvinte, a partir de uma narrativa composta pela voz, música e sons. a linguagem radiofônica vai além da palavra falada, como compreende Kaplún (2017, p. 152): “Na produção dessas imagens auditivas, a música e os sons serão nossos dois preciosos auxiliares”. De acordo com o autor, o gênero constrói uma comunicação participativa, capaz de incentivar reflexões de âmbito coletivo, tirando de si as características de isenção, mas mostra, com base na apresentação dos fatos e relatos os discursos de âmbito identitário, com transformação social.

É um gênero que se subdivide em documentos vivos, onde os produtos se adequam na preservação das falas como algo que preserva o afeto das interações e intenções dos dados apresentados. Nesse caso, os relatos se mostram como uma espécie de captura da vivência individual e coletiva, e se tornam recursos para a construção de produtos radiofônicos com atributos educacionais, com uma configuração didática ao ouvinte.

Um dado se encadeia com o que o segue. O condutor do programa começa quase como o ouvinte, sem saber muito do tema, mas à medida que sua investigação avança vai descobrindo mais e mais. (Kaplún, 2017, p.135)

Já na reconstrução (montagem) o propósito de compreensão da realidade se adequa a reinterpretar o que foi vivido, com base na construção de características narrativas, estéticas escolhidas.

O documentário radiofônico pode destacar as características, reutilizar versões do passado e trazer como protagonistas questões de manifestações artísticas que moldam a forma de ver situações ou posicionamentos sociais. Dessa forma, a oralidade precisa seguir uma estrutura que ajuda o ouvinte a entender melhor, na compreensão e repetição, e dentre os diversos formatos (jornalísticos, coloquial ou formal), os comunicadores devem seguir um padrão de transmissão.

Ao analisar processo de organização de fatos e acontecimentos que alinha um sentido, entendemos o cerne sobre a narrativa. Dentro do contexto da comunicação, a responsabilidade da narrativa se dá pelo aspecto de recontar, e reorganizar o real, na busca pela neutralidade.

Já dentro do contexto sonoro, a importância dessa organização é ainda mais criteriosa, por entender que a o produto sonoro não utiliza de artifícios imagéticos para a construção de sentido, de modo instantâneo. E dessa forma, os elementos de composição desse produto, exercem um papel fundamental na construção dessa atmosfera, proposta ela narrativa.

Os aspectos sonoros, como a palavra, música, os efeitos sonoros e o silêncio além de serem o aporte técnico da produção são, segundo Meditsch (2005), o conjunto que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual do consumidor. A construção do processo narrativo que busca imersão faz uso desses aspectos, com o propósito de apresentar a realidade elaborada pelo roteirista.

Mckee (2006) destaca que, mesmo que uma história que pareça caótica, ela precisa ser unificada, ser submetida à ideia de composição, a partir de um roteiro, como o mecanismo que organiza esses fatos dentro das temáticas e estéticas pré-estabelecidas pelo roteirista.

Já Campbell define a ideia de *storytelling*, como “monomito” ou “jornada do herói”, onde ele destaca que boa parte das histórias apresentadas tiram o protagonista da zona de conforto, faz com que ele adentre o “mundo especial” e retorne ao início sob uma perspectiva de “transformação”. Percebemos isso, quando ele descrever a ideia de rito:

Os chamados ritos [ou rituais] de passagem, que ocupam um lugar tão proeminente na vida de uma sociedade primitiva (cerimônias de nascimento, de atribuição de nome, de puberdade, casamento, morte, etc.), têm como característica a prática de exercícios formais de rompimento normalmente bastante rigorosos, por meio dos quais a mente é afastada de maneira radical das atitudes, vínculos e padrões de vida típica do estágio que ficou para trás (Campbell, p. 20-21, 1949).

O produto que utiliza o *storytelling* e narrativa busca para além de informar, imergir nos acontecimentos, entendendo seus aspectos enquanto um produto que não utiliza de ferramentas visuais, mas que, se constroem em outros aparatos técnicos, que possibilita transferir o ouvinte em um mais âmbito subjetivo.

Kaplún (2017) aponta ainda pontos de contato entre o gênero e práticas educativas. Ele afirma que não é possível adotar métodos educativos sem antes estabelecer algum tipo de pedagogia que analise e certifique quem dela é influenciado. Assim compreendemos que, dentro do âmbito da educação, diversas ações educativas se tornaram práticas aplicáveis na circulação e percepção da metodologia de ensino.

A educação com ênfase nos **conteúdos** destaca o viés tradicional dos meios acadêmicos, aluno e professor. Modelo vertical e paternalista, onde entendemos o poder da memória, enquanto acervo do aprendiz, que absorve o conhecimento do “facilitador”. A educação com ênfase em **resultados**, que são encontrados dentro dos princípios orientadores de forma **explícita** ou **implícita**, e assim é necessário, uma **análise** mais **meticulosa** sobre **assunto** abordado, estabelecendo modelos de aprendizagem que se repetem, mostrando uma constância nas ações, nessa forma, dando foco nos resultados.

Por isso, a educação com base no processo, onde o destaque e as vivências enquanto indivíduo se relacionam com coletivo, assim dando espaço para trocas dialéticas. Desse modo entendemos que para os produtos sonoros, entender as metodologias educacionais e auxiliar no processo de crítico dos ouvintes, sobre determinados fatos, compreender instrumentos que são responsáveis enquanto impacto de desenvolvimento social, entender as necessidades enquanto coletivo e indivíduo em diversos aspectos (saúde, economia, cultura...).

De acordo com Barbosa Filho (2009), dentro das práticas educativas, o produto sonoro nos parece mais apropriado se utilizado como parte integrante de uma estratégia de difusão de conhecimentos em que estejam contemplados outros meios, sendo sua atuação definida a partir de ações que estimulem o aprendizado por meio do uso da linguagem do imaginário ou que existam como sustentação de ações educativas em que há o emprego da imagem e do impresso.

Mas é importante lembrar que, por mais que produtos sonoros possam tratar de assuntos educacionais, boa parte da população não tem acesso a linguagem acadêmica. Por isso, é necessário comunicar de forma clara e objetiva os conhecimentos a serem expostos pelo produto.

3 JOÃO PAULO: território, cultura e identidades

Nos tópicos seguintes, desenvolvemos abordagens específicas conectadas às dimensões sobre a totalidade do bairro. Dessa forma, na linha do tempo, costuramos a teia econômica, política, geográfica e cultural do João Paulo, por um fio condutor das particularidades necessárias à compreensão histórica do objeto de estudo.

3.1 Um território, múltiplas vozes e olhares

Entre fins do século XIX e início do século XX, a paisagem rural de uma área que abrigava sítios, quintas e/ou chácaras, nas adjacências do Centro Histórico, se transformou gradativamente em paisagem urbana, às margens do antigo Caminho Grande⁴, trecho que já foi a única via de acesso do interior da Ilha ao centro da cidade, até o início do século XX. Essa transformação foi impulsionada pelo crescimento demográfico, pela transformação na mobilidade local, expansão residencial por meio dos loteamentos, e pelo desenvolvimento comercial. Tudo isso articulado à dinâmica das manifestações culturais que se tornaram elementos caracterizadores da localidade.

Mas que elementos caracterizam e constituem o perfil histórico e cultural do João Paulo, em São Luís?

A história do bairro tem registros oficiais e um mosaico de leituras, interpretações e relatos de experiências que complementam e sinalizam o desenvolvimento da própria cidade. Nesse período, o João Paulo se transformou para dar suporte aos trabalhadores das fábricas, especialmente as têxteis, na medida em que elas começavam a se instalar na capital.

A própria cidade também estava em transição do modelo rural para urbano, em um cenário político e econômico favorável, tendo em vista a construção de obras iniciadas em fins do século XIX nos setores portuário, ferroviário, comercial, educacional e de saneamento. Neste contexto, é importante tratarmos do conceito de território, um ente espacial em que os sujeitos interagem e desenvolvem a ideia de pertencimento e formula a noção de identidade pela história que constrói coletivamente.

⁴ O Caminho Grande era o nome da área que, conforme Santos (2021, p. 74), “se constituía como a única passagem por terra do Centro da cidade para o litoral norte, áreas interioranas da ilha e do Estado”. Corresponde ao trecho da cidade ocupado hoje, principalmente, pela Rua Oswaldo Cruz (Centro) e pelas avenidas Getúlio Vargas (Monte Castelo e Apeadouro), São Marçal (João Paulo e bairros adjacentes), João Pessoa e Casemiro Júnior (no Anil). Com a expansão da cidade, esse trecho passou a dar acesso a novas formações de bairro, que, atualmente, correspondem a 60. Segundo Curvelo-Matos (2014, p. 62), “os 60 bairros, que figuram nesse caminho são resultantes do natural processo expansionista de São Luís, por isso, tanto o Antigo Caminho Grande quanto os bairros que o configuram ou surgiram a partir dele, são importantes histórica, geográfica e culturalmente”.

Assim como o lugar, o território produz uma enorme carga subjetiva, onde seus habitantes criam fortes laços de identidade e de apego a uma determinada porção do espaço. Com isso, ao apropriar-se de um espaço qualquer, os grupos sociais desenvolvem características comuns, construindo no seu cotidiano, relações afetivas com o seu território, que por sua vez é transformado de acordo com as vontades e anseios do próprio grupo (Santos, 2021, p. 108).

Nessa vivência coletiva, os sujeitos nomeiam os lugares de acordo com o cotidiano, predominantemente de forma espontânea. No Brasil, isso é um hábito e não poderia ser diferente no espaço urbano ludovicense. Esse ato de nomear não se trata apenas de uma questão linguística, mas de um processo de construção de sentidos que os sujeitos realizam dentro do espaço que ocupam.

Trata-se também de um gesto de valorização do ambiente que não se restringe à via de passagem de pessoas ou veículos, de endereço residencial, ou ponto geográfico, mas de abrigo de práticas socioculturais, cenário de experiências que ficam gravadas no tempo por meio das memórias. A nomeação dos logradouros nasce, portanto, da língua viva, e se dá no campo da toponímia. “O topônimo é um alicerce na construção de identidades e por mais que alguns nomes tentem se manifestar por imposição, seu uso implica certo consentimento” (Santos, 2021, p. 109).

Em uma análise toponímica, a pesquisadora Curvelo-Matos (2014), apresenta São Luís como uma capital que estava dividida em quatro grandes áreas⁵ constituídas por bairros que se formaram em torno de caminhos ou estradas: Centro, Centro Rio Anil, Centro Rio Bacanga e Centro Caminho Grande. Essas áreas abrigam bairros que correspondem a 81 topônimos.

Localizado a 4,2 km do Centro de São Luís, via Avenidas São Marçal / Getúlio Vargas, o João Paulo é um dos bairros do antigo Caminho Grande. Para Curvelo-Matos (2014), os primeiros documentos oficiais que fazem referência ao bairro datam de 1863, ano de aforamento⁶ de terreno próximo a diversos sítios - que posteriormente daria lugar ao João Paulo e Bairro de Fátima -, por José de Souza Gayoso e Francisco Gomes de Souza, junto à Câmara Municipal.⁷

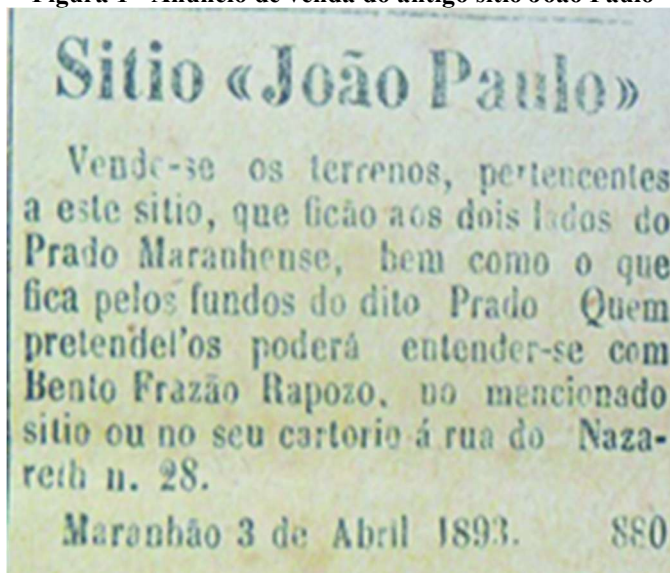
⁵ Ver quadro em anexo.

⁶ Segundo o termo da tomada por aforamento, a localidade fora designada como “um terreno ao Caminho Grande, com uma área de cem *braças* [1,82m] quadradas, contendo duzentas braças de frente e cem de fundo, além das terras adjacentes, confrontando com os sítios João Paulo, Cavaco [atual Bairro de Fátima], Texeira e outros” (Diário do Maranhão, 27 jul. 1908 apud Curvelo-Matos, 2014, p. 259, grifo nosso).

⁷Curvelo Matos (2014) extrai as informações do Memorial de Ação Reivindicatória publicado no Diário do Maranhão em 27 jul. 1908, que registra o termo respectivo da tomada por aforamento lavrado em 30 de março de 1863.

Antes de se tornar João Paulo⁸, a localidade era denominada Prado⁹, e possivelmente, compreendia as terras do sítio onde estava localizado, conforme indica o anúncio a seguir:

Figura 1 - Anúncio de venda do antigo sítio João Paulo



Fonte: Dean (2015)

Quanto à adoção do nome João Paulo, as respostas podem ser encontradas pelo perfil toponímico da cidade¹⁰: “O processo de nomeação dos logradouros não é feito de forma aleatória, já que o nomeador representa, nos topônimos, os elementos que deseja simbolizar, homenagear, perpetuar, memorizar”. (Curvelo-Matos, 2014, p.13). E nesse caso destacamos duas versões. Segundo a pesquisadora, o nome é um caso de “*Antropotopônimo*, que conservou sua natureza histórica e antropocultural”¹¹ (Curvelo-Matos, 2014, p.107, grifo nosso), ou seja, faz referência ao proprietário do sítio localizado às margens do Caminho Grande, João Paulo

⁸ Após trinta anos do aforamento das terras próximas ao Sítio João Paulo, o Diário Oficial do Estado do Maranhão (Diário do Maranhão, 12 ago. 1893, anuncia a venda pública do Sítio supramencionado no Leilão Mercantil do Agente Bastos. O terreno era referenciado como propriedade de foro da Intendência da Capital. O anúncio indica que havia dois sítios nas redondezas, bem como a proximidade com o Rio das Bicas que fornecia água potável e de boa qualidade, e dispunha de uma casa de pedra e cal. O terreno poderia ser “utilizado até para solta de gado, com grande pindobal, baixa extensa para o plantio de capim, grande quantidade de árvore frutífera, pedreira” (Curvelo-Matos, 2014, p. 267).

⁹ A venda do Sítio João Paulo já havia sido anunciada meses antes em jornal de grande circulação do anúncio da venda no Leilão Mercantil, mas com referência à denominação Prado, que possivelmente compreendia as terras onde o sítio estava localizado.

¹⁰ A análise do perfil toponímico da cidade, considerando os quatro séculos de história, é feita com base em edições de jornais, leis municipais e pesquisas sobre São Luís. Curvelo-Matos (2014) contempla fatores de natureza diversa: culturais, sociais, geográficos, históricos, econômicos, políticos e habitacionais.

¹¹ Antropotopônimo é a prática de denominar lugares com nomes de pessoas.

das Chagas, de modo semelhante ao que ocorreu em outros bairros¹². Já o jornalista Dean (2015)¹³ segue linha parecida, mas registrou outra versão: “João Paulo Chagas era um vendedor de lanches que ficava às margens do Caminho Grande, na área do atual bairro”.¹⁴

Figura 2- Retirada do comércio informal do mercado do João Paulo no ano de 1970.



Fonte: O Imparcial (1974) Disponível em: @feiradojoaopaul (perfil no Facebook).

Até a década de 1920, o bairro era considerado subúrbio, sem definição de ruas e sem os devidos serviços de pavimentação e saneamento, com uma ocupação mais próxima do eixo viário. Já dispunha de uma Feira Livre¹⁵, que se desenvolveu próximo ao Largo de São Roque¹⁶ e à Rua da Cerâmica, tornando-se ponto de encontro entre o rural e o urbano, e experimentou uma expansão comercial, com avanços dos serviços públicos no Caminho

¹² No período compreendido entre 1813 à primeira década do século XX, bairros como o Lira, Barreto, Sá Viana e Jordoa foram nomeados de acordo com os proprietários das terras lá situadas, como sítios, chácaras ou quintas.

¹³ Homenagear antigos moradores, personalidades influentes ou pessoas que desenvolviam determinada atividade comercial eram outras possibilidades que aparecem em depoimentos de moradores mais velhos do local.

¹⁴ No centro da cidade, a fama do ponto de parada no Caminho Grande, bem como a do próprio comerciante crescia, enquanto os passantes substituíram Prado por João Paulo todas as vezes que se referiam ao local. Gradativamente, mais pessoas dedicavam seus fins de semana e outros dias de descanso ao lazer no novo ponto de encontro, inclusive casais de namorados. E, assim, o novo nome se consagrou, mesmo após a morte do homenageado.

¹⁵ A Feira se tornou a primeira atividade comercial fora do Centro, uma alternativa numa época em que a Praça da Alegria era o limite para que os comerciantes advindos das áreas rurais pudessem efetuar a venda de seus produtos, a depender do gênero.

¹⁶ O local fica próximo à Rotatória, e ao 24º Batalhão de Infantaria de Selva. Hoje, abriga a Unidade de Educação Infantil Nielza Lima Matos e o Segundo Distrito Policial de São Luís. Além disso, é palco das apresentações da Festa de São Marçal.

Grande,¹⁷ tornando-se um subcentro funcional.¹⁸ Foi elevado à condição de Vila e reconhecido como Zona de Habitações Operárias, pela Lei Municipal n. 425, de 1º de agosto de 1929.

Em 1941, passou a sediar o 24º BC (Batalhão de Caçadores), atual 24º BIS (Batalhão de Infantaria de Selva) que fora transferido da Praça Deodoro (Campo do Ourique) para a então Avenida João Pessoa. Isso atraiu mais moradores, especialmente do interior do estado, para a localidade, que, seguindo a prática habitual, homenagearam personalidades locais atribuindo seus nomes às primeiras ruas e logradouros¹⁹

Agostinho Torres foi um proprietário de terras ao lado de um antigo porto na localidade, na época um pequeno igarapé. Ele também era dono de glebas por trás do quartel chamado Paraíso, onde existia uma entrada de mar, que chamavam de Praia ou Caieira de Agostinho Torres.

[...]

Outro importante morador do João Paulo, e que ajudou no desenvolvimento do bairro, foi Simeão Costa. Ele implantou uma indústria no local, uma olaria, que durante muito tempo produziu cerâmica. Por causa disso, a rua em que ficava localizada a olaria de Simeão Costa era chamada de Rua da Cerâmica, nome pelo qual ela ficou conhecida até hoje. (Dean, 2015)

Essa adoção de antropotopônimos, prática de denominar lugares com nomes de pessoas, também se materializou com a chegada de estabelecimentos comerciais, conforme o que foi levantado por Dean (2015): “Além dos atacadões, outra tradição comercial do bairro são as farmácias. Uma delas, a São João, conhecida antigamente como Farmácia do Espanhol, resiste há pelo menos meio século”.

O processo de urbanização avançou, com a construção de conjuntos habitacionais²⁰ em São Luís e de equipamentos públicos, como construção de praças e mercados, bem como a instalação de escolas públicas e particulares, igrejas e demais serviços:

Foi a partir da Fundação da Casa Popular que houve a construção e entrega de dois Núcleos Habitacionais ao longo do Caminho Grande, o Núcleo Residencial do Timon – Areial (atual Monte Castelo), constante de 50 casas e o Vila Nova do João Paulo (João Paulo) que dava continuidade ao projeto que previa a construção de 1.500

¹⁷ O Caminho Grande passou por uma ampliação, quando foram criadas as avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa (atual Avenida São Marçal), tendo em vista a chegada do bonde elétrico em 1924. Foi um exemplo de avanço tecnológico, apresentado como o principal fator para inserção de mudanças, inclusive de costumes: o bonde elétrico substituiu o bonde a vapor que existia desde 1893, que já havia tomado lugar do bonde puxado por tração animal.

¹⁸ Nesse período, com avanço na industrialização e inchaço demográfico de São Luís, todo o conjunto de equipamentos públicos e unidades comerciais que para lá progressivamente se deslocaram favoreceram o desenvolvimento de novas atividades comerciais. O bairro conquistou maior importância socioeconômica, especialmente com a chegada do bonde elétrico e a instalação da Feira Livre, a primeira fora do centro de São Luís.

¹⁹ O bairro adquire as condições necessárias para que se transformasse no que é hoje tendo em vista o processo de urbanização de São Luís.

²⁰ Surgiram, no período, programas de estímulo à “fixação de moradias não só para funcionários públicos (federais, estaduais e municipais), mas para os da iniciativa privada, atendendo dessa forma a classe operária” (O MARANHÃO, 02 mai. 1948 apud Curvelo Matos, 2014). Órgãos como o IAPC e a Fundação da Casa Popular, criados durante o mandato do Presidente Eurico Gaspar Dutra, se ocuparam da construção de conjuntos habitacionais em São Luís.

habitações populares: “Prosseguem as construções – Mais 250 casas serão construídas no local Vila Nova do João Paulo, em terreno que a Prefeitura já está terraplanando” (O Maranhão, 02 mai 1948 apud Curvelo Matos, 2014).

Na década de 70, a Feira Livre passou de alternativa para um pólo comercial da cidade, com as primeiras instalações em outro ponto da então avenida João Pessoa²¹. No sentido Centro-Bairro, o mercado ficou entre à rua Projetada (onde havia o antigo Curtume) do lado direito; o Sítio do Cruz (atual Colégio Batista), do lado esquerdo; e o estande de tiro do quartel (atual Centro de Cultura Negra – CCN), ao fundo, no bairro dos Barés.²²

O ambiente da feira funciona como uma ágora, que congrega pessoas que estabelecem, no contexto de relações comerciais, laços de confiança e de ajuda mútua, seja pelo caderninho do “fiado”²³, seja pela negociação que faz com que um produto seja vendido por um preço mais baixo. Isso se dá pela simpatia que vendedor e comprador inspiram um no outro, que, muitas vezes, é passada de geração em geração, pelas histórias que se ouve em casa, ou que se vivencia quando criança junto aos pais, nas idas à feira.

Cada frequentador do lugar, seja morador ou não do bairro, costuma ter histórias para contar que envolve questões afetivas. Araújo (2022)²⁴ faz um relato ilustrativo em relação a isso:

A feira do João Paulo ainda hoje é uma caixa amplificadora do rádio ao vivo, sem cerimônia, feito por vários locutores, desordenada, costurada no burburinho das idas e vindas, no trânsito das gentes em busca de comida, mediada pelo dinheiro, no processo da troca de mercadorias. É o lugar do encontro onde se busca a satisfação das necessidades emergenciais - o alimento -, mas também o palco de exercício dos falantes, da prática das vozes, discursos, dizeres e saberes. O trânsito das pessoas, as vozes e os ruídos moldam o sentido da ágora, o ambiente de debate sobre a vida pública e privada, campo de compartilhamento do cotidiano dos trabalhadores e consumidores, em papéis alternados. (Araújo, 2022, p. 16)

Outro ponto comercial que merece destaque é a rua Riachuelo, paralela à avenida principal, que concentra armazéns e distribuidoras de gêneros alimentícios e artigos de higiene

²¹ A transferência para o novo ponto foi realizada em 1976, quando foi construído o Mercado Municipal, sob a gestão de Ivar Saldanha. Em 1987, do outro lado da avenida Projetada, se instalou a Sudinvest, antiga indústria de confecções (onde funcionam atualmente lojas de variedades e farmácias).

²² O prédio que passou a sediar o CCN a partir de 1994 já funcionou como um depósito de pólvora da Província do Maranhão e, depois, um mercado de escravizados. Tornou-se, posteriormente, estande de tiro do 24º Batalhão de Caçadores.

²³ Ato de comprar para pagar depois de um determinado período a ser acordado entre quem vende e quem compra, com base na confiança, na simples garantia verbal de pagamento.

²⁴ O Professor Ed Wilson Araújo é comunicador e Professor do curso de Comunicação Social da Ufma e, na infância, vivenciou várias experiências naquele ambiente, tendo em vista que o pai era proprietário de uma quitanda, unidade comercial de produtos de variedades. A quitanda era não só fonte de renda da família, mas local onde se materializavam laços afetivos e de confiança, onde personalidades da cultura local paravam para comprar, conversar e até mesmo cantar, chamando a atenção dos demais transeuntes e consumidores. Cf. relatos na introdução da obra (Araújo, 2022), incluída na lista de referências.

e limpeza, comercializando itens no varejo e no atacado. Nas transversais, abrigam estabelecimentos de vendas de material de construção e serviços diversos.

Atualmente, o bairro abriga 75 ruas e se limita pelos seguintes bairros: Coroado, Coroadinho, Jordoa, Ivar Saldanha, Caratatiua, Apeadouro e Bairro de Fátima. É sede do 24º BIS (Batalhão de Infantaria de Selva) e da segunda maior feira livre da capital (formada por três unidades), com grande circulação, localizados na avenida São Marçal (antiga João Pessoa), hoje com 2,94 quilômetros de extensão. A avenida atravessa os bairros João Paulo, Jordoa, Barés e Filipinho, e possui grande fluxo de pedestres e veículos. Tornou-se uma importante conquista para a cidade, facilitando um acesso que antes era restrito.

3.2 Os sujeitos e as relações com o lugar

Ao analisarmos o espaço do bairro João Paulo, identificamos uma interseção de necessidades, crenças e manifestações culturais das pessoas que ali habitam. Essas relações constroem especificidades e traços socioculturais que intervêm diretamente na dinâmica do bairro. Nesse contexto, a religião se apresenta como um dos principais elementos de união e cooperativismo comunitário. Desse modo, é coerente tratar de alguns conceitos relacionados às marcas multiculturais que se estabelecem na formação social dessa comunidade.

3.2.1 Sincretismo, multiculturalismo e formação das identidades

No João Paulo, ao mesmo tempo em que as vivências religiosas aproximam os indivíduos, elas também transformam traços do lugar. Esse fenômeno pode ser compreendido como parte do *multiculturalismo*, um conceito que envolve a convivência de diferentes práticas religiosas e culturais em um mesmo espaço. Segundo Van der Veer, (2005, apud Ferretti, 2014, p.20), o **sincretismo** está no cerne desse debate, representando uma política de diferença e identidade. Ele ressalta que a noção de poder é fundamental para compreender o sincretismo, pois é por meio dela que se estabelecem distinções entre práticas religiosas consideradas “verdadeiras” e aquelas vistas como “falsas”. O conceito pode ser interpretado positivamente, por promover a tolerância ou negativamente, por alguns, ao representar o declínio da chamada “fé pura”.

Essa reflexão dialoga com o que Consorte (1999, apud Ferretti, 2014 p.18) aponta ao tratar do debate sobre o sincretismo no Brasil. Para ela, essa discussão ganhou força entre as décadas de 1930 e 1940, sendo de interesse restrito aos meios acadêmicos e à Igreja. A

novidade, entretanto, surgiu na década de 1980, quando a questão passou a envolver diretamente a comunidade do candomblé na Bahia e a ser divulgada nos meios de comunicação de massa. Nessa perspectiva, Consorte (2010, apud Ferretti, 2014 p.18) destaca que a religião católica foi um dos principais veículos de inserção do homem preto na sociedade brasileira. Por isso, argumenta que o sincretismo não pode ser visto apenas como uma indumentária ou um aspecto superficial, mas sim como uma estratégia complexa de sobrevivência e afirmação identitária.

Embora o autor reconheça o sincretismo como resultado de um processo de dominação colonial — que forçou os sujeitos das religiões afro-diaspóricas a reestruturar suas crenças dentro da lógica do poder europeu — ele aborda essas trocas culturais a partir da noção de hibridismo²⁵, uma espécie de amálgama entre dois sistemas simbólicos. Nesse sentido, propõe uma leitura em que ambas as tradições envolvidas no contato podem participar da produção de novos significados, ainda que apresentem nuances distintas e desigualdades históricas.

O catolicismo do vodun, do candomblé e da santeria não é uma máscara para esconder a adoração de divindades africanas da perseguição. Representa a religião dos senhores, transformada e apropriada pelos escravos, aproveitando seus poderes no universo do discurso.[...] Quero ressaltar que o sincretismo envolve necessariamente tanto a destruição quanto a reconstrução e, portanto, é intrinsecamente político (Apter; Herskovits 2005, apud Ferretti, 2014, p.17).

A ideia de sincretismo vai além da religião, no contexto do João Paulo, envolvendo aspectos da cultura que auxiliam na sua permanência. Não representa perda, mas sim a capacidade de absorver e criar novas formas de viver em comunidade. “Em sociedades como a nossa, o sincretismo pode ser considerado como fato social total, relacionado com instituições religiosas, políticas, familiares, econômicas, estéticas, culturais, que, ao mesmo tempo é imposto e voluntário (Mauss, 1974 apud Ferretti, 2014, p.30).

A partir destes conceitos, compreender a dinâmica do João Paulo exige conhecer a extensa e profunda associação de tradições religiosas e práticas populares. Esse entrelaçamento transforma o bairro em um verdadeiro campo multicultural, onde diferentes expressões culturais e religiosas coexistem e se influenciam mutuamente. Equipamentos como a feira e a rua Riachuelo, o Centro de Cultura Negra, a Turma da Mangueira e a Festa de São Marçal são fundamentais nessa construção cultural. Cada um desses espaços e/ou sistemas simbólicos, com

²⁵ Derivado da Biologia, o conceito de hibridismo busca pensar a mistura entre culturas sem necessariamente reafirmar a hierarquia entre elas. O hibridismo é concebido pelo autor como uma lente alternativa, mais simétrica, que ajuda a compreender a complexidade dos processos culturais sem apagar os conflitos e assimetrias do contexto colonial.

seus aspectos distintos, contribuem para o fortalecimento do sincretismo religioso e cultural, ao mesmo tempo em que se alimentam dele. Assim, o bairro revela-se como um território vivo de resistência, ancestralidade e identidade plural.

Para compreender o bairro como polo econômico e celeiro cultural da capital maranhense, faz-se necessário recorrer às concepções de Hall (2003; 2006)²⁶, que ampliam nossa visão sobre os frutos dos processos ocorridos ao longo da formação do bairro. Para ele, as identidades são suscetíveis às influências do ambiente ao qual estão inseridas, sendo construídas pelas vivências e heranças carregadas por cada sujeito. Cada identidade parte de uma dinâmica social em constante transformação, configurando e reconfigurando a partir das subjetividades em trânsito nesse processo.

Na perspectiva de Hall, os elementos como o comércio, as festas populares, a religiosidade e outras práticas realizadas em cada localidade oferecem subsídio suficiente para a formação das identidades e também a formação cultural do território.

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes (Hall, 2006 p. 71 – 72).

A construção da identidade cultural, portanto, é permeada pelas disputas simbólicas, referindo-se às convenções estabelecidas por meio das lutas e representações de cultura. No João Paulo, isso é evidenciado por meio das relações entre os indivíduos e o bairro, ora estigmatizado por estar situado em uma região periférica e ainda marginalizada, e também por sua associação a uma atmosfera caótica, ora por ser um espaço de residência, pela sua relevância econômica para a cidade e em função do espírito comunitário associado aos vínculos ali construídos. “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” (Hall, 2006, p. 48).

Dessa forma, entender as dinâmicas do João Paulo, sob essa perspectiva, permite conceber o bairro não como um mero território, mas como um espaço de natureza mutável onde as identidades se criam a partir das relações constituídas. Trata-se de uma personificação da identidade de todo um grupo, em termos culturais e socioeconômicos.

²⁶“Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais” (2003); “A Identidade Cultural na Pós-modernidade” (2006).

3.2.2 A ideia de cultura e as múltiplas expressões

Com os avanços industriais e tecnológicos na cidade, o bairro manifestou uma nova necessidade: a de se entender como força cultural, o que exigiu gradativamente a organização das suas manifestações e respectivos responsáveis. Nesse intuito, o Centro de Cultura Negra (CCN) surge como um expoente que busca dialogar diretamente com a comunidade, entendendo suas necessidades e, dessa forma, dando o suporte necessário.

Os representantes da entidade partiam do conceito de cultura de Almícar Cabral, defensor dos direitos do povo de Guiné Bissau e expoente da luta pela independência do país. Para o pensador africano, cultura era sobretudo luta:

O valor da cultura como elemento de resistência ao domínio estrangeiro reside no fato de ela ser manifestação rigorosa, no plano ideológico ou idealista, da realidade material e histórica da sociedade dominada ou a dominar. Fruto da história de um povo, a cultura determina simultaneamente a história pela influência positiva ou negativa que exerce sobre a evolução das relações entre o homem e o seu meio e entre os homens ou grupos humanos no seio de uma sociedade, assim como entre sociedades diferentes (Cabral, 2011, p. 359).

É nos costumes e práticas cotidianas que a cultura é incorporada a partir do momento em que se constrói sentidos dentro de uma vivência coletiva, em um contexto determinado. “Cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade.” (Santos, 1996 p.24).

Essa visão afasta a ideia de que somente a “arte culta” pode ser considerada cultura, uma vez que se trata de uma dimensão que está vinculada aos modos de vida de um povo e a forma como esse povo se organiza socialmente. Ao mesmo tempo, nega a ideia restrita de cultura apenas como práticas folclóricas, e defende um carácter mais abrangente, que envolve todas as atividades e saberes de um grupo.

“Quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social.” (Santos, 1996 p.24). Neste entendimento, o saber popular também é cultura e reafirma seu entendimento de cultura para além do erudito, rompendo com uma visão elitista.

Essa visão dialoga com pontos trabalhados por Hall em algumas de suas obras, quando ele evidencia dinâmicas de poder relacionadas à cultura. Ele explica ainda que cultura não se trata de algo fixo: “Nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” (Santos, 1996, p.47).

O bairro João Paulo, neste aspecto, pode ser compreendido como um território marcado pela capacidade de resistência e reinvenção dos sujeitos envolvidos, uma vez que realiza práticas que expressam uma complexa negociação entre diferentes sistemas simbólicos.

Cultura pode por um lado referir-se à 'alta cultura', à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura surge em oposição à selvageria, à barbárie; cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana. (Santos, 1996, p.35)

Com base nos conhecimentos e costumes geracionais, o Centro de Cultura Negra buscou ser a ponte que interliga os costumes e tradições com as necessidades que correspondiam à comunidade na época. Para McLuhan (1964), esse modo de veiculação de conhecimento, ou a mensagem, não é o único elemento importante, mas também o meio que a faz circular, e, dependendo da mídia responsável por essa circulação, pode variar as percepções e interpretações do consumo desta mensagem.

Mas para Williams (2016), essa ênfase tecnológica não é algo externo que se impõe sobre a sociedade, mas sim, algo derivado dela, assim como os meios em que dele imprimem construção social.

Dizer que a televisão é agora um fator de socialização, ou que seus controladores e comunicadores estão exercendo uma função social particular é dizer muito pouco, até que as formas das sociedades determinam qualquer socialização particular, bem como as funções de controle e comunicação, sejam especificadas. (Williams, 2016, p. 130)

Deste modo, entendemos a importância do CCN como propulsor também de um veículo de comunicação que busca difundir mensagens de forma acessível em um espaço que proporciona trocas de saberes, costumes e tradições distintas. Ao longo do tempo, os canais de comunicação potencializaram comportamentos padrões, que diferem com a realidade e com as identidades diversas que, conseqüentemente, não dialogavam mais com esferas sociais que não detinham do mesmo padrão representado, e assim o veículo de comunicação se reconfigura com base nas demandas atuais.

Para Kellner (2001), a ideia de pós-modernidade está atrelado justamente ao fato de não haver uma "dominância cultural", já que, por conta de todo o avanço advindo das tecnologias e mudanças sociais, foram se acumulando diversas estéticas, pensamentos tradicionais e atuais que se concatenam em um único período.

Entendendo espaços que fortaleçam a cultura, construir um senso de identidade atrelado ao avanço das tecnologias busca difundir não só difundir o que antes era tratado apenas de forma oral, mas compreender seu peso para o momento em que se apresenta.

Segundo Hall, as mídias não refletem apenas a realidade, mas ela é capaz de construí-la, e dessa forma, os responsáveis por produzir as mensagens midiáticas, promovem o pensamento dominante, mas que são decodificadas as necessidades e entendimento de quem as consome. Para ele, "se o sentido não é articulado na prática, não pode haver consumo" Assim, todo o conhecimento adquirido dentro desses ambientes, em específico no bairro do João Paulo, dialogam diretamente com as vivências, carregando valores, ideologias e interesses contribuindo para a construção de um espaço social.

Portanto, é compreensível que a ideia de veículo de comunicação se proponha para além dos canais estabelecidos, mas também, como esferas sociais que interligam entendimentos, desde tradicionais a atuais, contribuindo ou não para sua permanência nesses meios, assim como quem dela é influenciado.

3.3 João Paulo é trincheira

Para entender o João Paulo como território de resistência, foi necessário investigar a transversalidade dos equipamentos e das manifestações culturais situadas naquela localidade. O estudo sobre Centro de Cultura Negra (CCN), Turma da Mangueira, Boi da Lua e o Encontro de Bois de Matraca revela dinâmicas que comportam similaridade, ressonando entre si por meio das influências sofridas no decorrer dos processos de formação de cada um destes elementos.

3.3.1 O CCN: núcleo de transformações

Figura 3 - Registro da sede do Centro de Cultura Negra em 1985.



Fonte: O Imparcial (1986). Disponível em: @slzmemoria (perfil do Instagram).

O Centro de Cultura Negra (CCN) é um espaço de formação educacional e cultural que surgiu a partir da demanda da comunidade negra por políticas públicas básicas capazes de contemplar a população negra no que tange aos serviços de educação, saúde e moradia. Nasceu com o objetivo de discutir a condição do negro na educação, tendo em vista que a educação oferecida pelo Estado tinha, e ainda tem, dificuldades de discutir as relações raciais, principalmente em relação à população negra.

A luta pelos direitos da população negra em todo o Brasil, especialmente nos grandes centros (São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia), estava em plena efervescência na década de 70. No Maranhão, um grupo de intelectuais e outros jovens negros e não negros representaram mais uma etapa dessa mobilização. Com as influências dos outros estados, esse movimento ainda embrionário envolveu participantes que já estavam inseridos no ambiente acadêmico, em órgãos oficiais e diversos espaços de militâncias no estado. O grupo promoveu as primeiras reuniões no ano de 1978, que aconteciam em vários pontos da cidade.

Dessas reuniões, nasce, em 19 de setembro de 1979, um espaço de debate sobre todo o direito e a situação de uma população negra diante de uma sociedade pós-escravista e que ainda mantinha profundas relações sociais e econômicas com a escravidão. Era o final da Ditadura Militar, e os professores Luís Alves Ferreira, conhecido como professor Luizão, e a professora Raimunda Araújo, mais conhecida como Mundinha Araújo, João Francisco e Maria do Rosário se tornaram protagonistas da luta pela anistia e contra a repressão.

A chegada ao João Paulo foi de enfrentamento e resistência quanto aos olhares discriminatórios raciais no ambiente do entorno do prédio que se tornaria sede da entidade, mas o CCN prosseguiu com a luta do movimento negro, tomada a partir da visão africana, com a missão de propagar as mensagens de afirmação de identidade étnica, de modo amplo.

Ao longo dos anos, passou a reivindicar políticas públicas que sanassem a deficiência no campo da educação, realizando projetos sociais, com ações sensibilizadoras e formativas para a comunidade, especialmente para crianças e adolescentes. Para a entidade, a educação é uma ferramenta de libertação e de acesso a direitos, e prioriza o diálogo com a juventude de espaços periféricos, desprovida das políticas públicas devidas.

E em 1984, criou o bloco afro Akomabu, que, ainda que possua uma natureza lúdica e se faça presente na programação carnavalesca da cidade, tem em suas letras as reivindicações da população negra, como ocorreu em sua última apresentação, atuando durante o ano inteiro no João Paulo e em outros bairros. A entidade conta e já contou com várias personalidades

marcantes do bairro nas atividades e projetos da casa, como a saudosa Dona Teté, do Cacuriá, e Ribamar Castro, babalorixá, dono de uma casa de culto (Centro de Umbanda Nossa Senhora da Piedade Xangô Palácio de Obaluaiê), e já teve sob direção de uma moradora da comunidade, Lígia Santos.

3.3.2 O samba na capital

Figura 4 Comemoração de Bodas de Ouro, em 1979, da agremiação "Turma da Mangueira."



Fonte: O Jornal (1979); Site Brasil Carnaval (2024) [<https://www.brasilcarnaval.com.br/escolas/saoluis-ok/mangueira.htm>]. Disponível em: @bpboficial e @feiradojoaopaul (Perfis no Instagram)

Uma cidade do samba, intensos trabalhos nos barracões, correria na confecção de fantasias para colocar os blocos na rua, com a paixão dos brincantes nas primeiras décadas do século XX. Poetas e maestros do samba reunidos ao ar livre para entoar as canções nas rodas. Essa descrição poderia ser referente ao Rio de Janeiro, mas se refere a São Luís do Maranhão, que contou com a primeira turma de samba em 1929, ano de fundação da Turma da Mangueira, que nasceu no bairro do João Paulo à sombra das árvores de uma praça, atualmente conhecida como Largo de São Marçal²⁷, próximo ao 24º BIS.

Inspirados pela emergência do samba carioca, mas com características peculiares, onde perdurariam algumas tradições locais anteriores, surgem as turmas de samba na ilha do Maranhão. *A primeira sendo a Mangueira, do bairro de João Paulo, fundada em 1929*, logo seguida por outras, como a Turma do Quinto da Madre Deus (1940), a Águia do Samba, do Anil, A Flor do Samba, do Desterro, e a Favela do Sacavém. Inicialmente, não se diferenciava rigidamente blocos e turmas. Ambos desfilavam

²⁷ Na página do Instagram @feiradojoaopaul, há curiosidades ligadas aos nomes atribuídos a essa praça ao longo da história do bairro: Largo de São Roque, na década de 1920, o apelido “Professor Mata Roma”, dada a homenagem post mortem feita pela Prefeitura de São Luís ao intelectual, na década de 1950 e Praça Ivar Saldanha, na década de 1960, até ser batizada com o nome atual em 2000. Cf. <https://www.instagram.com/p/DREzacykUxv/>

pelo seu bairro de origem e pelo centro da cidade, vestidos com as cores do grupo, mas não necessariamente com uma fantasia nova a cada ano. Cantavam sambas de autoria própria, dos compositores do grupo, mas não existia enredo [...] (Assunção, 2000/2001, p. 164, grifo nosso).

Apesar de haver reconhecidos registros do pioneirismo da localidade quanto à formação de uma escola de samba, as pesquisas sobre o carnaval maranhense dispensam pouco espaço para este fato. O historiador Ananias Martins aponta as origens da escola:

A fundação da primeira turma de samba da cidade: a Mangueira, já no ano de 1929, a partir do bloco paulistano surgido em 1928, que, segundo o senhor Dito, recebeu esse título porque as primeiras batucadas foram debaixo de uma planta do mesmo nome, onde hoje existe uma praça, próximo ao quartel do 24º Batalhão de Caçadores, no João Paulo (Martins, 2013, p. 99).

As turmas se consolidam como Escolas de Samba na década de 1950, quando acontece o primeiro concurso oficial que reconhece as escolas de samba como grupos e identidade diferenciada.

No ano de 50 o carnaval sanluizense alcançou muita animação e beleza em virtude da cooperação da Prefeitura, que se encarregou de orientar festejos em homenagem ao Rei Momo. A comuna instituiu concursos para carro alegóricos, blocos, escolas de samba, etc. Isto muito contribuiu para despertar interesse geral em torno do carnaval. O resultado foi o que se viu: Um curso bem orientado, em que desfilavam pelas cidades carros alegóricos, carros ornamentados, blocos, escolas de samba, tudo exibindo o que havia de melhor para julgamento da comissão organizadora com tal finalidade. (Pacotilha: O Globo, 1951 apud Menezes, 2022, p. 42).

Mas é na década de 1970 que o Carnaval alcança o ápice no samba, tomando como modelo as escolas cariocas. As escolas se transformam em meio ao desenvolvimento urbano e à gama de opções oferecidas aos brincantes ludovicenses.

As transformações do carnaval ludovicense, a partir da década de 1970, somente são inteligíveis tendo-se em conta a radical transformação do espaço urbano no mesmo período. A população do município de São Luís quase triplicou em 25 anos, passando de menos de 250 mil (1970) a aproximadamente 825.000 (1995) (Assunção, 2000/2001, p. 164).

Nesse cenário, a Turma da Mangueira se tornou um ponto de inclusão de pessoas das classes populares. Com sede na área do Calçadão, (conhecido como Viva João Paulo), atual Viva Lili Sá²⁸, no bairro do Caratatiua, desde a década de 1990, a escola de samba, considerada grande, passou a investir em ensaios e novas atividades de ordem sociocultural, inclusive do Criança Esperança. Ganhou a visibilidade negra, com o desfile dos blocos afro.

Em São Luís, o movimento negro somente agora está ganhando mais expressão. Os blocos afros são reflexos desse movimento, uma vez que utilizam a festa carnavalesca para entoar seus gritos de protestos e liberdade. Portanto, existem poucos expoentes dessa categoria. Dentre esses blocos, destaco os mais antigos: o Akomabu e o

²⁸ De acordo com o Projeto de Lei nº. 049/10, proposto pelo deputado estadual Marcos Caldas, do PRB (Partido Republicado Brasileiro) na Assembleia Legislativa do Maranhão, o Viva João Paulo, sediado no espaço do Calçadão (bairro do Caratatiua) passou a ser denominado “Viva Lili Sá”, em homenagem à folclorista, pesquisadora e defensora da cultura, Aliete Ribeiro de Sá, mais conhecida como D. Lili Sá.

Abibimã. O primeiro da comunidade do bairro João Paulo, especificamente do Centro de Cultura Negra (CCN) e o segundo do bairro de Fátima. Apesar de desfilarem na passarela do samba, essas entidades não participam do desfile oficial de São Luís.” (Silva, 2009, p. 97)

Já para Martins (2013), os blocos de carnaval foram os pioneiros dentro das manifestações carnavalescas, distinguindo-se pela sua identidade artística e musical, contribuíram de forma significativa para a cultura carnavalesca na capital maranhense.

No caso dos blocos, não é adequado tratar tais grupos apenas como antecedentes das escolas de samba, porque incorporaram ao já rico carnaval daquela época uma nova manifestação, além do quê, tinham motivações endógenas, não se limitando a copiar modelos de outros estados. Com seus tamborins, retintas, cavaquinhos, violões, formando turma de tocadores itinerantes, somavam ao variado carnaval de rua de São Luís e animavam os clubes da cidade (Martins, 2013, p. 101)

Da turma da Mangueira, surgiram outras agremiações, como o bloco Diplomáticos, fundado por Carlos Chaves, e o Boi da Lua, fundado por Washington Coelho. Além disso, mantém estreita relação com o bloco Os Liberais, que tem à frente os fazedores de cultura Hélio Braga e Raimundo Moraes.

O Boi da Lua é um batalhão do bumba meu boi de sotaque de orquestra que nasceu de um sonho de um grupo de jovens do bairro do João Paulo em 1993, sob o incentivo de Dona Mirtes Rocha, in memoriam, mãe do presidente da sobredita associação, professor Washington Coelho. Recebeu este nome em homenagem à toada homônima composta por César Teixeira e consagrada pela voz de Papete, um saudoso pesquisador e entusiasta da cultura maranhense.

Com sede inicial na rua Serenata, o Boi da Lua tornou-se um grupo tradicional da ilha, com atividades durante todo o ano, e apresentações mais concentradas no período junino, com oferta de oficinas de artesanato e outras atividades para a confecção de peças para as brincadeiras. É composto pela “Orquestra Maravilha”, formada por 18 músicos, entre metais, harmonia, percussão, efeitos e cantadores. Atualmente, está sediado na Estrada da Vitória, no bairro Caratatiua.

3.3.3 O encerramento do ciclo junino

Figura 5 - Frames retirados de vídeos que registraram a festa de São Marçal de 2025.



Fonte: Compilação dos autores, com imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

O João Paulo também é palco intenso de festejos juninos. Quando falamos das memórias estamos, de algum modo, tratando das consciências, de suas unicidades, singularidades, seu modo de ser e estar no mundo.

A consciência de cada indivíduo humano é totalmente interiorizada, conhecida do indivíduo a partir de dentro e é inacessível a qualquer outro diretamente do interior. Quem diz “eu”, com isso quer dizer algo diferente do que o outro quer dizer. O que é “eu” para mim é apenas “você” para você. E esse eu incorpora a experiência em si, reunindo-a. O conhecimento é. Fundamentalmente, não um fenômeno fragmentador, mas unificador, uma luta pela harmonia. Sem harmonia, um estado interior, a psique não é sadia (Ong, 1998, p. 86).

Em São Luís, o ciclo começa no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, e segue com homenagens a São João, no dia 24, com celebrações nos largos das igrejas no Centro da cidade, assim como em outros espaços culturais. Concentra centenas de pessoas, na noite do dia 28, com uma festa de fé e devoção na capela de São Pedro, na Madre de Deus, que segue pela madrugada e encerra com procissões terrestre e marítima no dia do santo, 29 de junho. E encerra no dia 30, com desfiles de grupos de bumba-meu-boi, na Avenida São Marçal, no João Paulo.

De acordo com Marques (1999, p. 83) o período junino é “um tempo que rompe com a continuidade, com o cotidiano, com a repetição, para dar lugar ao inusitado, ao inesperado”. E a figura ilustre de todo esse período de festas é o boi. Os santos dos dias 13, 24

e 29 contemplam bois de vários sotaques, enquanto o do dia 30 privilegia o sotaque de matraca. Por isso, essa festa de encerramento é comumente chamada de Encontro de Bois de Matraca ou Festa de São Marçal²⁹, comemorada há 97 anos; e, também, apresenta múltiplas versões cujas origens também são explicadas sob múltiplos ângulos.

De acordo com reportagens de Jornais locais, O Estado e O Imparcial, o primeiro encontro de bois no João Paulo data de 29 de junho de 1928,³⁰ aconteceu no Largo de São Roque, atual Largo de São Marçal, como resposta a um pedido de um comerciante local, José Pacífico Moraes (1901-1972).³¹ Desde então, o encontro se repetiu todos os anos até 1949, quando foi para o Monte Castelo, mas ficou lá somente um ano. Depois, foi para o Bairro de Fátima e rodou por outros bairros até retornar ao João Paulo, em 1959. Somente nos anos 1980, a festa tomou a forma que tem hoje.

A narrativa propagada pelo jornalismo local também é abraçada por alguns pesquisadores.

Na estrada que ligava o interior da cidade ao Centro, antigo Caminho Grande [hoje João Paulo] (...) até 1927 [os bois] procuravam limitar-se ao bairro do Anil e outros interiores da Ilha, mas em 1928 alguns comerciantes do João Paulo patrocinaram o encontro dos bois do Sítio do Apicum e São José dos Índios para brincarem no largo de São Roque no dia de São Marçal (Martins, 1999, apud Carvalho, 2009, p.126).

Fonsêca (2016.1) também atribui a José Pacífico de Moraes, mais conhecido como Bicas, a decisão de contratar as primeiras brincadeiras do bairro, após assistir no bairro Anil diversas apresentações de bumba-meu-boi, principalmente dos grupos do Sítio do Apicum e de São José dos Índios. Ele teria ficado bastante empolgado e resolveu contratar as duas brincadeiras para fazerem apresentações no bairro do João Paulo, onde residia.

Segundo Carvalho (2009), no ano seguinte à primeira apresentação no João Paulo, em 1929, os grupos foram se multiplicando, iniciando a tradição do encontro de bois no dia de São Marçal, transformando o bairro João Paulo passou em sede das mais diversas brincadeiras folclóricas, principalmente, na época das festas juninas. e, por conseguinte, da própria aceitação da brincadeira de bumba-meu-boi nos bairros urbanos. Naquela oportunidade, era o único espaço de arraial longe dos terreiros do interior da Ilha e muito próximo do centro de São Luís.

²⁹ Há quem discorde dessas denominações: O entrevistado Ithamilson Lima, ex-coordenador da Turma da Mangueira e entusiasta das demais manifestações culturais do bairro, considera que a festa é resultado da “volta para casa” dos batalhões. Ao evocar as próprias memórias, ele afirma que os brincantes vinham até a rua Riachuelo para se apresentarem nos arraiais da noite de São Pedro, e amanheciam na avenida. Então, para ele, a data (30 de junho) seria o único elo entre a festa e o santo (São Marçal). (Cf. entrevista no episódio 4).

³⁰ Cf. O ESTADO. Festejo de São Marçal encerra temporada junina em São Luís. In: **Portal Imirante**. São Luís, 29 jun. 2015 [atual. 11 out. 2022]; Cunha, Patrícia. Tradição no João Paulo volta com força total. In.: **O Imparcial**. São Luís, 30 jun. 2022.

³¹ Informação confirmada pelo fazedor de cultura Hélio Braga, que guarda em suas memórias relatos de que José Pacífico de Moraes foi um dos precursores da festa (Cf. entrevista no episódio 4).

Mas essa mudança de cenário, apesar de tolerada, não estava anulou a postura segregadora das elites locais.

Mesmo a localidade do João Paulo dispondo de uma ligação direta com o Centro da cidade por meio de transportes *modernos*, na década de 1930 o *urrar do boi* era “tolerado” pelas elites por este bairro ser considerado no plano espacial da cidade como uma zona rural com características diferentes do dito meio urbano ludovicense, tendo nesta época certa imagem interiorana (Carvalho, 2009, p. 127, grifo nosso).³²

Já Barros (2008) acrescenta que esse deslocamento está associado à busca de redefinição do espaço urbano na passagem da Primeira República ao período seguinte, bem como devido a mudanças nas relações sociais:

Estas transformações certamente estavam relacionadas às políticas nacionais implementadas desde o Império visando afastar as classes populares, igualadas a classes perigosas, das áreas centrais de cidades brasileiras [...]. A passagem do Anil ao João Paulo parece se relacionar também a algumas mudanças nas relações sociais, quando se poderia observar a manifestação de formas e processos originais de reivindicação e construção do exercício da cidadania. (Barros, 2008, p. 9)

Na consolidação do novo cenário para a brincadeira, o que se evidenciava era um ato de resistência às proibições da ida da brincadeira até o Centro da cidade e ao tratamento que as classes sociais dominantes dispensavam à maior parte da população, formada por negros e mestiços. Nessa época, para garantir sossego às elites, a polícia costumava entrar em cena, já que sossego para as classes privilegiadas era não ter nenhum contato com as comemorações populares, vistas como símbolos do atraso.

Festividades e costumes populares foram, portanto, controlados com rigor desde os tempos coloniais até fins do império e durante a primeira metade do século XX. Os escravos, índios e mestiços eram cerceados em suas atividades por inúmeras prescrições. (Ferretti, 2007, p. 4)

Os pedidos de licenças para as festas eram cada vez mais frequentes no período supracitado, já que os órgãos de segurança proibiam sua realização, sob o pretexto dos atos violentos que ocorriam entre os brincantes.

Em São Luís, até fins da década de 1950, no período junino, os grupos de *bumba-meu-boi* eram proibidos de adentrar no perímetro urbano, devendo se concentrar no bairro João Paulo. A partir da década de 1960, esta situação vai se modificar, mas os terreiros de culto afro em São Luís continuaram solicitando licença à polícia para a realização de festas até 1988 e continuam tirando licença em muitos lugares, até os dias atuais (Ferretti, 2007, p. 6).

A festa reúne, atualmente, mais de 40 mil pessoas e mais de 20 grupos de *bumba-meu-boi*, das seis da manhã à meia-noite, no mesmo local – Largo de São Marçal. Em 2006, a Prefeitura de São Luís, não só sancionou a lei que alterou o nome da Avenida João Pessoa para

³² O termo moderno adotado pelos autores faz referência ao tipo de transporte que fora inserido na época, o bonde elétrico.

São Marçal, mas também conferiu ao evento o título de bem cultural e imaterial, transformando a data no Dia Municipal do Brincante de Bumba-Boi³³.

O Boi do João Paulo se transformou, ao longo do tempo, em um anfitrião que anima os brincantes na avenida e transforma o bairro em um território que não só manifesta a herança da dominação cultural, mas também revelou a capacidade de resistência e reinvenção dos sujeitos envolvidos. A obra *O Mulato*, de Arthur Azevedo, publicado em 1881, ilustra uma passagem em que a brincadeira é representada como um momento em que os sujeitos discriminados pelas elites reafirmam suas existências.

Deu uma hora (...). A noite caía no silêncio; ouvia-se um ou outro busca-pé retardado. Na rua grupos pândegos passavam em troça para o banho de São João; do Alto da Carneira vinha *um sussurro longínquo de “Bumba-meu-boi”* (Azevedo, 1994, p. 132, grifo nosso).

Dessa forma, o João Paulo pode ser compreendido como um território do sincretismo religioso da capacidade de resistência e reinvenção dos sujeitos, que vivenciam uma complexa negociação entre diferentes sistemas simbólicos. O sincretismo; portanto, não é apenas o resultado da opressão, mas também forma ativa de adaptação e permanência.

A Festa de São Marçal, como sendo a “Volta para Casa” dos brincantes de bumba-meu-boi do sotaque de matraca, pode ser esse elemento que integra intenções religiosas da fé cristã, mas que, para além das condições católicas, abarca manifestações da religião de matrizes africanas em prol de uma brincadeira popular.

³³ De acordo com o organizador da festa de São Marçal, Carlos André Teixeira, por se tratar de uma festa voltada para população, não se trata de “pedir autorização” mas sim “comunicar órgãos responsáveis” para que tenham ciência do ocorrido e dessa forma estruturar uma melhor viabilização do evento.

4 DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO

A seguir, destacamos a metodologia adotada para a pesquisa e concepção do documentário radiofônico “João Paulo, um oásis no meio do caminho”³⁴, apresentando os planejamentos iniciais, identificação de problemas, pontos de atuação e referências necessárias para o desenvolvimento do produto. E por fim, a aplicação dos planejamentos durante a captação e análise dos materiais recolhidos.

4.1 Metodologia

Os fatos históricos e fenômenos culturais são objetos de uma pesquisa de caráter social, de natureza descritiva e estruturação bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa e que privilegia técnicas como fichamentos, entrevistas focalizadas e não-dirigidas, aplicação de questionários com questões abertas e fechadas.

Situamos a pesquisa no campo da Comunicação e buscamos aportes teóricos também nas Ciências Sociais, seguindo as orientações de Antônio Carlos Gil (1999), que ressalta a importância do rigor científico e da responsabilidade de quem investiga; e de Pedro Demo (1995), que dá ênfase ao papel da criatividade aliada ao uso da técnica. Neste sentido, há de se considerar que os fenômenos sob análise não estarão isentos de um olhar marcado pela subjetividade do pesquisador.

É claro que o comportamento humano é complexo e conseqüentemente muito mais mutável que o comportamento das rochas, metais ou gases. Isto não significa, porém, que seja impossível tratar do comportamento humano cientificamente. O que ocorre é que os fenômenos humanos não podem ser quantificados no mesmo grau de precisão das ciências naturais. (Gil, 1999, p. 23)

Cumprido lembrar que, nessa tarefa analítica, se o que interessa é a pesquisa, então é preciso considerar vários elementos que podem influenciá-la. Para Demo (1995, p. 22), método é somente um instrumento da pesquisa, pois “[...] é preciso aprender a técnica, para termos base suficiente; mas não se pode sacrificar a criatividade à técnica”. Deste modo, o objeto será abordado a partir de um olhar descritivo, com o devido espaço para a observação, o registro e as análises de fatos ou fenômenos, seja na modalidade escrita, seja na modalidade oral, com atenção aos contextos em que tais fatos ou fenômenos estão inseridos.

A pesquisa qualitativa, considerando a amplitude do estado da arte sobre a história do bairro João Paulo, será construída, no produto sonoro, pelos relatos de personagens das

³⁴ https://drive.google.com/drive/folders/1dwa-7SaJ7aW_Hs93rxpmlIKqsKuY1m1z?usp=sharing
(Link do produto)

entrevistas, já que alguns aspectos ligados à cultura são citados de forma muito breve em documentos escritos. Assim, o conceito de memória oral exerce papel fundamental para a construção de um enredo sobre o bairro.

Não encontramos enredos lineares progressivos já prontos nas vidas das pessoas, embora as vidas reais possam fornecer material com o qual tal enredo possa ser construído mediante a eliminação brutal de tudo o que não seja uns poucos incidentes cuidadosamente salientados (Ong, 1998, p. 161-162).

Para o levantamento das informações, adotamos as técnicas já mencionadas, a fim de elaborarmos um texto com a linguagem radiofônica em uma série documental de quatro episódios. Por meio dela, pretendemos apresentar um apanhado histórico, bem como evidenciar aspectos culturais e curiosidades do bairro que se formam a partir de um território rural e desembocam em um ambiente urbano residencial e comercial.

Compreendemos que realizar a pesquisa não corresponde a uma ação unilateral. Para Brandão (2006), o ato de pesquisar é pautado em acordos e concessões entre quem investiga e quem é investigado. Nesse sentido, se faz necessário a entrega de uma devolutiva aos elementos que compõem a investigação: “O reconhecimento da contribuição do outro, do diferente, e a partilha de seus saberes e experiências deveriam ser o ponto de partida da prática da pesquisa participante” (Brandão, 2006, p. 46).

Portanto, a tarefa é cumprir a missão de informar o ouvinte e, ao mesmo tempo, evocar suas memórias afetivas e promover a integração e a participação dos interessados na vida da cidade formada por lugares, pessoas, instituições, equipamentos e fatos em movimento historicamente constituídos.

Desse modo, o trabalho tem como objetivo geral fundamentar a produção de um documentário radiofônico sobre a formação, desenvolvimento e vivências culturais do bairro João Paulo. Como objetivos específicos, temos: caracterizar os elementos constitutivos da cultura do bairro João Paulo a partir do olhar de pesquisadores, fazedores, entusiastas e amantes da cultura do lugar; identificar a relação desses elementos culturais com a história do bairro, partindo da memória oral; demonstrar a influência da história e da cultura local na vida de seus moradores; e reunir esses elementos para a produção do documentário.

Para a concretização dos objetivos supramencionados, partimos de um referencial teórico sobre oralidade - primária, secundária, eletrônica - e como este conceito se relaciona com a memória (Ong, 1998), em um recorte específico no documentário radiofônico. Neste sentido, destacamos mais uma vez o papel da oralidade associada empregada no rádio, que atualmente é atravessado pelas novas tecnologias.

Considerando a construção da narrativa, situamos nosso produto dentro da proposta de um documentário educativo-cultural. E, para isso, recorreremos a Kaplún (2017) e a Barbosa Filho (2009) para discutir a temática.

Posteriormente, tratamos sobre o surgimento do João Paulo, o desenvolvimento e a multiplicidade de versões que costuram e registram sua história. E neste momento, descreveremos a peça prática do projeto experimental e os seus resultados.

4.2 Pré-produção

Nesta sessão, serão abordadas as etapas que antecederam a construção do documentário radiofônico, que incluem o planejamento, a curadoria dos entrevistados e o processo de entrevistas com o uso de gravadores para captação e registro sonoro das informações, bem como o registro fotográfico dos entrevistados.

Para o cumprimento desta etapa, foram realizadas reuniões para o levantamento de referências teóricas e de produtos sonoros alinhados à nossa proposta, bem como a definição da abordagem para a apresentação do projeto na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Após esse processo, foi definido um cronograma de encontros para análises de ideias, planejamento de pautas, distribuição de funções, e estabelecimento da dinâmica das atividades.

4.2.1 As primeiras reuniões

O projeto de documentário radiofônico sobre o bairro João Paulo teve início no primeiro semestre de 2025, quando a estudante do curso de Comunicação Social – Rádio e TV, Joelma Santos Baldez, residente da localidade, convidou colegas de curso, Cledilson Silva Rocha (estagiário da TV UFMA) e João Victor Macedo Sousa (estagiário da Rádio Universidade FM), para uma conversa sobre as possibilidades de elaborar um produto radiofônico sobre o lugar e suas potencialidades histórico-culturais.

A formação do trio foi motivada pelo fruto de trabalhos já realizados coletivamente no campo do audiovisual, no decorrer do curso, que resultaram em produtos que frutificaram dentro e fora do ambiente acadêmico.³⁵ E a disposição em contar histórias em outras linguagens,

³⁵**Filmografia: Grécia Jamaicana** (Curta-metragem), finalizado em janeiro de 2023, foi um produto audiovisual de conclusão da disciplina de férias, “Documentário”, ministrada pela professora Carolina Guerra Libério, que estabeleceu tema livre para a produção dos alunos. E a Feira do João Paulo foi escolhida como objeto central pela equipe que tinha como integrantes Joelma Santos Baldez e João Victor Macedo Sousa, explorando os aspectos físicos, a rotina frenética, e as vivências de pessoas que atuam naquele universo; **É Só Contar** (Curta-metragem), finalizado em **janeiro de 2024**: Selecionado no 47º Edição do Festival Guarnicê de Cinema - Vencedor: Melhor Ator Coadjuvante com "*Alberto*" - Edição 2024, em São Luís-MA; Selecionado no Mostrar Maranhão na Tela -

unindo produção científica e jornalística sedimentou essa formação e alimentou confiança de um projeto experimental para apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

No dia 7 de abril de 2025, aconteceu o primeiro encontro entre os autores na residência de Joelma Baldez, com a criação de um planejamento, definição da abordagem do trabalho (com foco na história do bairro sob a ótica dos pesquisadores, fazedores e entusiastas da cultura), além da busca por referências sonoras já consolidadas no campo, especialmente no que diz respeito à estética, à narrativa e à dramaticidade da locução. Entre as referências sonoras, destacaram-se os *podcasts Rádio Novelo* e *Rádio Escafandro*, especialmente pela forma como trabalham as intenções e a imersão narrativa por meio dos recursos da voz e um programa de variedades desenvolvido em âmbito acadêmico, “Circuito São Luís”³⁶, trabalho embrionário sobre o João Paulo.

A partir de então, fizemos uma curadoria de referências teóricas em plataformas digitais, livros físicos e arquivos em PDF, e de produtos experimentais inspiradores. Construímos uma linha do tempo sobre a história do bairro, desde sua configuração enquanto um sítio de terra batida até a transformação em bairro residencial e comercial. Formulamos, a partir de então, o projeto para apresentarmos ao orientador, professor Ed Wilson Ferreira Araújo, com quem tivemos sete encontros, presenciais e remotos, para discussões, avaliações e redimensionamentos de nossas estratégias.

Os dois primeiros encontros com o orientador foram decisivos para deliberarmos sobre o ciclo de produção do documentário. No primeiro, obtivemos referenciais teórico-metodológicos e sugestões de subtemas a serem explorados e delimitamos, em consenso, espaços significativos quanto às peculiaridades históricas e culturais como focos da narrativa. Já no encontro seguinte, acolhemos sugestões de fontes para entrevistas e para acessarmos os espaços culturais e para compreender suas dinâmicas. Isso nos permitiu pré-estabelecer a estrutura do documentário: produto de até uma hora, centrado em quatro ambientes: a Feira do João Paulo, o Centro de Cultura Negra, a Turma da Mangueira e, por fim, a Festa de São Marçal.

Edição 2024, em São Luís-MA; Selecionado no Baixada Film Festival, em Pinheiro - MA - Edição 2024; Selecionado no Festival audiovisual em Carpina-PE; Selecionado no I Mostra Nacional de Cinema Brasil Profano - Rio Grande do Sul - Edição 2024; Selecionado no Festival Internacional de Cinema Ruídos Queer+ (FIRQ+) em São José dos Campos - SP; Selecionado no Festival de audiovisual Santo André - Edição 2024; **O Peso da Gota** (Curta-metragem), finalizado em agosto de 2024: Selecionado no 48º Edição do Festival Guarnicê de Cinema - Mostra universitária Edição: 2025, em São Luís-MA; Selecionado no Baixada Film Festival, em Pinheiro - MA - Edição 2024; Selecionado no Festival Reverbere, em São Luís-MA; Primeira fase da Mostra Brasileira Independente de Cinema de Rua 2025, no Rio de Janeiro -RJ; Selecionado no 15ª edição do Festival Latino-Americano de Cinema de Canoa Quebrada Edição: 2025.

³⁶ Programa de variedades, em linguagem sonora, finalizado em 2015, produzido na disciplina Edição e Pós-produção para Rádio, ministrada pelo Professor Ed Wilson Araújo, descrito na introdução deste trabalho, de autoria de Joelma Baldez, Werbeth Pereira, Marcus Elícus, Rildo Corrêa e Camila Bastos.

A partir de então, elaboramos um planejamento, definindo o tema, a lista de depoentes que iriam ajudar a contar a história de cada ambiente anteriormente delimitado e o modo de apresentá-los na narrativa. Decidimos, portanto, que o documentário seria dividido em quatro “episódios” de até quinze minutos, e que cada um deles seria apresentado com um desenho de som que permitisse ao ouvinte acionar memórias de seu acervo sonoro sobre o bairro, considerando as falas, as músicas, os ruídos as simulações de conversas e até mesmo, os silêncios.

Para a construção das pautas de entrevistas e elaboração dos roteiros dos episódios, estabelecemos os primeiros contatos com as fontes por mensagens instantâneas e/ou ligações de voz e enfrentamos as primeiras quebras de expectativas: a incompatibilidade de agenda entre nossa equipe e a maior parte dos entrevistados. Isso nos exigiu adaptação de horários para o cumprimento do cronograma e a intensificação das reuniões de pauta, de modo que obtivéssemos entrevistas dinâmicas e objetivas e que, ao mesmo tempo, atendesse às nossas necessidades para o produto idealizado.

Os primeiros contatos com pesquisadores, historiadores, fazedores de cultura, lideranças comunitárias, agentes do comércio e moradores do bairro, também nos apontaram oportunidades: a possibilidade de ampliar o processo de gravação para além do registro sonoro. As falas das fontes, as referências às suas memórias, saberes e fazeres e mais especificamente os locais sugeridos para as gravações nos deram pistas de que seria importante documentar visualmente todo o percurso do projeto, com o objetivo de que esse material pudesse ser utilizado em futuras produções independentes do grupo, explorado em outras linguagens.

Decidimos iniciar a produção de entrevistas com depoentes ligados à festa de São Marçal, devido à proximidade do calendário das festas juninas que poderia interferir na agenda das fontes em face de compromissos pessoais e profissionais com as atividades.

Nas reuniões posteriores, o ciclo de produção concentrou-se na discussão e aperfeiçoamento das pautas, na decupagem dos primeiros áudios captados, bem como no planejamento e contato com os próximos entrevistados.

4.2.2 A construção do acervo de informações

Compreendemos que a entrevista é uma forma de capturar, de maneira subjetiva, a riqueza das experiências vividas, de oportunizar o registro do conhecimento transmitido entre gerações. Trata-se de uma ferramenta que, quando bem aplicada, não apenas comunica, mas nos possibilita construir um universo simbólico que revela percursos e trajetórias de um povo.

Desse modo, selecionamos seis entrevistas³⁷ de fontes consultadas para a construção do programa “Circuito São Luís” e utilizadas na composição daquele produto radiofônico para inserir no documentário “João Paulo, um oásis no meio do Caminho”.

A seleção foi feita considerando as contribuições dos depoentes no tocante aos relatos/memórias sobre as origens do bairro e de atividades culturais, bem como sobre suas participações diretas nessas atividades, conforme especificado no quadro abaixo:

Quadro 1 - Acervo sonoro de depoentes do “Circuito São Luís”

Nome	Função	Contribuição
José Ribamar Costa (Zé Pivó)	Carnavalesco	Expoente e um dos fundadores da Turma da Mangueira, que contribui com suas vivências enquanto fazedor de cultura no bairro, na composição de sambas e organização de desfiles.
Luis Maioba	Pedreiro	Ex-morador e frequentador assíduo do bairro, onde presta serviços diariamente. Ele compartilha memórias sobre o João Paulo ainda rural e sobre as brincadeiras durante o período junino.
Maurício Paixão	Ativista do Movimento Negro Coordenador do CCN no ano de 2013 a 2018	Destaca a importância do CCN enquanto instrumento político e social para o bairro do João Paulo
Ananias Martins	Historiador	Destaca as questões históricas referentes à desenvolvimento do bairro João Paulo e a instalação de equipamentos públicos e culturais ao longo do século XX.
Luizão Alves Ferreira (Professor Luizão)	Professor do curso de Medicina da UFMA e ativista do Movimento Negro	Um dos fundadores do espaço de diálogo cultural do João Paulo, apresenta aspectos relacionados ao CCN, enquanto um “veículo de comunicação” e sua importância cultural.
Marcelyo de Jesus	Brincante de bumba-meu-boi	Integrante do bumba-meu-boi do João Paulo, Touro Negro Encantado, compartilha sua percepção em relação às promessas feitas na festa de São Marçal e a importância da integração das gerações.

Fonte: Produção dos autores do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”.

Para realizar a curadoria dos novos depoentes, primeiramente definimos escaletas para a construção de roteiros com até oito entrevistados por episódio, e consideramos nossas referências pessoais e do ambiente acadêmico, indicações de nosso orientador, de profissionais da área da comunicação e da cultura; e, também, indicações de nossos próprios entrevistados. Selecionamos, então, dezesseis novas fontes³⁸ para o produto atual.

³⁷ Dentre os entrevistados Zé Pivó, Professor Luizão e Maurício Paixão, elencados no quadro, já são falecidos.

³⁸ Os entrevistados são referenciados, neste trabalho, na próxima sessão.

Quadro 2: Seleção de entrevistados para o documentário atual

Nome	Função/profissão	Contribuição
Leticia Cardoso	Doutora, Pesquisadora e Professora	Apresenta análises sobre os aspectos da Festa de São Marçal, o primeiro contato da festa enquanto manifestação no bairro.
José Raimundo de Sá Marques	Historiador, pesquisador e professor.	Morador do João Paulo, Sá Marques é filho da saudosa fazedora de cultura “Dona Lili”, expoente importante para o entendimento da força feminina no bairro, e suas atividades voltadas ao âmbito religioso.
Walter Seabra	Fazedor de Cultura	Presidente do grupo de bumba-meu-boi, sotaque de matraca, apresenta perspectivas enquanto organizador e brincante da manifestação da festa de São Marçal, além de apresentar aspectos do sincretismo religioso na manifestação junina.
Itamilson Lima	Carnavalesco e Ex-presidente da agremiação “Turma da Mangueira”	Expoente cultural, que apresenta os aspectos do gênero do samba no bairro do João Paulo, além de depor acerca da realidade das escolas de samba e sua sustentabilidade enquanto manifestação coletiva e produção criativa.
Donilton Silva	Pesquisador	Apresenta os aspectos históricos, sociais e econômicos do bairro do João Paulo.
Haroldo Cordeiro	Padre	Apresenta os aspectos religiosos entre as manifestações e brincantes durante a festa de São Marçal, e o ponto de vista da religião acerca da manifestação, além de suas experiências enquanto brincante e padre.
Layna Sousa	Brincante	Comenta sobre sua relação enquanto brincante de manifestações culturais, suas perspectivas como pertencente a uma geração influenciada pelas tradições deixadas por Dona Teté, sua bisavó.
Marlene Henriqueta	Amante da cultura	Filha de “Dona Teté” comenta as vivências enquanto filha percussora do cacuriá, além de apresentar a construção do seu vínculo com a cultura a partir da relação com sua mãe.
Airton Rolim	Tesoureiro do Grupo de Bumba-meu-boi “Boi da Lua”	Participante ativo do grupo apresenta vivências do projeto enquanto brincadeira e como um símbolo de integração coletiva no bairro. Destaca a relação do boi e a religiosidade, destacando elementos de sincretismo.
Paulo de Tasso / Hélio Braga e Raimundo Morais	Produtores Culturais	Ex-Coordenadores da festa de São Marçal, são grandes pilares das manifestações culturais dentro do bairro. Apresentam suas relações enquanto produtores, destacando o processo feito antes e o que é feito agora.
Carlos André Teixeira	Coordenador do Instituto “Mão Amigas”	Apresenta a perspectiva atual da organização de um dos maiores eventos do estado: “Festa de São Marçal”
Gilmar Lopes	Gerente da Feira do João Paulo	Profissional que destaca elementos importantes da feira, desde sua influência para o bairro, até as perspectivas enquanto espaço de diálogo e vivências coletivas.
Carlos Benedito	Professor	Esclarece os aspectos históricos e sociais do espaço Centro de Cultura Negra - CCN, além de aspectos e necessidades voltadas à população periférica do bairro.
Joana Carla Algarves	Coordenadora do CCN	Destaca os projetos promovidos pelo Centro de Cultura Negra: Bloco Afro Akomabu, Sonhos dos Erés e Bloco Afro Abanjá.

Fonte: Produção dos autores do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”.

Antes de cada entrevista, as fontes foram notificadas e informadas sobre uma minibiografia do acadêmico pesquisador e das primeiras intenções do projeto. Aguardamos a devolutiva sobre o interesse de cada depoente, em participar do produto. E, então, fizemos o agendamento dos encontros entre a equipe e os entrevistados.

Assim, marcamos a primeira entrevista com a professora Letícia Cardoso, pesquisadora da área de comunicação e cultura, para tratar de temas referentes à festa de encerramento do ciclo junino. As demais foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e as oportunidades que foram sendo criadas.

Definimos previamente o objetivo de cada episódio e os elementos que poderiam obter destaque, conforme descrito abaixo:

a) O primeiro episódio

- **Foco:** especificidades locais, como características históricas, sociais e econômicas do bairro, e o processo de transformação de ambiente rural para urbano, a expansão com o advento das fábricas e indústrias na cidade; os acontecimentos que motivaram essas transformações e que se tornaram fundamentais para a construção do bairro. Neste sentido, tínhamos o interesse de destacar a importância da Feira do João Paulo em sua dimensão comercial e cultural, suas contribuições para o desenvolvimento econômico, e para a chegada de novos equipamentos públicos.
- **Principais fontes:** a pesquisadora na área de Estudos Culturais, Letícia Cardoso e os historiadores Donilton Silva e José Raimundo de Sá Marques.
- **Arquivo pessoal:** entrevista de um trabalhador da construção civil Luís Maioba, ex-morador do bairro e frequentador assíduo, concedida a uma das autoras do trabalho em 2018 e do historiador Ananias Martins, também concedida em 2018.

a) O segundo episódio

- **Foco:** o protagonismo de fazedores de cultura ligados a manifestações e iniciativas que tornaram o bairro um polo de vivências negras e as influências do Centro de Cultura Negra (CCN) no incentivo e na difusão da cultura periférica afro-maranhense. Era de nosso interesse compreender sobre a criação do espaço, as lutas de seus fundadores, e a criação de projetos que atendessem não apenas os moradores do bairro, mas também os de outros pontos da cidade.

- **Principais fontes:** Carlos Benedito Rodrigues, antropólogo, militante e participante do CCN, um coordenador da entidade e Rosa Reis³⁹ que fez parte do antigo cacuriá de Dona Teté do Cacuriá.
- **Arquivo pessoal:** entrevistas⁴⁰ do professor Luís Alves Ferreira, professor Luizão, um dos fundadores do CCN, concedida a uma das autoras do trabalho em 2018, e de Maurício Paixão, concedida no ano de 2015, quando era coordenador da entidade.

b) O terceiro episódio

- **Foco:** a relação dos moradores antigos com o samba e a criação da Turma da Mangueira, escola mais antiga do estado e símbolo da velha-guarda cultural do bairro João Paulo e a criação do Boi da Lua, boi de sotaque de orquestra que nasceu do fazer cultural da escola de samba.
- **Principais fontes:** Paulo de Tasso (geógrafo, pesquisador e antigo integrante da coordenação da escola), que dispunha de contatos de outros fazedores de cultura; Cidália Costa (filha de Eduardo Guilherme Nunes da Silva, Sr Dito, um dos fundadores da Turma da Mangueira, já falecido)⁴¹ e Washington Coelho.
- **Arquivo pessoal:** entrevista de José Ribamar Costa, Zé Pivó⁴² (um dos fundadores da Turma da Mangueira), concedida a uma das autoras do trabalho em 2015.

b) O quarto episódio

- **Foco:** A história e organização da Festa de São Marçal, maior evento junino do estado, que encerra o ciclo e atrai brincantes de toda a cidade para a avenida principal do João Paulo.
- **Principais fontes:** Walter Seabra, dono do boi do João Paulo, “Touro Negro encantado”, Ester Marques, pesquisadora de Cultura popular; Padre Haroldo Cordeiro (conhecido como Padre Boieiro) por ter tido participação assídua nas

³⁹ Por sugestão da entrevistada, que não teve disponibilidade para conversar conosco, procuramos posteriormente os familiares de Almerice dos Santos, a saudosa D. Teté do Cacuriá.

⁴⁰ Ambos os entrevistados já são falecidos.

⁴¹ A entrevistada não conseguiu conceder entrevistas, tendo em vista que à época, estava com problemas de saúde, o que nos levou ao nome de Ithamilson Lima, que coordenou a Turma da Mangueira de 20015 a 2022.

⁴² Entrevistado já falecido.

bênçãos dos bois durante o ciclo junino e no dia de São Marçal; e Carlos André Teixeira, atual coordenador atual da festa de São Marçal.

- **Arquivo pessoal:** entrevista de um trabalhador da construção civil Luís Maioba, ex-morador do bairro e frequentador assíduo, concedida a uma das autoras do trabalho em 2018 e Marcélyo de Jesus, integrante do boi do João Paulo.

A lista de entrevistados sofreu alterações, uma vez que alguns tiveram contratemplos que os impediram de participar e outros não se pronunciaram a respeito da disponibilidade para entrevistas. Nesse processo, depoentes e outros colaboradores indicaram novos nomes para a pesquisa.⁴³

Após estabelecer o foco e definir as fontes de cada episódio, realizamos uma pesquisa em plataformas de áudio efeitos sonoros e *backgrounds* que pudessem harmonizar com as narrativas e que contribuíssem para a produção dos roteiros e enriquecimento do produto final. Fizemos também uma projeção de elementos sonoros a serem captados ao longo das entrevistas, como paisagem sonora e sons ambientes a fim de propiciar uma experiência ao ouvinte quanto ao espaço e o tempo citados na narrativa.

4.2.3 A construção do roteiro técnico

Considerando o caráter constantemente mutável de um documentário, em face das imposições do cotidiano, o roteiro técnico só foi finalizado após uma das etapas do processo de produção - a gravação das entrevistas. Afinal, foi a dinâmica entre entrevistadores e entrevistados que apontou caminhos mais interessantes para as narrativas.

Definimos o texto dos locutores e a posição de cada sonora conforme a ênfase que podíamos dar às versões apresentadas sobre a história e a dinâmica cultural do bairro. Selecionamos a trilha musical considerando os aspectos afetivos que se evidenciaram em cada fala e na atmosfera que se criava a partir de um fato dentro de determinada época.

Em face disso, optamos por dar a cada episódio um tom narrativo diferente: no primeiro, sobre o desenvolvimento histórico e social, objetivamos apresentar uma linha do tempo, dando maior ênfase a historiadores e pessoas idosas; no segundo, seguimos o mesmo tom, abordando questões sobre a população majoritariamente negra (formada por pretos e pardos) e periférica, mas com ênfase às lutas sociais que ali se desenvolveram; no terceiro,

⁴³ Dentre as pessoas que contribuíram, citamos nosso orientador, Ed Wilson Araújo e o jornalista Joel Jacinto.

adotamos um tom mais descontraído, optando por uma locução dramatizada, capaz de situar o ouvinte no contexto de uma roda de samba. E, no último, adotamos um tom mais próximo aos programas de divulgação de conteúdos culturais para tratar da festa de São Marçal.

Durante a fase de concepção do produto, buscamos por elementos sonoros que pudessem nos auxiliar na construção de uma narrativa condizente com o tema proposto em cada um dos episódios. Sendo assim, partimos da ideia de transformar o documentário radiofônico em uma experiência sonora, possibilitando ao ouvinte vivenciar os relatos por meio das vozes e também da ambientação sonora.

Pensando o episódio número um, das mudanças de um ambiente rural para um grande centro urbano, propomos sonoridades que remetessem à passagem do tempo, em especial o fim do século XIX e início do século XX. Para tanto, optamos pelo uso do chorinho, ritmo musical que permeia obras dramáticas dos contextos de época, com a intenção de situar o ouvinte a partir da construção histórica do território observado. Elementos como passos no chão de terra, cantar de pássaros, carroça, sons de feira, bonde etc. serviram não apenas como transição, mas também como recursos fundamentais para expressar o sentido proposto pela equipe.

No episódio de número dois, para tratar do Centro de Cultura Negra e suas contribuições para o bairro do João Paulo, optamos pelo uso de músicas intrinsecamente ligadas à cultura negra. Utilizamos músicas do Bloco Afroakomabu, da Orquestra Afro-Brasileira, canções populares do Cacuriá e cânticos de terreiros de religião de matriz africana. Este episódio foi ambientado no sentido de se aproximar do público por meio da identidade, estimulando o ouvinte através do sentimento de pertencimento. Além disso, todos os instrumentos musicais observados no episódio são ou possuem relação com sonoridades oriundas de ritmos africanos e foram selecionados para reforçar a ideia proposta em relação ao tema.

O terceiro episódio foi trabalhado de forma diferente dos demais. Neste episódio, seguimos uma narrativa dramatizada, onde os personagens participam de uma conversa casual que acontece aos arredores de uma roda de samba. O uso dessa proposta foi criar uma paisagem sonora que se aproximasse do ouvinte, partindo da sensação de verossimilhança e promovendo sua imersão em relação ao tema.

As escolhas musicais e sonoras do episódio quatro foram trabalhadas de forma com que esses elementos dialogassem com o caráter simbólico e religioso da festa realizada no dia de São Marçal. Nesse sentido, buscamos, através dos elementos utilizados, construir, por meio

da paisagem sonora, um reforço sensorial, com o intuito de oferecer aos ouvintes uma experiência associada à memória coletiva e também pautada no sentimento de pertencimento.

“Os sons nos ajudarão para que o ouvinte ‘veja’, com sua imaginação, o que desejamos descrever; a música, para que sinta as emoções que tentamos lhe comunicar.” (KAPLÚN, 2017, p. 152).

Desse modo, a produção do documentário radiofônico segue as ideias de Kaplún no que se refere à música e às sonoridades empregadas no produto, do ponto de vista ambiental e descritivo, contribuindo para a visualização do espaço retratado, expressivo no sentido da ligação afetiva a partir das sonoridades trabalhadas para a construção da memória e também ornamental, no que se refere ao enriquecimento da narrativa.

Todas as músicas e efeitos sonoros usados neste projeto vieram de plataformas online, sobretudo do YouTube, de bancos como o FreeSound, além de captações de som ambiente de locais do bairro. No YouTube, encontramos trilhas específicas que atendiam perfeitamente às demandas de cada episódio, assegurando a autenticidade e a variedade sonora pretendida. Para baixar essas trilhas, utilizamos o app para Android TubeMate, que converteu os vídeos em MP3, facilitando a edição e a montagem. Essa abordagem permitiu coletar sons diversificados de modo ágil, conferindo a cada episódio sua identidade sonora.

4.3 Processo de produção

Neste momento, apresentaremos a descrição de todo o processo de produção, destacando a distribuição de funções, a seleção dos equipamentos utilizados e os relatos acerca dos primeiros contatos com as fontes entrevistadas, execução, decupagem e finalização das entrevistas. Durante as sessões, destacamos as impressões sobre as oportunidades que surgiram, e como as adaptações se desenrolaram dentro da realidade imposta.

4.3.1 Distribuição de funções

O projeto dispõe de uma equipe reduzida, formada por três produtores/realizadores que assumiram diferentes funções. Desse modo, buscamos a colaboração de um estudante de profissionais, conforme as descrições do quadro abaixo:

Quadro 3- Equipe do documentário radiofônico

FUNÇÃO	RESPONSÁVEL	ATRIBUIÇÕES
Roteiristas	Cledilson Silva Rocha Joelma Santos Baldez João Victor Macedo Sousa	Criar episódios para explorar cada tópico referente à história e à cultura do bairro João Paulo.
Locutores	Cledilson Silva Rocha Joelma Santos Baldez João Victor Macedo Sousa	Dar voz ao conteúdo roteirizado, adaptando a mensagem ao tipo de informação, às emoções e ao público-alvo.
Supervisores de edição	Cledilson Silva Rocha Joelma Santos Baldez João Victor Macedo Sousa	Planejar, coordenar e avaliar a qualidade de todo o processo de produção de conteúdo, junto à equipe técnica que atua na edição e finalização.
Colaborador Apoio técnico	Jorge Sousa e Marcos Belfort	Captar as locuções.
Colaborador Edição	Maurício Moreles	Fazer a seleção e montagem de áudio de acordo com o roteiro, otimização do som e adição de efeitos sonoros.
Colaboradora Locução padrão	Gisa Franco	Fazer a locução de abertura e encerramento dos episódios.
Coordenação de Relações Públicas e Marketing	João Victor Macedo Sousa	Fazer a gestão de relacionamento, identidade visual, eventos e imagem do projeto; criar conteúdo, estratégia digital e engajamento.

Fonte: Produção dos autores do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”.

4.3.2 Seleção de equipamentos

Para a realização das entrevistas foram utilizados equipamentos do acervo pessoal de integrantes da equipe: um tripé, um estabilizador para câmera profissional, duas câmeras de entrada, dois gravadores de voz, dois celulares para captação sonora, microfone direcional e um par de microfone de lapela sem fio, conforme especificações no quadro seguinte:

Quadro 4 – Acervo da equipe

Item	Unidades	Configuração/ Especificações
Gravador / Lapela	1	Microfone sem fio BOYA link sistema wireless dual preto
Microfone Direcional - Boom	1	Boya BY-BM6060, Cabeamento XLR
Celular	2	Iphone 8 e <i>Xaomi POCO</i>
Câmeras	2	Canon SL2 e Canon SL3
Tripé	2	-

Fonte: Produção dos autores do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”.

4.3.3 Diário de campo

Nesta fase, cada encontro com os entrevistados rendia indicações de fontes que poderiam ser consultadas. Por isso, aparecem nesta lista nomes que não estavam previstos na pré-produção.

Gravação 1: Leticia Cardoso - 29/04/2025 as tendências tecnológicas.

Figura 6 - Professora Leticia Cardoso em entrevista sobre a Festa de São Marçal, na Ufma



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

Foi de comum acordo entre os integrantes da equipe, e durante a curadoria de contatos, que a professora doutora Leticia Cardoso trouxesse seu conhecimento acerca do quarto episódio, pois se trata de um tema bastante simbólico para a localidade: a Festa de São Marçal.

As gravações aconteceram em um espaço da própria Universidade Federal do Maranhão. Desta forma, combinamos com a professora de nos encontrarmos por volta do horário das 16:00 às 16:50, nos apresentamos formalmente, apresentamos a proposta da pauta e, por fim, iniciamos as gravações. A gravação da entrevista teve duração de 34min37seg (trinta e quatro minutos e trinta e sete segundos).

Entre os equipamentos foram utilizados duas fontes de captação em áudio, celular (João Victor - Iphone 8), além do gravador (Joelma - Sony). Como destacado previamente,

aproveitamos a oportunidade para captação em vídeo, tendo a disposição uma câmera (EOS Canon-SL3) e um tripé profissional, todos de Joelma Baldez. As gravações tiveram duração de 50 minutos, sobre os temas relacionados ao sotaque de matraca e a própria Festa de São Marçal.

Gravação 2: José Raimundo de Sá Marques - 23/05/2025

Figura 7- Professor Sá Marques em entrevista para o produto radiofônico: João Paulo, um oásis no meio do caminho



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

Na entrevista seguinte, José Raimundo de Sá Marques, professor, historiador e pesquisador, formado em Direito, foi o selecionado pela curadoria da equipe para abordar temas sobre a historicidade do local, além de tratar sobre a personalidade cultural e folclorista Aliete de Sá Marques, conhecida como Dona Lili, mãe do mesmo.

Na oportunidade, realizamos a entrevista na casa da fonte, localizada na Rua de São Vicente, no João Paulo, com início às 16h00 e término às 19h41. A gravação da entrevista teve duração de 57min24seg (cinquenta e sete minutos e vinte quatro segundos).

Entre as impressões, destacamos a receptividade do professor que nos atendeu de prontidão, além de nos presentear com um microfone de lapela e uma câmera *handmade* de vídeo digital 4k.

Gravação 3: Walter Seabra - 17/05/2025

Figura 8 - Walter Seabra, presidente do grupo de bumba meu boi “Touro Negro Encantado”, em entrevista concedida em maio de 2025.



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

Fazedor de cultura e atual presidente do bumba-meu-boi sotaque de matraca do João Paulo (Touro Negro Encantado), Walter Seabra é a terceira entrevista feita pela equipe, na sede da organização, localizada na rua da Malária, João Paulo. O contato com a assessoria se deu pelas redes sociais, com o responsável e filho de Walter, Janilson Seabra. A entrevista foi realizada das 16h00 até 17h40. A entrevista teve duração de 47min42seg (quarenta e sete minutos e quarenta e dois segundos).

Entre as impressões, destacamos que a entrevista coincidiu com o ensaio itinerante do grupo. Então, tivemos a oportunidade de acompanhar e registrar visualmente, e que tivemos um destaque com um anúncio nas redes sociais, divulgando a nossa entrevista com o grupo. Durante o processo, conseguimos o contato do jornalista Joel Jacinto, responsável por fornecer um acervo significativo de contatos de personalidades que somariam na construção das pautas.

Gravação 4: Ithamilson Lima - 08/06/2025

Figura 9 - Ithamilson Lima, com a equipe do documentário na secretaria do Parque Folclórico da Vila Palmeira



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

Para nossa quarta entrevista, destacamos a personalidade de Ithamilson Lima, que atua no segmento cultural desde 1993, atual diretor do Parque Folclórico da Vila Palmeira, assumindo a presidência da Turma da Mangueira em 2015, com o encerramento do segundo mandato em 2023. A entrevista foi realizada no escritório do mesmo, localizado no Parque Folclórico, por volta das 16h23 com término às 17h55, totalizando 1h12min50seg (uma hora, doze minutos e cinquenta segundos).

Foram utilizadas duas câmeras (EOS Canon SL2 e SL3), um tripé profissional, dois gravadores (Sony e ZOOM) e um estabilizador de aço.

Gravação 5: Donilton Silva - 09/07/2025

Figura 10 – Encontro da equipe de com o historiador entrevistado na Biblioteca Pública Benedito Leite:



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo). Da esquerda para a direita, João Victor Macedo, Donilton Silva, Joelma Baldez e Cledilson Rocha

A quinta captação contou com a participação do historiador e pesquisador, residente do bairro do João Paulo, Donilton Silva. Sua entrevista aconteceu na sala de leitura e na recepção da Biblioteca Pública Benedito Leite, das 16h às 17h30. A entrevista teve duração de 51min22seg (cinquenta e um minutos e vinte e dois segundos).

Entre as impressões, destacamos a dificuldade em adentrar o espaço com os equipamentos técnicos, por conta dos processos burocráticos estabelecidos pelo local, mas que rapidamente foram contornados e resolvidos por Joelma Baldez, o historiador, além de mostrar disponibilidade em nos indicar referências teóricas para auxiliar na compreensão histórica do bairro.

Destacamos, nesta entrevista, informações que explicam o nome do bairro e como isso influenciou vivências, como as dos demais fazedores de cultura. Contextualizamos, também, todo o processo histórico que trata da antiga configuração e das mudanças sofridas pelo local ao longo do tempo, um processo marcado pela desigualdade social.

Gravação 6: Padre Haroldo Cordeiro - 10/07/2025

Figura 11 – Encontro na residência do senhor Padre Haroldo, na Cohab



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo). Da esquerda para a direita, João Victor Macedo, Padre Haroldo Cordeiro, Cledilson Rocha e Joelma Baldez.

Para essa entrevista, especificamente, contamos com as indicações do jornalista Jael Jacinto, que nos explicou sobre a necessidade de contactarmos Dona Celeste, amiga próxima do padre e responsável pela sua agenda. Entramos em contato e de prontidão fomos atendidos e conseguimos agendar uma entrevista na Capela do Padre Haroldo, localizada no bairro da Cohab. O encontro foi realizado das 11h às 13h. A entrevista teve duração de 46min12seg (quarenta e seis minutos e doze segundos)

Destacamos a personalidade única do entrevistado, com seus mais de 90 anos de idade, sempre muito ativo e educado, que nos apresentou seu acervo em arte sacra, com peças de importância histórica e artística. “Alegrai-vos” destacou o Padre ao relembrar momentos divertidos sobre seu passado como “Padre Boieiro”.

O Padre apresentou o Missal Romano, mostrando a trajetória do mártir São Marçal, além de explicar a primeira liturgia elaborada para a festa de mesmo nome, intitulada “Benção dos Bois para a Noite de Santo Antônio e São João” e um mostruário com fotos de obras de arte produzidas por ele.

Gravação 7: Marlene Henriqueta Pires Santos e Layna Souza - 12/07/2025

Figura 12 - Registro na residência da senhora Marlene Santos, e presença de Layna Souza, com equipe do documentário, nos Barés.⁴⁴



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

Localizada na rua dos Guaranis, no bairro Barés, a equipe foi ao encontro das depoentes Marlene Henriqueta Pires Santos e Layna Souza, familiares de Almerice Santos, a saudosa Dona Teté do Cacuriá. O local escolhido foi a casa de dona Marlene, filha única de Dona Teté, que, durante a entrevista, mostrou para a equipe as indumentárias dos brincantes do cacuriá.

Chegamos ao local de encontro por volta de 10h30 da manhã, e realizamos uma conversa informal com as entrevistadas. Começamos a gravação às 11h da manhã. Ao todo, a entrevista teve duração de 2h30m47seg (duas horas, trinta minutos e quarenta e sete segundos.).

Além disso, fomos convidados a conhecer a antiga casa da precursora da manifestação popular. Entre as diversas homenagens, destacamos a fotografia da primeira apresentação do famoso grupo de cacuriá.

⁴⁴ Da esquerda para a direita João Victor Macedo, Marlene Santos, Layna Souza, Joelma Baldez e Cledilson Rocha, em registro após entrevista para a produção do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”, em 12.07.25.

Gravação 8: Airton Rolim - 15/07/2025

Figura 13 - Tesoureiro do grupo de bumba-meu-boi, sotaque de orquestra, Boi da Lua, Airton Rolim, na sede da brincadeira, em entrevista cedida em julho de 2025.



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

Nosso quinto personagem, Airton Rolim, trouxe depoimentos acerca da sua relação com o projeto cultural, bumba-meu-boi, sotaque de orquestra - Boi da Lua. A entrevista foi realizada na sede do boi, localizada no bairro do João Paulo, estrada da vitória, com início às 14h23 até às 15h55 da tarde. A entrevista teve duração de 43min34seg (quarenta e três minutos e trinta e quatro segundos).

Na ocasião, foi-nos apresentada a relação da brincadeira com o projeto da Turma da Mangueira e como essa parceria perdura por anos, além das condições de infraestrutura do espaço, a relação com o bairro para além do festejo e sua relação com a religião de matriz africana.

Por fim destacamos, com exclusividade, a escolha das cores que serão utilizadas pelos brincantes para o São João de 2026, além de croquis elaborados por um estilista italiano que durante anos ajudou na confecção e fabricação das indumentárias da manifestação.

Gravação 9: Paulo de Tasso, Hélio Braga e Raimundo Moraes - 16/07/2025

Figura 14 – Guardiões de memórias sobre a Festa de São Marçal



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo). No fundo da foto, da esquerda para direita, temos Paulo de Tasso, Joelma Baldez, Hélio Braga, Raimundo Moraes. E em primeiro plano, João Victor Macedo e Claudina Braga Santos.

A captação desta sonora destaca o trio Paulo de Tasso, Hélio Braga e Raimundo Moraes, entrevistados indicados pelo pesquisador Sá Marques e pelo jornalista Joel Jacinto. A entrevista foi realizada na casa de Hélio Braga, aposentado, formado em engenharia civil e amante da cultura que reside no João Paulo há mais de 70 anos. Chegamos ao local do encontro às 9h40 da manhã e começamos a gravação às 10h. A entrevista teve duração de 1h23m21seg (uma hora, vinte e três minutos e vinte um segundos).

Certo de que a pauta com ele não fluiria, após os primeiros contatos, falamos com Paulo de Tasso, que prontamente nos atendeu confirmando sua entrevista e perguntou se seria possível contatar um amigo, que por coincidência, era seu Hélio Braga.

No dia da entrevista, momentos antes, notificamos o senhor Paulo que prontamente nos atendeu, confirmando nossa entrevista e perguntando se poderia chamar mais uma pessoa, seu Raimundo Moraes. Por fim, conseguimos reunir a velha guarda da produção cultural joão-

Paulina, entre ex-presidentes da escola de samba turma da mangueira e o diretor de manifestações religiosas do local. Destacamos a simpatia do trio e a receptividade dos anfitriões.

Gravação 10: Carlos André Teixeira- 17/07/2025

Figura 15 - Carlos André Teixeira, Coordenador do Instituto “Mãos de um Amigo”, responsável pela organização da Festa de São Marçal



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

O Senhor Carlos André, responsável pela gestão da Festa de Marçal, foi a nossa próxima captação. Por conta da disponibilidade, um dos integrantes do não pode comparecer (Cledilson Rocha) por questões pessoais, dessa forma, compensamos ao trazer uma amiga para dar suporte técnico a nossa entrevista. A captação aconteceu das 11h03 da manhã às 12h56, na sede do Instituto Mãos de um amigo, em frente à sede do bumba-meu-boi de orquestra, o Boi da Lua. A entrevista teve duração de 1h2min16seg (uma hora, dois minutos e dezesseis segundos).

Durante a entrevista, conseguimos captar a real parcela de brincantes que participaram do evento, importância histórica do antigo colegiado, e como a nova gestão amplifica e moderniza a festa de forma nos dias atuais. Destacamos a prontidão do depoente além da facilidade do local.

Gravação 11: Gilmar Lopes - 22/07/2025**Figura 16 - Frame retirado do documentário “Grécia Jamaicana”**

Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

A próxima parada é na popular feira do João Paulo⁴⁵, localizada na avenida São Marçal, responsável por abastecer bairro e adjacências. Aqui foi entrevistado o responsável pelo gerenciamento do espaço, Gilmar Lopes, tendo dois meses de atuação na feira.

Para entrevista, participaram os alunos Joelma Baldez e Cledilson Rocha, no escritório do depoente, no horário de 09h20 (nove horas e vinte minutos) da manhã. A entrevista teve duração de 27:37 (vinte e sete minutos e trinta e sete segundos).

Entre as perguntas foram questionados de como é o processo de administração da feira, seu contexto histórico. Gilmar destaca também a grande rotatividade entre os gerentes para administração do espaço. E de forma geral, o mesmo acentua o valor que o espaço tem para a construção econômica, social e cultural para o bairro.

⁴⁵ Ao iniciar a entrevista, os pesquisadores foram instruídos a não utilizarem câmeras durante a entrevista, por questões de permissão de uso de imagem, enquanto profissional de um órgão público. Por isso, a imagem selecionada foi extraída do documentário “Grécia Jamaicana, produzido por Joelma Baldez, João Victor Macedo e Crslany Carolina Pales Sousa, em janeiro de 2023.

Gravação 12: Carlos Benedito Rodrigues - Professor Carlão - 23/07/2025

Figura 17 - Representante da equipe Joelma Baldez ao lado do Professor Carlos Benedito Rodrigues da Silva.



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

A captação seguinte destaca o professor do Departamento de Sociologia e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, Carlos Benedito Rodrigues da Silva, popularmente conhecido no meio acadêmico como Professor Carlão.

A entrevista foi concedida nas instalações da Universidade Federal do Maranhão, no prédio Professor Doutor Sérgio Ferretti, sala do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NAEB). Com a entrevistadora Joelma Baldez, a pré-entrevista teve início às 09h30 (nove e meia) da manhã. A entrevista propriamente dita começou às 10h30 (dez e meia) com término às 11h50 (onze e cinquenta). A entrevista teve duração de 33min40seg (trinta e três minutos e quarenta segundos).

Os componentes do grupo, Cledilson Rocha e João Victor Macedo não puderam comparecer devido ao choque de horário com compromissos profissionais.

Dentre as perguntas, destacamos as de identidade e cultura negra, e como a sua compreensão foi significativa para a construção cultural do bairro João Paulo. Destacamos também a explicação do pesquisador ao evidenciar questões como racismo, exclusão social, e

como a falta de políticas públicas contribuem para que o bairro ainda carregue estigmas de retrocesso e como a importância da educação contribui para uma formação que para além de destaca a ótica de um povo colonizador, e que espaços como CCN, são significativos na formação de mudança de olhar sobre a própria história.

Para tratar sobre o CCN, convidamos uma das coordenadoras da entidade, Joana Carla Algarves. Ela esteve presente para a entrevista do produto, por volta da 15h00 da tarde, no estúdio da Universidade FM. Mas tivemos apenas 15min (quinze minutos) de material captado, devido a um compromisso simultâneo que ela tinha em um congresso de causas identitárias para a população negra. Por isso, não pôde estender-se muito durante as gravações, falando brevemente sobre sua experiência no CCN. Então usamos uma apenas uma sonora no episódio 2.

4.3.4 Gravação no estúdio

Figura 18 - Equipe de pesquisadores do documentário radiofônico, no Estúdios de gravação da Rádio Universidade FM.



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo). Da esquerda para a direita, Joelma Baldez, João Victor Macedo e Cledilson Rocha, em gravação, no dia 03 de dezembro de 2025.

Inicialmente, fizemos a gravação no Laboratório de Rádio do curso de Comunicação Social da UFMA, com a captação e apoio técnico do responsável, Jorge Sousa.

Naquele contexto, assumimos a locução padrão e as locuções que conduzem as narrativas. Depois fizemos uma análise na questão da colocação vocal e repensamos todo o roteiro técnico no tocante a *backgrounds*, efeitos, trilhas de abertura, de crédito e encerramento, bem como a inserção de silêncios. E decidimos por um segundo tratamento a fim de alcançarmos nossos objetivos.

Após a seleção dos elementos da trilha sonora, decidimos buscar apoio junto a Rádio Universidade FM, campo de estágio de um dos autores deste trabalho, e obtivemos autorização para gravação do texto de locução no estúdio da emissora, com a captação de Marcos Belfort. Diante deste espaço, fizemos um convite às locutoras Mayra Nogueira e Gisa Franco para fazer a abertura e encerramento dos produtos (em momentos diferentes de produção)⁴⁶ e ao estudante Maurício Morales para fazer a edição do produto. Todos atenderam ao nosso convite.

Figura 19 - Compilado de fotografias com colaboradores da Rádio Universidade FM



Fonte: Imagens de arquivo da equipe do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” (Joelma Baldez, Cledilson Rocha e João Victor Macedo).

1 - Da esquerda para a direita: Joelma Baldez, Cledilson Rocha, João Victor Macedo e Marcos Belfort.

2 - Maurício Morales e João Victor Macedo

3 - Da esquerda para a direita: Paulo Pellegrini (Coordenador da Rádio Universidade FM, Joelma Baldez, Cledilson Rocha, João Victor Macedo)

Desse modo, as gravações dos textos (abertura, encerramento e narração) foram realizadas no estúdio da Rádio Universidade FM, localizado no Centro de Ciências Sociais (CCSO) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O ambiente interno do estúdio é dividido em sala de captação (revestida com isolamento acústico e mobiliada com mesa,

⁴⁶ A locutora Maira Nogueira gravou a abertura e o encerramento de alguns episódios, mas entrou de férias no período em que fizemos ajustes e acréscimos de informação. Solicitamos a colaboração da locutora Gisa Franco que prontamente nos atendeu. Por isso, a versão de apresentação neste trabalho de conclusão de curso foi finalizada com a voz de Gisa Franco em todos os episódios.

cadeiras e microfones) e a sala de controle (onde estão dispostos equipamentos, como computadores com softwares Sound Forge, mesa de áudio, caixas de som para monitoramento e fones de ouvido).

Tivemos à nossa disposição toda essa estrutura, com os equipamentos de uso institucional listados a seguir, com as respectivas especificações:

Quadro 5 - Equipamentos do estúdio de gravação da Rádio Universidade FM

Categoria	Item	Quantidade	Descrição / Especificações
Equipamento	Mesa de som digital	1	Behringer - 14 canais
Equipamento	Computador / Software	1	Sistema Microsoft com configuração básica
Equipamento	Placa de vídeo	1	128 MB
Equipamento	Memória RAM	1	16 GB
Equipamento	Processador intel (R) Core (TM) i5-10400 CPU	1	2.90GHz
Mobília	Mesas	3	Mesas para estúdio
Mobília	Cadeiras	4	Cadeiras para estúdio
Áudio	Microfone		Behringer B1
Áudio	Cabeamento XLR	2	02 cabos Cannon (macho e fêmea) Sistema de aterramento (XLR)
Áudio	Aterramento	1	
Áudio	Canal Esquerdo	2	
Áudio	Canal Direito	2	
Áudio	Fone de ouvido	1	AKG K52 - Preto
Áudio	Monitores de Som (Caixas de retorno)	2	RESOLV - 8a - Active studio monitr

Fonte: Produção dos autores do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”.

As gravações ocorreram nos horários estabelecidos pelos profissionais colaboradores: no período da tarde, entre 13h30 e 14h, e também entre 17h e 18h30. Foram necessários seis dias para a conclusão desta etapa: no dia 26 de novembro de 2025 foi dedicado à captação da apresentação e do episódio 1; em 3 de dezembro foi gravado o episódio 2; e na data de 10 de dezembro de 2025 os episódios 3 e 4; os dias subsequentes 6, 7 e 8 de janeiro de 2026 foram dedicados à abertura e ao encerramento de cada episódio. A duração média dos

produtos finais varia entre 15 e 20 minutos. Os arquivos em brutos foram captados em formato MP3.

4.4 Pós-produção

Nesta seção, compartilhamos nossos desafios na força tarefa realizada para a decupagem do material das entrevistas, que envolveram a seleção das sonoras a que buscamos dar destaque na construção do produto final.

Após a gravação dos episódios no estúdio da Rádio Universidade FM, adaptamos o roteiro para o editor, Maurício Moreles, que é pessoa cega. Conversamos com ele sobre como queríamos o trabalho, e ele começou a montagem no início do mês de dezembro de 2025. Na primeira versão, identificamos alguns equívocos nas narrativas e detalhes incômodos quanto ao volume das trilhas e precisão de informações nos créditos. Fizemos alterações na locução de abertura e encerramento e alguns ajustes no roteiro, regravamos alguns trechos da locução padrão e submetemos novamente ao trabalho do editor.

Após esse processo, elaboramos as sinopses dos episódios e definimos estratégias de inserção do produto no mercado, bem como um plano estratégico e de identidade visual. Todo o conteúdo foi disponibilizado em plataforma de acervo digital, no endereço: https://drive.google.com/drive/folders/1dwa-SaJ7aW_Hs93rxpmlKqsKuY1m1z?usp=sharing

5 PRODUTO E INSERÇÃO NO MERCADO

O produto intitulado “João Paulo: um oásis no meio do caminho” é um documentário de gênero radiofônico, que tem como objetivo apresentar aspectos históricos, geográficos, socioeconômicos e culturais do bairro João Paulo.

Considerando nosso propósito com a pesquisa, assumimos como dever assegurar que o produto seja disponibilizado ao público, especialmente à comunidade do João Paulo e adjacências. O documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho” visa a valorização daquele que é considerado um dos principais bairros da capital ludovicense.

As esferas da educação, comunicação e cultura comumente estabelecem pontos de contato:

Ao se falar de sociedade organizada, faz-se importante refletir um contexto social onde se possa observar a articulação dos campos educacional, comunicacional e cultural, em uma perspectiva dialógica na busca do exercício de cidadania. Os campos educacional e comunicacional, por mais que tenham confluência, ainda carecem de estudos e pesquisas que possibilitem melhor entendimento. Constitui-se em uma área extremamente plural, que pode ser pensada sob uma ótica de múltiplas abordagens, ações e reflexões (Pellegrini e Ferreira, 2006, p.122)

Neste sentido, traçamos estratégias para a distribuição para rádios públicas, educativas e comunitárias dos municípios da ilha (São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa)⁴⁷, levando em consideração a viabilidade e o alinhamento aos nossos objetivos. Isso se dá pela importância do papel exercido por cada tipo de rádio citada, pois a equipe considera que é necessária a democratização do conhecimento e da comunicação para os territórios em que elas estão situadas.

Considerando que a comunicação pública é um conceito amplo e ainda em construção, é importante refletir sobre o papel das emissoras públicas:

Os principais requisitos, entre os que já se conceituou como caracterizadores e essenciais ao rádio público, atribuem às emissoras públicas a necessidade de, muito mais que as outras rádios, exercerem, na programação, um verdadeiro encontro, uma integração entre os conteúdos e suas audiências. (Zuculoto, 2011, p. 10)

A integração entre conteúdos e audiências propostas por Zuculoto (2011) também podem se fazer presentes nas rádios comunitárias, uma vez que elas rompem com lógica verticalizada estabelecida e perpetuada pela mídia hegemônica. As rádios comunitárias possibilitam a participação de suas comunidades, fomentam a cultura, promovem igualdade e evocam os princípios pautados na ideia de pertencimento.

⁴⁷Apresentaremos (em momento presencial) a sugestão de inserir o produto no horário das 18 horas (seis da tarde), horário de Brasília, momento em que muitos ouvintes estão sintonizados nas rádios de suas preferências enquanto se deslocam do trabalho ou escola para casa.

Nenhum dos voluntários que trabalham em uma rádio comunitária tem dúvida da importância de uma emissora local, dirigida aos interesses da comunidade e sem finalidades mercantilistas. [...] Os comunicadores das rádios comunitárias se sentem na obrigação de interpretar as notícias que a comunidade ouve ou lê por outros canais de comunicação. Ademais, eles não se sentem representados nas mídias tradicionais. Essa é uma das razões porque eles acreditam ser tão importante a existência de uma rádio comunitária na comunidade (Costa, 2011, p. 8-9)

Nesse contexto, reconhecemos as rádios públicas e comunitárias como as mais alinhadas à nossa proposta, considerando a natureza e os princípios que têm. No entanto, não somos indiferentes ao fato de que vivemos uma era em que tudo se torna acessível e instantâneo, o que amplia as possibilidades de consumo do ouvinte.

Antes da internet, a aquisição e a audição de música gravada se davam por meio de discos de vinil, fitas e pelas mídias de comunicação, principalmente o rádio. Nesses casos, o ouvinte dependia da curadoria de outra pessoa [...]. Com os streamings, essa curadoria pode ser feita pelo próprio usuário, o que representa uma mudança importante. [...] Nas plataformas, os usuários tomam postura ativa na organização de um acervo praticamente ilimitado de faixas (Volpato, 2021, p. 9).

Por isso, temos o propósito de adequar o produto para veiculação nas plataformas digitais, o ambiente que oferta ao ouvinte o acesso ao conteúdo que quiser e quando quiser, na palma da mão, à distância de um clique, inclusive sobre o próprio lugar com o qual tem uma história.

5.1 Sínteses dos episódios

Organizado em quatro episódios, cada um, com duração mínima de 10 minutos e máxima de 20 minutos, perpassando temas como historicidade, economia, geografia, tradições e religiosidade, entre outros aspectos, sob a ótica de pesquisadores, dirigentes de organizações, figuras públicas, moradores, fazedores e fruidores de cultura popular. Os subtítulos são: “Floresceu deste chão”; “Ao povo o que é do povo”; “Eu sou o samba” e “Entre toadas e a volta pra casa”.

5.1.1 Episódio 1 - Floresceu deste chão

Florescer é entender o solo em que se habita e, assim, construir formas de se mostrar existente. É com esse pensamento que o produto documentário radiofônico “João Paulo: um oásis no meu caminho” conta a história do antigo Prado, popularmente conhecido como João Paulo. No primeiro episódio entendemos a historicidade da região e como o bairro se transformou de um território rural para um dos grandes pólos sociais, econômicos e culturais de São Luís.

Convidamos os historiadores Donilton Silva e o pesquisador Sá Marques, que desbravam dados históricos ao lado de depoentes culturais, como os de seu Hélio Braga, morador do bairro há mais de 70 anos e ex-coordenador da Festa de São Marçal. Ao lado de outros nomes, eles introduzem o bairro de João Paulo ao entendimento de biodiversidade cultural a céu aberto.

O que “Floresceu deste chão” de história convida pesquisadores, fazedores e amantes da cultura que durante décadas moldaram as manifestações e costumes. Entre memórias, imersão e tradição, o produto transforma o bairro em um sentimento vivo que atravessa gerações.

5.1.2 Episódio 2 - Ao povo o que é do povo

“Quando a fonte secar, todos vão saber... (Urias, Carranca, 2025)” explora como a cultura negra sempre foi utilizada como fonte para a criação de muito do que compreendemos como manifestação cultural, a ponto de nos questionarmos: até que ponto ela pode resistir sendo constantemente explorada?

O documentário radiofônico “João Paulo: um oásis no meio do caminho” apresenta o segundo episódio “Ao povo o que é do povo”, no qual relata um dos pontos cruciais para entendermos como a influência afro-maranhense foi extremamente necessária para compreendermos a força cultural do Maranhão, e como o Centro de Cultura Negra, tornou-se pólo de resistência e identidade para as comunidades periféricas, ao se sentirem pertencentes e valorizadas dentro do contexto social. O episódio traz personalidades como Maurício Paixão, então coordenador do Centro de Cultura Negra, que apresenta a importância de um espaço que dialoga diretamente com os diversos entendimentos do que é “cultura”.

“Ao povo o que é do povo” apresenta a força negra maranhense, ao convidar pesquisadores, fazedores e amantes da cultura do bairro para falar sobre os processos que perpetuaram costumes e tradições, que reafirmam a identidade, a autoestima e o senso de coletividade da população do lugar.

5.1.3 Episódio 3 - “Eu sou o samba”

O que um pé de manga e o samba no maranhão têm em comum? A série documental “João Paulo: um oásis no meio do caminho” apresenta o terceiro episódio, “Eu sou o samba”, baseado em uma conversa entre dois amigos sobre as memórias de grandes expoentes da cultura

sambista do bairro e a sua relação com o gênero musical. O que era visto como “pura boemia” tornou-se uma das diversas manifestações da cidade, sendo celeiro de grandes nomes como Seu Dito e Zé Pivó.

Dentre os convidados, o episódio destaca ex-presidentes da agremiação “Turma da Mangueira” como Paulo de Tasso e o também carnavalesco e atual Coordenador do espaço Parque Folclórico da Vila Palmeira, Ithamilton Lima. Os dois revelam os desafios e responsabilidades de se sustentar um gênero tão genuinamente brasileiro e popular, em terras maranhenses.

“Eu sou o samba” captura a nostalgia ao convidar, pesquisadores, fazedores e amantes da cultura do bairro que contam suas versões sobre como a relação de um pé de manga com o gênero do samba consolidou uma das expressões culturais mais marcantes do Maranhão.

5.1.4 Episódio 4 - Entre toadas e a volta para casa

Um dos melhores sentimentos é o de se sentir em casa; por isso, a volta não deve ser triste. A série documental “João Paulo: um oásis no meio do caminho” apresenta o quarto e último episódio “Entre toadas e a volta para casa” ao evidenciar as versões de diversas personalidades que buscam conectar memórias e opiniões sobre a maior celebração de bumba meu boi do Maranhão - a “Festa de São Marçal”. O episódio percorre a concepção, o sincretismo e a sua relação com o santo. Demonstra ainda como esse pedaço de chão do território João Paulo se transforma durante os festejos juninos em lugar de encontros que todo ano reafirma sua importância.

Leticia Cardoso, Doutora em Comunicação e Especialista em Jornalismo Cultural e Padre Haroldo, “O Padre Boieiro”, personalidades populares da Festa de São Marçal, foram os convidados deste episódio, que expuseram as óticas religiosas e expressões culturais, durante os anos do evento.

“Entre toadas e a volta para a Casa” reafirma suas tradições ao convidar pesquisadores, fazedores e amantes da cultura do bairro que partilham suas vivências e o retorno coletivo, que, antes de tudo, é um lar.

5.2 A viabilidade de inserção do produto

A descrição dos episódios aciona uma série de apelos da memória e estímulos da modernidade sobre um território dentre os mais tradicionais de São Luís. Esse tipo de conteúdo

é adequado ao perfil das emissoras públicas, incluindo as comunitárias, visto que dispõe de conteúdos com teor educativo e de forte inserção no universo da cultura popular já de amplo conhecimento das audiências, a exemplo da Festa de São Marçal, e pela visibilidade que os outros equipamentos do bairro proporcionam, como o quartel (24º BIS), os corredores do comércio e o Centro de Cultura Negra (CCN). Sinaliza, portanto, para as relações identitárias estabelecidas entre os moradores da cidade com o João Paulo, que podem alcançar forte visibilidade por meio da inserção do documentário nas rádios públicas, as rádios mais alinhadas à nossa proposta.

5.2.1 Produtos similares

Embora não tenhamos identificado produtos similares no gênero proposto, a vida dos bairros (política, econômica, cultural) está sempre presente na grade de programação das emissoras comunitárias, a exemplo da Bacanga FM (localizada no bairro Anjo da Guarda, em São Luís) e da Cultura FM (sediada no Maiobão, no município de Paço do Lumiar).

5.2.2 Diferencial

O produto foi elaborado com o intuito de se adequar às demandas de emissoras de comunicação pública, apresentando pontos de vista com base no jornalismo investigativo, testemunhal e educativo. Previamente, a equipe do programa buscou associar o conteúdo aos conceitos de credibilidade, diversidade de fontes, apuração rigorosa, linguagem objetiva, pluralidade de vozes nas narrativas dos episódios.

Constitui nosso propósito veicular um programa que possa ser validado por sua forma e conteúdo. Por isso, optamos por uma escolha cuidadosa na composição dos elementos da linguagem radiofônica: palavra falada, música, efeitos sonoros e silêncio, para alcançar o universo emocional do ouvinte, exaltando cultura e tradição que durante anos construiu os pilares tradicionais da região.

Buscamos recuperar a memória e exaltar o cotidiano do bairro, criar vínculos entre o conhecimento comum dos próprios moradores, empreendedores, fazedores de cultura e a audiência, mostrando as potencialidades econômicas, políticas e culturais do território. Por isso, todos os contextos apresentados, incluem recursos que possam aproximar o ouvinte dos temas apresentados, valorizando a memória, a oralidade, acessibilidade e educação.

5.2.3 As possibilidades de veiculação

Nossa intenção inicial é buscar parcerias com sete rádios da Grande Ilha, conforme destacado no quadro a seguir:

Quadro 6 – Rádios públicas e comunitárias selecionadas para apresentação do projeto.

Rádios	Frequência	Endereço	Sites	Contatos
Rádio Universidade FM	FM 106,9MHz	Av. dos Portugueses, 1966 – Campus Bacanga – UFMA – São Luís/MA	https://universidadefm.ufma.br	@radiouniversidadefm (98) 99217-2647
Rádio Timbira FM	FM 95,5MHz	Avenida Senador Vitorino Freire, 29, Edifício Cesário (Térreo), Centro São Luís - Maranhão	https://radiotimbira.ma.gov.br	@radiotimbira (98) 9232-6290
Rádio Nacional (EBC)	FM 93,7MHz	Rua Armando Vieira da Silva, nº 126 Bairro de Fátima	https://radios.ebc.com.br	@radionacionalbr (98) 3334-3720
Rádio Bacanga FM	FM 106,3MHz	Bairro Anjo da Guarda – São Luís/MA	https://www.radiobacangafm.com.br	@radiobacangafm106.3 (98) 8477-8917
Rádio Araruna FM	FM 10,3MHz	São Luís/MA	https://www.ararunafm.com.br	@ararunafm107.3mhzmais (98) 9113-9734
Rádio Ilha do Amor FM	FM 106,3MHz	Cohab Anil I, São Luís – MA	https://www.ilhafm106slz.com.br	@ilhadoamorfm106.3 (98) 9227-6613
Rádio Cidadania FM	FM 106,3MHz	Av. Pavão Filho, 36 – Vila Janaina, São Luís – MA	http://www.cidadania106.com.br	Facebook: Radio Cidadania Fm 106,3Mhz (98) 3257-6724

Fonte: Produção dos autores do documentário “João Paulo: um oásis no meio do caminho”.

Primeiramente, pretendemos estabelecer diálogo com emissoras de rádio públicas como a Rádio Universidade FM (106,9 MHz) e Rádio Timbira FM (95,5 MHz). A primeira é vinculada à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), voltada para a difusão de cultura e educação, e atinge públicos variados, além de representar uma ponte entre a academia e a sociedade. Já a Timbira FM, vinculada ao Governo do Estado, é a emissora mais antiga do Maranhão, com um público cativo e engajado. A veiculação nas emissoras mencionadas, em nossa concepção, dá mais visibilidade à pesquisa e contribui para o fortalecimento da cultura do bairro.

O próximo passo é inserir o produto na grade de programação de rádios comunitárias, em face da horizontalidade nas relações estabelecidas entre as emissoras e o

público local. Esse fator é preponderante para a escolha de distribuição devido ao alinhamento com nossas ideias.

Além disso, consideramos fazer uso das redes sociais das próprias rádios mencionadas para divulgar o produto e fomentar o engajamento do público com nossa mensagem, tendo em vista que a forma de consumo de produtos midiáticos tem seguido as tendências tecnológicas.

Em parceria com a rádio contratante, seremos o rosto do projeto, no sentido de propagar o programa que será veiculado, no compartilhamento de cards de divulgação e chamadas de redistribuição dos conteúdos para as plataformas digitais nos perfis das emissoras. Isso é realizável, tendo em vista que as rádios citadas têm perfis em uma ou mais plataformas digitais, como *Spotify*, *Deezer*, *Amazon Music*, *Youtube*. que vêm moldando experiências e percepção da escuta contemporâneas, sob demanda. Portanto, o uso das plataformas de streaming de áudio tem força para disseminar conteúdos sobre a rica cultura do João Paulo.

5.2.3 As parcerias

Para futuras parcerias, a equipe planeja mostrar o projeto a empresas e entidades do terceiro setor que valorizam a cultura local, na expectativa de que elas se disponham a associar sua marca ao produto:

- a) **SESC-MA** (representante local do Serviço Social do Comércio):⁴⁸ entidade do terceiro setor, que busca melhorar a qualidade de vida do trabalhador da área comercial e ofertar serviços para o público externo de saúde, lazer e cultura).
 - **Primeiro Contato:** Apresentar propostas de eventos que promovam ações vinculadas à valorização do bairro (como festivais de audiovisual, oficinas e concursos de reportagens, concurso de toadas.)
 - **Benefício:** Instigar futuros profissionais nas áreas de comunicação, coletivos de audiovisual e organizações não governamentais do território.

- b) **Origes:** Marca de moda *streetwear*, que busca reverenciar a cultura local.
 - **Primeiro Contato:** O contato com a empresa teria o objetivo de apresentar a proposta do produto que possa ser utilizada como suporte na divulgação da marca entre a geração mais jovem. A nova coleção de roupas apresenta

⁴⁸ Uma das unidades que compõem o "Sistema S" (formado por SESI, SENAI e SEBRAE), com foco social e de interesse público.

características estéticas do bairro e o produto seria responsável por explicar em linguagem sonora nas plataformas digitais (em formato de entrevista) com personalidade e inspirações utilizadas na coleção.

- **Benefício:** divulgação e contato direto com a geração nova que consome o produto.

5.2.4 O Público

Para além da comunidade do João Paulo, o documentário radiofônico busca contemplar historiadores, fazedores e simpatizantes da cultura popular. Considerando esses agentes, percebemos que esse público pode se ampliar na medida em que se torne fonte de informação para pesquisadores da área e da comunidade acadêmica da Comunicação. Desse modo, apontamos três estratégias fundamentais de alcance do público:

- **Criar** rede social para o projeto, com a descrição da proposta e a veiculação de um pequeno trecho do episódio e alguns destaques para os nomes dos personagens;
- **Distribuir** as chamadas para os entrevistados divulgarem em suas redes sociais;
- **Realizar** chamadas com o teaser nas rádios públicas e comunitárias, bem como nas redes sociais do projeto e das rádios parceiras;

5.3 Análise Swot

Em face de nosso propósito de realizar a inserção do produto no mercado, buscamos compreender melhor a Matriz *Swot*, uma ferramenta comumente utilizada no contexto empresarial, com vistas a “mensurar” e/ou diagnosticar uma situação clara desse tipo de inserção. Para Osterwalder e Pigneur (2011), a ferramenta é eficaz na identificação dos aspectos de forças e fraquezas, oportunidades e ameaças, na medida em que busca dar suporte com base em análises mais próximas da realidade. E, ao mesmo tempo, destaca pontos positivos e estrutura mecanismos para solucionar erros.

A análise SWOT fornece quatro perspectivas a partir das quais analisar os elementos de um Modelo de Negócios, enquanto o Quadro de Modelo de Negócios fornece o foco necessário para uma discussão estruturada (Osterwalder; Pigneur, 2011, p. 216)

Fazer esse exercício nos auxilia a ampliar nossa visão sobre como lidar os diferentes cenários e tomar as decisões mais assertivas, no tocante à nossa proposta. Proporciona uma

leitura didática e objetiva para um produto piloto e analisar características que se aproximam da realidade em que podemos atuar.

Discutimos a importância de desenvolver metas e objetivos. Ter boas metas e objetivos é vital, pois eles se tornam a base para medir o sucesso de todo o programa de marketing (Ferrell; Hartline, 2017, p. 11).

Neste sentido, buscamos identificar as emissoras mais próximas à concepção do produto sonoro que idealizamos, no âmbito jornalístico, para ampliarmos as oportunidades bem como construir soluções diante de possíveis desafios.

a) Forças:

1. Equipe com foco na formação continuada: A princípio, a experiência acadêmica individual de cada pesquisador auxilia na construção do produto e análise dos dados captados em campo. A equipe busca se qualificar constantemente e ampliar network dentro área, ao analisar produtos e/ou profissionais que sirvam de referência mercadológica.
2. Produto original em formato compacto: Não identificamos produtos com características semelhantes à proposta radiofônica apresentada, o que amplia as oportunidades para que o produto se torne comercialmente atrativo.
3. Dados de alta qualidade: Os dados adquiridos foram extraídos de fontes históricas, com pesquisadores e expoentes do universo cultural da cidade, bem como dos guardiões da memória coletiva do bairro.
4. Multidisciplinaridade de fontes: historiadores e outros pesquisadores do meio acadêmico, fazedores de cultura e moradores do bairro.
5. Proposta de promoção de acesso à informação e cultura: Por se tratar de um produto que será inserido na grade de programação dos veículos de comunicação públicas/comunitária de emissoras radiofônicas, o alcance da sua vinculação se estende a bairros que, por muitas vezes, consomem produtos sonoros distribuídos pelas rádios, e assim promover o caráter histórico e cultural a que o produto se propõe.

b) Fraquezas:

1. Equipe iniciante e projeto piloto, ainda não conhecido pelo público da rádio. A equipe ainda se encontra em ambiente acadêmico e a sua participação mercadológica ainda se encontra limitada em relação a grandes referências radiofônicas. Por consequência, o produto ainda se trata de um piloto que necessita do suporte do mercado.
2. Formato voltado para a veículo rádio na perspectiva tradicional: optamos por manter esse formato de produto (dentro de um tempo padrão), considerando que as próprias rádios tomam a iniciativa de distribuir seus conteúdos em plataformas digitais.
3. Equipe reduzida para a curadoria e análise de dados em situações mais específicas: devido ao número reduzido de integrantes, impacta diretamente na realização do produto, devido a sobrecarga de funções e divisão de responsabilidades.
4. Falta de estrutura organizacional bem definida para que cada integrante tenha funções específicas, visando ao máximo a exploração dos dados e realização de novas temporadas.
5. Questões contratuais que podem restringir a veiculação para o público de uma rádio que estabeleça exclusividade.

c) Oportunidades

1. Contar com a credibilidade da missão, visão e valores de rádios públicas e comunitárias de incentivo à difusão de conhecimento e cultura.
2. O formato radiofônico (tradicional) nos permite obter um alcance a pontos que não têm cobertura de sinal de internet e, ao mesmo tempo, contempla o público mais conectado às plataformas digitais, na medida em que as próprias rádios tomam a iniciativa de diversificar a distribuição desses conteúdos.
3. As possíveis interações do público no sentido de alterar a narrativa (com inserções, correções e opiniões) abrem espaço para produção de novos episódios/temporadas.
4. Contratação de novos profissionais por meio de captação de recursos via editais públicos.
5. Obter apoio cultural de empresa que deseje associar sua marca ao produto e à emissora contratante.

d) Ameaças:

1. Grade de programação fechada, que contempla projetos em linha semelhante.
2. Transformações progressivas no modo de consumo de rádio (falta de equipamentos de rádio nas casas e sinal nos aparelhos celulares mais modernos), que criou a necessidade do uso da internet para uso de apps radiofônicos.
3. Restrição da participação ativa do público quanto à linha narrativa do episódio (no momento) por se tratar de uma obra já estruturada.
4. Priorização de editais a profissionais e empresas já experientes.
5. As rápidas inovações no consumo de mídia sonora podem afetar diretamente na difusão do produto. Isso implica dizer que as formas de consumo do produto tendem a sofrer impactos para além das análises mercadológicas pré-estipuladas pela equipe, como tempo de atenção do consumidor.

5.4 Identidade visual

A comunicação visual do produto busca atender as necessidades dos ouvintes ao correlacionar o cotidiano e vivências simples a ideia de pertencimento e valorização de identidades múltiplas.

5.4.1 Logotipo

Os elementos que compõem o logotipo da marca tendem a entregar uma estrutura maximalista, com diversos símbolos que, estruturados conjuntamente, remetem à estrutura de condecoração.⁴⁹

A estética utilizada para a composição foi a proposta de colagem digital, tendo referências como “Gê Viana”, primeira artista maranhense a participar da Bienal de São Paulo. Seu trabalho busca protagonizar fé, sonoridade e pertencimento, ao destacar memórias e

⁴⁹ Uma espécie de selo de qualidade, à semelhança do que é conferido a obras que passam por curadoria de festivais especializados em um tema ou gênero e que qualificam uma obra inscrita como a obra do ano.

entrelaços históricos da cultura regional do Maranhão, a partir de obras que protagonizam a população afro-indígena maranhense.

Outra proposta estética escolhida foi “Brazil Core”, tendência global que destaca a identidade brasileira, a partir de elementos esportivos e símbolos culturais locais que protagonizam o patriotismo do país. Dentro do logotipo, essa estética busca trabalhar o sentimento de pertencimento dos próprios moradores pelo local em que vivem.

5.4.2 Tipografia

Na tipografia, foram escolhidas duas fontes para a construção documental do produto:

- **Adumu Regular:** A fonte cria a identidade ortográfica do produto, formando uma proposta mais robusta com características que beiram a união do tradicional e o atual. Destacamos sua similaridade com fontes inspiradas na xilogravura, bastante utilizadas em Livros de Cordel, no nordeste brasileiro. Adumu Regular mostra que mesmo se tratando de um produto com teor documental, a tipografia busca criar aproximações com o público ao mostrar entusiasmo e personalidade.
- **Inria Serif:** Dotada de coesão e clareza, a fonte busca retratar o rigor dos dados e documentos trabalhos no produto, como forma de demonstrar também uma preocupação estética e linguística sobre a veracidade dos componentes tratados no produto sonoro. A tipografia tem como objetivo trabalhar os textos mais elaborados e extensos, dentro do manual visual do produto.

5.4.3 Paleta de cores

Entre as paletas de cores trabalhadas, destacamos as seguintes escolhas:

- **Vermelho Barro (Regional) #8C!A!C** - A escolha da cor trabalha a intenção de entender as intenções tradicionais do bairro, desde sua ideia de construção como um bairro comercial, de efervescências culturais, como um espaço de entretenimento, política e afins, tudo isso de uma forma calorosa e evidencia ainda mais a força regional encontrada durante a elaboração do produto. A escolha do vermelho busca mostrar a paixão e o ardor de tudo que é feito dentro de um espaço que fornece tanto para si e para quem depende dele.

- **Laranja Claro (*Bege*) #F8E9D7** - Essa intenção de cor busca se contrapor ao vermelho como uma forma de contestar a sua intensidade, mas ao mesmo tempo proporcionar calma e tenacidade visual.

5.4.4 Elementos gráficos e ícones

- **Elementos Comerciais:** os objetos que demarcam o impacto comercial do antigo Prado e como são significativos para a logística de compra e consumo do espaço, desde sua criação;
- **Elementos Culturais:** Os objetos de cunho cultural mostram a diversidade das manifestações que ali foram construídas e são difundidas, em prol da celebração coletiva.
- **Elementos Musicais:** O samba, reggae e toadas são gêneros musicais representados por “instrumentos”, como forma de protagonizar as composições dos artistas que ali residem e sua influência direta no meio artístico local e estadual.
- **Elementos Percíveis:** Os símbolos de cunho percível constroem a *condecoração*, indicando a variedade de produtos rurais e artesanais que circulam como forma de renda da população.
- **Plantas:** elementos orgânicos que buscam entrelaçar todos os outros como forma de harmonização, promovendo uma codependência de significados na busca de desenvolvimento coletivo entre manifestantes e suas manifestações.
- **Sol:** Elemento que representa o desenvolvimento e a falta dele, o norte a se trilhar na busca do crescimento contínuo e, dessa forma, o ardor em participar da engrenagem que desenvolve o bairro do João Paulo e sua busca contínua pela valorização do que é produzido ali. “O sol brilha para todos” na oportunidade e na falta dela.

5.4.5 Aplicação da identidade visual

Figura 20 - Aplicação da identidade visual do produto.⁵⁰



Fonte: peça criada por João Victor Macedo Sousa

Construir o vínculo de proximidade entre quem consome e quem produz é um desafio que só o trabalho se propõe a valorizar. Dessa forma, entendemos que a identidade visual busca ser o elemento de aproximação entre esses dois setores (da produção e do consumo), que favorece a compreensão de que todos são parte de um único organismo, que em meio a desafios, se sustentam enquanto economia, história e diversidade cultural.

⁵⁰ A criação da identidade visual visa atender aos nossos anseios para ampliar o projeto e adaptar o documentário para formato para ser inserido em plataformas streaming, como *Spotify*, *Deezer*, *Apple*, *Youtube Music*.

6 CONCLUSÃO

O bairro João Paulo se molda a partir do encontro de uma diversidade de saberes, que constituem os sujeitos e constroem os sentidos, reveladores de uma riqueza cultural expressa em rituais, festas, expressões de fé e modos de vida, tudo compartilhado pela oralidade. Trata-se de um espaço que funciona como arena de constante diálogo entre a tradição e o contemporâneo, que evoca o antigo Prado, mas segue em transformações. Este cenário exige de um pesquisador o desenvolvimento da capacidade de conectar fontes de saberes empíricos e acadêmicos, bem como o aperfeiçoamento da prática da escuta, da aproximação dos atores, dos protagonistas de fazeres e saberes do cotidiano.

Os saberes acadêmicos e populares aparentam, à primeira vista, serem campos dissociados. Enquanto as convicções acadêmicas trabalham teorias e padrões previamente estabelecidos, que buscam a validação institucional, os saberes populares constroem e moldam as experiências dentro do cotidiano, nutrindo-se de tradições e costumes passados, muitas vezes, por meio da oralidade.

Nas atividades de campo, passamos a compreender a prática da escuta como uma ação não hierarquizada, que nos convida à imersão nas dinâmicas existentes no lugar, para estabelecer relações de aprendizado mútuo junto às nossas fontes, enquanto pesquisadores. Compreendemos como a relação entre sujeito e lugar fomenta o surgimento das identidades. No caso investigado, percebemos que o território, as vivências e as relações ali construídas são fontes geradoras de subjetividade e influenciam diretamente na forma como os moradores e frequentadores se organizam. Quem passa pelo bairro deixa suas marcas e também carrega consigo todos os saberes costurados ao longo da existência daquele território, numa construção simbólica da cultura.

Trata-se de um lugar em que a cultura é entretenimento e espetáculo, mas não só. Ela é também luta, é veículo de comunicação, é resistência, afirmação de identidades e perspectivas de futuro. Cada concepção é fruto das vivências individuais e coletivas expressas por nossos entrevistados, que apontam relações de poder nos espaços físicos e simbólicos do local como, por exemplo, a marginalização do bairro João Paulo, um lugar periférico, com atmosfera caótica e ambiente degradado.

Em contraponto a essa estigmatização, observamos um espaço de resistência, diversidade cultural, forte presença religiosa e musicalidade, além de outras práticas cotidianas que se mantêm firmes. Esse encontro da academia junto à sociedade valoriza a força da

oralidade como ferramenta para a disseminação do conhecimento e vai além, a partir do ponto em que é feito o uso das tecnologias como o rádio para dar suporte a essas práticas.

Identificamos a relevância dessa pesquisa por seu caráter social e, conseqüentemente, educativo, compreendendo, na medida em que o conhecimento teórico construído durante a formação se tornou farol para além dos muros da academia. Pudemos exercer o papel de pesquisadores, comunicadores e, também, de tradutores do conhecimento produzido pelos sujeitos da pesquisa. Tradutores, no sentido de adequar ao contexto científico e radiofônico, as mensagens que fazedores de cultura e outros atores já disseminam no cotidiano, nos universos onde atuam como mestres, com acervos guardados na memória e vivificados pela fala.

Ao observarmos questões resultantes de experiências individuais e coletivas, percebemos, com muita evidência, o senso de pertencimento dos sujeitos com quem interagimos. Em todas os campos de atuação, identificamos que há um desejo pulsante de cada sujeito colaborar para a afirmação de sua própria existência, seja participando de oficinas oferecidas pela entidade ou brincadeira a que esteja vinculado, seja prestando serviço voluntariamente com a habilidade de que dispõe, ou mesmo nas trocas que estabelece com o vizinho que mora ao lado. Em alguma medida, todas essas experiências se tocam; os fios dessa teia se conectam, e esse emaranhado de relações produz o tecido social, onde as histórias se cruzam e veem, umas nas outras, reflexos de suas próprias histórias.

O acervo de informações a nós apresentados nos impulsiona a aperfeiçoar a análise de fenômenos que irrompem no cotidiano, a perceber os costumes dele advindos, sem subjugá-los a uma avaliação apressada. Incentiva-nos a tomar posse da oralidade como um mecanismo de partilha genuína e de fortalecimento de laços com o que deve ser preservado e de intervenção com o que deve ser enfrentado, combatido em uma sociedade que se quer cidadã e democrática.

Nessa aproximação com o território, espaços culturais, e com os relatos analisados, nos tornamos mais sensíveis a construir maiores responsabilidades em nossa postura profissional, quanto à ética e ao tratamento humanizado das informações, e dos valores simbólicos dos sujeitos.

A Feira do João Paulo, responsável em grande medida pela expansão e urbanização do bairro, é um ambiente que se abre para sociabilidades pautadas na confiança, na construção de laços, na reunião de amigos na hora das refeições ou no jogo de dominó ou de cartas aos domingos, é uma ágora para debates públicos, para falar das manchetes de jornais, que ainda são vendidos perto das bancas de alimentos. É também, um marco na história da festa do dia 30

na avenida, quando se encerra o ciclo junino, já que guarda laços estreitos com a zona rural da cidade.

Não raro, percebemos, ainda, no contexto das entrevistas, a importância das mulheres, dentro da construção de cada manifestação cultural, seja no suporte dado dentro das famílias, seja na oferta de serviços para a própria organização das brincadeiras, enfrentando, até mesmo dores e sacrifícios, para que essas manifestações se estruturam e continuem acontecendo. Personalidades femininas como *Dona Teté* e *Dona Lili*, enfrentaram estigmas em seus campos de atuação, pelo simples fato de serem mulheres em posição de liderança, mas inovaram e se estabeleceram como ícones culturais.

Outro ponto de destaque é a força das iniciativas do setor cultural para apontar caminhos para um propósito de vida ou, até mesmo para a capacitação profissional. Layna Sousa enfatiza que o bloco Afroabanjá, projeto do CCN (Centro de Cultura Negra), a fez artista, pois, atualmente ela atua na dança depois de ter passado a adolescência participando das atividades da entidade. E o senhor *Ithamilson Lima*, atual coordenador do Parque Folclórico da Vila Palmeira, que era, na juventude, decorador de festas infantis, encontrou outro propósito ao ter contato com fazer carnavalesco: lutar por políticas públicas no campo da cultura.

No que se refere ao samba e às brincadeira juninas, não se pode deixar de mencionar a percepção da força religiosidade, que é híbrida e marca de resistência. Embora não tenha sido muito aprofundada na pesquisa, verificamos que trata-se de um objeto a ser redimensionado em futuros estudos. Os depoentes, ao revisitarem suas memórias, evocam nomes de casas de culto de matriz africana, que já não existem mais, ou vinculam certas “graças” recebidas a santos ou outras entidades espirituais (dentro das brincadeiras ou cultos) e expressam sua fé em roupas e adereços, nas devoções, no cuidado com a ideia do sagrado (o boizinho de promessa; as histórias mágicas). Os comerciantes de artigos religiosos também falam muito pouco sobre os próprios artigos que vendem, o que nos leva a crer que seja um modo de se proteger da discriminação e do racismo religioso. Tudo isso sinaliza, para nós, a importância de investigar o fenômeno no bairro e registrar as informações, que muitas vezes são dadas de forma muito discreta, pelos mais velhos, que não veem sucessores.

Percebemos ainda que os fazedores de cultura, músicos, compositores, artistas visuais (incluindo artesãos) não demonstram preocupação com as questões dos direitos autorais, nem sobre voz e imagem e, muitas vezes, não têm as informações necessárias para buscar proteger suas obras de possíveis exploração econômicas. A cosmovisão desses fazedores é de ofertar sua arte como pessoa do povo para o povo, num movimento de circularidade, de composição de um só corpo com os seus iguais. Mas, enquanto pesquisadores da área da

comunicação, percebemos que a sensibilização para o registro da propriedade intelectual e dos direitos de voz e imagem são possibilidades para dar suporte ao próprio coletivo de que esses fazedores participam.

Aprofundar, futuramente, as questões como as que pontuamos nos ajuda a nos aproximar de nossos iguais e a amadurecer o diálogo com os diferentes, expandindo horizontes e consciência, para perceber as dores e sacrifícios dos expoentes da cultura, o valor do trabalho de outros pesquisadores e compreender as expressões das pessoas comuns dentro de um espaço coletivo. Transformar algumas de nossas observações em documentário radiofônico é o ponto de partida para uma trajetória profissional focada em promover a comunicação entre gerações, criando um espaço que promova um diálogo com essas intercessões, mas que pense em quais mecanismos, essa geração está se munindo, para sustentar os tecidos que vão sendo tramados, pela tradição, pelos costumes e pelas renovações inevitáveis e naturais.

Este projeto experimental reflete e refrata um processo de produção de conhecimento científico emanado de múltiplas vozes e saberes populares e acadêmicos que, ao chegar na elaboração do produto, busca dar visibilidade pública ao fazer cotidiano e histórico de um território que se expressa através de múltiplas formas.

Assim, o documentário é uma contação de estórias sobre a cultura, o comércio, as inteligências locais, o sentimento de pertencimento, as práticas comunitárias, os afetos e as transformações do antigo Prado ao vigoroso João Paulo.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Resgatando o carnaval de rua: a fuzarca maranhense contra a homogeneização nacional-global. In: **Revista USP**, São Paulo, n.48, p. 159-178, dezembro/fevereiro 2000-2001. Disponível em: <https://funartemaisdigital.funarte.gov.br/periodicos/resgatando-o-carnaval-de-rua-a-fuzarca-maranhense-contra-a-homogeneizacao-nacional-global-2/>. Acesso em: 07.05.2015.
- ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. **Ouvintes falantes**: produção e recepção dos programas jornalísticos no rádio AM. Curitiba: Appris, 2022.
- AZEVEDO, Alúcio. **O Mulato**. Cotejado com a 3ª Edição de 1889. Rio de Janeiro: Ática, 1994.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio/André Barbosa Filho-2. ed. - São Paulo: Paulinas, 2009. - (Coleção comunicação-estudos)
- BARROS, Antonio Evaldo Almeida. A cidade na festa, a festa na cidade: negociações e tensões nos festejos juninos na São Luís da primeira metade do século XX. In: Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, XIX, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2008, p.; Cd-Rom.
- BESPALHOK, Flávia Lúcia. Reportagem Radiofônica: as possibilidades do vivo e do diferido na construção de um rádio informativo diferenciado. In: **Resumos**. Portal Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de set. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1159-1.pdf>. Acesso em: 07.06.2025.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação de pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. 2. ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
- CABRAL, Almícar. Libertação nacional e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1949
- COSTA, Rildo Albino da. A importância das rádios comunitárias para as comunidades em que estão inseridas. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 1–11, mar./maio 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama>. Acesso em: 1 ago. 2025.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/Ma.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8930>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DEAN, Jock. João Paulo, um dos primeiros centros comerciais de São Luís. In: **O Estado**. 25/01/2015. Atualizada em 11/10/2022. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2015/01/25/joao-paulo-um-dos-primeiros-centros-comerciais-de-sao-luis>. Acesso em: 20.11.2022.

DEMO, Pedro. **Introdução ao ensino da metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1995.

FERRARETTO, Luís Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920). In: **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul – v. 17, n. 33, jan./jun. 2018, p. 145-164. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/182116/001076652.pdf?se=LUME-> Repositório Digital.

FERRELL, O. C.; HARTLINE, Michael D. **Marketing Strategy: Text and Cases**. 7. ed. Boston: Cengage Learning, 2017.

FERRETTI, Sérgio F. Dimensões da cultura: popular, erudita. Apresentado na Mesa Redonda Políticas Públicas de Cultura e o Papel do Estado, no II Foro de Ciências Sociais e Humanas. São Luís: UFMA, 14/06/2007. Publicado em **Ciências Humanas em Revista. São Luís: CCH/UFMA**, V. 5, N 2, 2007, P39-54. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/1/177>. Acesso em 27 jun. 2025.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. In: **Revista Pós Ciências Sociais**, v.11, n.21, jan. jun, 2014. Acesso em 27 jun. 2025. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867>. Acesso em 27 jun. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Rafael de Jesus. Rádio e Tecnologia: Uma rediscussão das características do rádio frente às tecnologias contemporâneas. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 86-107, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/175>. Acesso em: 30 jul. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 434 p. (Humanitas).

JOSÉ, Carmen Lucia. Estruturas do documentário radiofônico: padrão e desviante. **Nhengatu** – Revista Ibero-Americana para Comunicação e Cultura Contra-Hegemônicas, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/34257>. Acesso em: 20

nov. 2025.

KAPLÚN, Mario; MEDITSCH, Eduardo e BETTI, Juliana Gobbi (Org.). **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. São Paulo: Intercom; Florianópolis : Insular, 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KOCHHANN, Roscéli; LÖBLEIN, Duane dos Reis; PEDRAZZI, Fernanda Kieling. O uso da dramatização na reportagem radiofônica. In: **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 31., 2008, Natal. [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0931-1.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular**: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

MARTINS, Ananias Alves. **Carnavais de São Luís**. São Luís, 2013.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros. Tradução de Chico Mattoso. São Paulo: Arte & Letra, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 21.

MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

MENEZES, André Araújo de. **Nas ruas, nos clubes e na passarela**: a trajetória dos blocos tradicionais no carnaval de São Luís (1900-2000). Monografia (Licenciatura em História). São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/3780>. Acesso em: 21 jun. 2025.

NASCIMENTO, Carlos. O vencedor dos desafios (Apresentação). In: PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de jornalismo. São Paulo: Editora Panda, 2000.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Traduzido por Enid Abreu Dobranasky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation - Inovação em Modelos de Negócios**: um manual para visionários, inovadores e revolucionários. Tradução de Raphael Bonelli. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

PELLEGRINI, Paulo; FERREIRA, Rose. A Rádio Universidade FM como instrumento de mediação cultural. In: **Revista Cambiassu**. São Luís, V. XVI, n. 2, jan. – dez. 2006. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/18692>. Acesso em 07 dez. 2025.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção

Primeiros Passos; 110).

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. **O urbano ludovicense: produção e fragmentação do espaço, território, planejamento, cultura e outras reflexões** / Luiz Eduardo Neves dos Santos. São Luís: EDUFMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2021/09/O-urbano-ludovicense.pdf. Acesso em: 27 jul. 2025.

SILVA, Fábio Henrique Monteiro. **O reinado de momo na terra dos tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2009. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/cp091066.pdf>. Acesso em 27 dez. 2025.

VOLPATO, Matheus Castro. O uso de plataformas de streaming e a possibilidade de exploração de novos horizontes musicais. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/86144>. Acesso em: 21 jun. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Tradução de Márcio Serelle. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **O Rádio Público no Brasil: construindo um modelo nacional pela programação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da ComunicaçãoXXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –Recife, PE–2 a 6 de setembro de 2011III Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2283-1.pdf>. Acesso em 07 dez. 2025.

APÊNDICE A - Nossas Vivências

Para a produção do documentário, preparamos uma apresentação com duração de três minutos para compartilhar nossas vivências com o bairro. Nós nos apresentamos como personagem do território ou com algum vínculo com o lugar:

Primeira Personagem

A primeira personagem é Joelma Santos Baldez, que veio morar no local em 1983, aos três anos de idade, sob os cuidados dos padrinhos de batismo, Carlos Natividade Filho (1916-1996) e Maria de Jesus Silva Natividade (1929-2014). Eles já viviam no bairro desde os anos de 1950, onde desenvolveram uma longa trajetória dedicada à Educação, abrindo o espaço da própria casa (situada à Rua Santa Isabel, em direção ao lado direito da avenida - sentido Centro).

Eles contavam que a casa, além de moradia, acolhia atividades de preparação das lições para crianças que moravam nas proximidades, dos projetos Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e Minerva para adultos e de uma escola comunitária que, posteriormente, foi emancipada à Unidade Escolar José Cupertino pela Prefeitura de São Luís. A escola, de base comunitária, foi uma iniciativa deles e recebeu forte apoio de José Cupertino de Araújo - considerado pioneiro da Umbanda em São Luís - que deu nome à unidade, viabilizou sua municipalização e doou o terreno para construção da sede própria na avenida Getúlio Vargas, em 1984.

Foi nessa escola que Joelma cursou o Fundamental I, com professores e alunos que também faziam parte da comunidade, formou grupos de amigos e ficou conhecida pelos mais velhos da localidade. E foi lá também que conheceu as manifestações populares tão presentes no bairro, em atividades comemorativas do calendário escolar, com as festas do ciclo junino.

Outros ambientes marcantes foram os estabelecimentos comerciais do bairro, as quitandas, onde comprava pão pela manhã ou um item que faltava em casa, as lojas de gêneros alimentícios da rua Riachuelo e a feira. Naquele mercado, chamavam a atenção os boxes repletos de itens que vinham do interior, como potes, filtros de barro, fogareiros, remédios naturais, bem como as bancas repletas de frutas nativas que surgiam lá de acordo com a época do ano, como buritis, muricis, maracujás, tucuns e canapuns, jambos e mangas de diversos tipos e nomes.

Pertinho de casa, havia um local que atraía compradores oriundos de vários pontos da cidade, a Confeitaria Santa Helena, para comprar bolos de trigo. O cheiro exalava na rua

Santa Helena, logradouro que dá acesso à avenida e ficava bastante movimentada em datas comemorativas.

Segundo Personagem

O segundo personagem é João Victor Macedo Sousa. Suas lembranças também remontam à infância e as idas à feira local. Ele diz ter se sentido sempre muito acolhido pela forma como as pessoas e até mesmo as coisas se comportavam na feira. Para ele, os problemas familiares eram insignificantes diante do caos que se manifestava desde a entrada no mercado, capaz de lhe atrair e confundir.

Ele relata que, quando pequeno, sempre acompanhava o pai aos fins de semana e aprendia muito sobre como comprar bem e barato, sempre atento ao preço e à qualidade dos produtos. As cores das polpas de frutas eram atraentes, assim como o cheiro das barracas de temperos secos. O som do *reggae* era marcante, pulsava e convidava para adentrar naquela cultura viva da feira.

O que o incomodava era a parte dos açougues e peixaria, pelo modo confuso como os itens eram organizados. Para ele, era estranho a proximidade dos locais de venda desses alimentos aos de itens “prata” e “ouro” (como cordões, anéis e outros acessórios). Por outro lado, nesse local, ele construiu o gosto pelo audiovisual comprando *CD's e DVD's* piratas dos animes e filmes preferidos. E alimentou o apreço pelo aquarismo, por influências diretas da avó, muito esperta para encontrar locais específicos de coisas singulares.

Todas essas experiências despertaram um sentimento de aventura, encanto e imaginação de estar em becos de filmes de fantasia. Na sua visão de criança, as relações entre as pessoas pareciam muito intensas, e observar os acontecimentos não era muito diferente de estar em casa. Mas, com o tempo, ele percebeu que a feira era um lugar onde tudo tomava uma proporção maior do que é: desigualdade, marginalização, desamparo social, assim como gente vivendo da forma mais “humana” possível.

Terceiro Personagem

O terceiro personagem de nosso relato é Cledilson Silva Rocha, que recorre às primeiras lembranças no bairro, situadas na infância. São memórias carregadas de saudades do que viveu na companhia do pai e de um dos irmãos, com quem fazia o mesmo trajeto todas as segundas-feiras. Eles acordavam sempre às 5 horas da manhã e saíam do bairro Tibiri, na zona

rural da capital, em direção ao João Paulo. O destino era a feira, com a finalidade de comprar vegetais para abastecer o pequeno comércio da família.

Ele observava atentamente todo aquele movimento, o vai e vem das pessoas, as relações entre feirantes e consumidores, os sons, as cores, os aromas e sabores. Estava diante de um universo peculiar, permeado por espaços próprios que se emaranhavam uns com os outros em algum ponto, exercendo fascínio e encantamento. Isso tornava o ambiente da feira único e diferente de outros tipos de centro comercial. A feira tinha vida própria, era democraticamente calorosa.

Além das lembranças do mercado, ele também resgata memórias afetivas dos folguedos de encerramento do ciclo junino: a Festa de São Marçal⁵¹ foi uma das experiências marcantes vivenciadas ao lado do pai, fã incondicional do Boi da Maioba. Sempre que podia, o pai fazia questão de ir ver o batalhão pesado. Quando criança, Cledilson não compreendia o porquê de todo aquele fervor, mas sabia que algo importante acontecia ali. Hoje, adulto e consciente do valor da preservação da cultura, evoca aquele dia 30 de junho em que o pai o presenteou com o artesanato de um boizinho de couro negro adornado com paetês e lantejoulas.

⁵¹ O ciclo de festejos no Maranhão, enquanto tradição popular e religiosa do mês de junho, acontece com apresentações de brincadeiras em diferentes pontos da cidade nos largos das igrejas dos santos católicos nas cidades. Em São Luís, as homenagens têm início durante o dia com cerimônias religiosas, e prosseguem com os festejos à noite. No dia 13, o homenageado é Santo Antônio, com celebração de missa e uma habitual entrega de pães na igreja do padroeiro, no Centro. No dia 24, é a vez de São João, também com celebração da missa, bênçãos aos bois que os donos de brincadeiras levam até a igreja e posteriores apresentações no largo. No dia 29, o homenageado é São Pedro, com uma festa de bumba-meu-boi de todos os sotaques, que brincam em frente à Capela localizada no Bairro da Madre Deus, desde a noite da véspera. No dia seguinte, a celebração segue com o cortejo marítimo e com a missa campal. O encerramento das homenagens do ciclo junino se dá no dia 30, quando ocorrem sucessivas apresentações de bois matraca no bairro do João Paulo, na avenida São Marçal, que oficialmente não é santo, mas um mártir que conta com a devoção popular.

APÊNDICE B – Tabela de atividades da equipe

Atividades	Participantes	Data
Entrevista Profª Letícia Cardoso; Definição de escaletas	Cledilson Rocha João Victor Macedo	29/04/2025
Discussão de atividades, análise de escaletas e produção de pautas para entrevistados.	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	03/05/2025
Discussão de atividades, análise de escaletas e produção de pautas para entrevistados.	João Victor Macedo Joelma Baldez	17/05/2025
Entrevista Prof Sá Marques	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	23/05/2025
Entrevista com Ithamilson Lima	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	08/06/2025
Discussão de atividades, análise de escaletas; decupagem e análises das entrevistas realizadas.	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	21/06/2025
Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas e produção de pautas para entrevistados.	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	27/06/2025
Discussão de atividades: produção de pautas para entrevistados	João Victor Macedo Joelma Baldez	29/06/2025
Registros da festa no dia de São Marçal	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	30/06/2025
Entrevista com Donilton Silva	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	09/07/2025
Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas; Entrevista com Padre Haroldo Cordeiro	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	10/07/2025
Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas; Entrevista com Layna Souza e Marlene Santos	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	12/07/2025
Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas; Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas; Entrevista com Airton Rolim	João Victor Macedo Joelma Baldez	15/07/2025
Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas; Entrevista com Paulo de Tasso, Raimundo Moraes e Hélio Braga	João Victor Macedo Joelma Baldez	16/07/2025
Entrevista com Carlos André	João Victor Macedo Joelma Baldez	17/07/2025
Entrevista com Gilmar Lopes; Produção de Roteiro técnico do episódio 1	Cledilson Rocha Joelma Baldez	22/07/2025
Entrevista com Profª Carlos Benedito Rodrigues (Carlão Rastafári); Produção de Roteiro técnico do episódio 2	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	23/07/2025
Discussão de atividades: decupagem e análise de entrevistas realizadas	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	30/07/2025

Discussão de atividades: decupagem e análise de entrevistas realizadas; Produção de Roteiro técnico do episódio 3	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	31/07/2025
Discussão de atividades: decupagem e análise de entrevistas realizadas; Produção de Roteiro técnico do episódio 4	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	01/08/2025
Discussão de atividades: decupagem e análise de entrevistas realizadas; Produção de Roteiro técnico da apresentação	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	02/08/2025
Gravação dos roteiros técnicos 1 e 2 e da apresentação no laboratório de Rádio	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	06/08/2025
Gravação dos roteiros técnicos 3 e 4 e no laboratório de Rádio	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	08/08/2025
Atividades online: reescritura de partes do texto teórico	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	02/09 a 31.10
Pesquisa Rua Riachuelo sobre o comércio local e aprovação/desaprovação da Festa de São Marçal na avenida; Discussão de atividades: análises de entrevistas realizadas;	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	08/11/2025
Discussão de atividades: decupagem e análises de entrevistas realizadas;	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	09/11/2025
Discussão de atividades: decupagem e análises de entrevistas realizadas;	João Victor Macedo Joelma Baldez	15/11/2025
Discussão de atividades: Revisão teórica e inclusão de conceitos.	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	23/11/2025
Revisão dos Roteiros e Gravação da apresentação e episódio um	Cledilson Rocha Joelma Baldez João Victor Macedo	03/12/2025
Revisão de Roteiro e Gravação do episódio dois	Cledilson Rocha Joelma Baldez João Victor Macedo	04/12/2025
Discussão de atividades: Revisão de Roteiro.	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	07/12/2025
Revisão de Roteiro e Gravação do episódio 3 e 4	Cledilson Rocha Joelma Baldez João Victor Macedo	10/12/2025
Montagem do episódio 1	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	12/12/2025
Montagem do episódio 2	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	13/12/2025
Montagem do episódio 3	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	15/12/2025
Montagem do episódio 4	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	17/12/2025
Revisão do relatório e do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	27/12/2025
Revisão do relatório e do produto	Cledilson Rocha	02/01/2026

	João Victor Macedo Joelma Baldez	
Joelma Baldez João Victor Macedo	Gravação das aberturas e encerramentos com Gisa Franco	07/01/2026
Joelma Baldez João Victor Macedo	Gravação das aberturas e encerramentos com Gisa Franco	08/01/2026
Revisão do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	10/01/2026
Revisão do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	11/01/2026
Revisão do relatório e do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	13/01/2026
Revisão do relatório e do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	14/01/2026
Revisão do relatório e do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	15/01/2026
Entrega do relatório e do produto	Cledilson Rocha João Victor Macedo Joelma Baldez	16/01/2026

APÊNDICE C – Efeitos sonoros selecionados

Obras Musicais e Efeitos Sonoros	
<p>Obras musicais “Boi da Lua” (instrumental) — César Teixeira, Arranjo: Papete “Crioula Guerreira” — Paulinho Akomabu “Chorinhos Instrumental n° 6” — Fernando Profeta “O Radinho” — Cesar Nascimento</p>	
<p>Efeitos sonoros utilizados Carruagem Máquina de escrever Sino dos ventos Som ambiente de feira Projetor de cinema Sinal de recreio e crianças brincando</p>	
<p>Episódio 1 Obras musicais “Boi da Lua” (instrumental) — César Teixeira, Arranjo: Papete “Crioula Guerreira” — Paulinho Akomabu “Pai Quilombo” — Paulinho Akomabu “Black Power” — Célia Sampaio e Gerson da Conceição “Chorinhos Instrumental n° 6” — Fernando Profeta Efeitos sonoros utilizados Carruagem Volta no tempo Gravador Passos no chão Burburinho de pessoas Sinos de igreja Folhas de livro Sons da feira Sinal de notificação de celular Máquina de escrever Instrumento de percussão ou sopro militar Sons de centros urbanos Caminhão descarregando Carrinho de cargas</p>	<p>Episódio 2 Obras musicais “Boi da Lua” (instrumental) — César Teixeira, Arranjo: Papete “Nossa Senhora da Guia” — Grupo Cacuriá de Dona Tetê “Choro da Lera” — Grupo Cacuriá de Dona Tetê “Jabuti” — Grupo Cacuriá de Dona Tetê “Liberdade” — Orquestra Afro-brasileira Toada sem título registrado — Mestre Felipe Sons de instrumentos africanos isolados “Lá Vem o Akomabu” — Tadeu de Obatalá Bloco Afro Akomabu “Pai Quilombo” — Paulinho Akomabu Efeitos sonoros utilizados Carruagem Atabaque Ondas no mar Vento Gravador Máquina de escrever Berimbau Toque de Caixa do Divino Agogô Xequerê</p>
<p>Episódio 3 Obras musicais “Boi da Lua” (instrumental) — César Teixeira, Arranjo: Papete “Bodas de Ouro” — Turma da Mangueira “Sou de Pouca Fala” — Patativa “Pai Quilombo” — Paulinho Akomabu Efeitos sonoros utilizados Carruagem Vitrola Pandeiro Cuica Tamborim Som ambiente de roda de samba Sinos de vento Gravador Banjo tenor</p>	<p>Episódio 4 Obras musicais “Boi da Lua” (instrumental) — César Teixeira, Arranjo: Papete “Meu Bairro Querido” — Grupo de Bumba-meu-boi do João Paulo – Touro Negro Encantado “Partido-Alto de Zé Pivó” — Zé Pivó “Pai Quilombo” — Paulinho Akomabu Efeitos sonoros utilizados Carruagem Som ambiente de São Marçal Carrilhão Pássaros cantando Passos em chão de terra Caixa de fósforo Fogueira Tambor-onça</p>
	<p>Chocalho Trompete do exército Máquina de costura Batidas de matracas Pandeirão Sinos de igreja Bombinhas de estalinho Crianças brincando Motor de barco Ondas no mar Sino da consagração</p> <p>Virar página de livro Kalimba Tambor de mina Afoxé Maracá</p>

APÊNDICE D - Pautas de entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
 CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RÁDIO E TELEVISÃO
 PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO – JOÃO PAULO

RETRANCA A importância do Centro de Cultura Negra na luta por igualdade racial.	PRODUÇÃO: Joelma Baldez
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: João Victor Macedo
PROPOSTA Investigar o impacto das ações promovidas pelo Centro de Cultura Negra (CCN) na construção da identidade racial do João Paulo. Para essa conversa buscamos a fala da Sra Joana Carla, atual coordenadora do CCN. 1 Comenta-se um pouco sobre as iniciativas de ordem social, projetos sociais, promovidos pelo Centro de Cultura Negra, lá no bairro do João Paulo. 2 Como surgiu o seu interesse pelo o envolvimento com o centro de cultura negra e com esses trabalhos mais voltados para a comunidade? 3 E nessa gestão, na qual a senhora faz parte, o que vocês têm estabelecido como prioridade para envolver o público preto dentro do bairro? 4 O bairro do João Paulo tem uma trajetória ligada a presença negra em são luís, quais são os personagens ou os momentos históricos que a senhora gostaria de destacar entre o bairro do Joao Paulo e a presença negra? 5 A senhora tem conhecimento de algum espaço religioso de matriz africana, se sim conhece sobre a programação que era feita lá? 6 Como o CCN trabalha, se cataloga e como as pessoas ligadas a religião de matriz africana tem alguma ligação com o CCN 7 Na sua atuação, dentro do CCN, durante esse período, o que a senhora percebe como a comunidade negra do bairro lida com questões como racismo, preconceito racial. A comunidadeé atuante no combate a problemas como estes?	
INFORMAÇÕES:	
EXTRAS	

RETRANÇA Identidade e Cultura Negra no Bairro João Paulo	PRODUÇÃO: Cledilson Rocha
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Joelma Baldez
<p>PROPOSTA</p> <p>Investigar como a identidade negra se manifesta no cotidiano do bairro João Paulo, destacando elementos históricos, culturais, sociais e simbólicos que compõem a vivência afrodescendente na comunidade. Para isso iremos entrevistar o Professor Doutor Carlos Benedito Rodrigues (Prof^o Carlão) Docente da licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiro na Universidade Federal do Maranhão.</p> <p>Desse modo, vamos conversar com o Professor Carlos Benedito (especialista em cultura afro-brasileira), sobre o tema.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Como surgiu seu interesse pelas questões de identidade e cultura negra? 2 O bairro João Paulo tem uma trajetória ligada à presença negra em São Luís? Há personagens ou momentos históricos que marcaram essa relação? 3 Quais são as manifestações culturais de matriz africana presentes no bairro? Como essas expressões são vistas e preservadas pelos moradores? 4 Questões como racismo, exclusão social, falta de políticas públicas etc. Como a comunidade negra do bairro tem lidado com essas questões? <p>5 Qual o papel das instituições educacionais e das famílias na construção da identidade negra?</p> <p>6 Qual o papel da memória coletiva do bairro João Paulo no fortalecimento do sentimento de pertencimento da população negra?</p> <p>Extra Como o instrumento matraca aliado a outros instrumentos de percussão são trabalhados a ponto de criar uma sonoridade específica?</p>	
INFORMAÇÕES:	

RETRANCA Feira, Sociedade e Economia	PRODUÇÃO: Cledilson Rocha
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Joelma Baldez
PROPOSTA	
<p>Entrevistar o responsável pela administração da feira do João Paulo, explorando aspectos econômicos e sociais.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O senhor conhece a história da feira? Que teve início em outro local do bairro? 2. Como é administrado o espaço que comporta a feira? 3. Quais as estratégias utilizadas pela administração para poder gerenciar o complexo da feira do João Paulo? 4. O que a feira tem a acrescentar para a economia da cidade? 5. Qual a origem das mercadorias comercializadas na feira do João? 6. Como se dá a relação da feira com a cidade? 	
INFORMAÇÕES:	
EXTRAS	
<p>Perfil acadêmico/ profissional do entrevistado</p> <p>Registro de imagens (fotografias):</p> <p>Captação de recursos sonoros:</p> <p>Contatos:</p>	

RETRANCA Festa de São Marçal: Encontro de Bois no João Paulo	PRODUÇÃO: Cledilson Rocha
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Joelma Baldez
PROPOSTA O tradicional Encontro de Bois de Matraca que ocorre no dia 30 de junho no bairro João Paulo, em São Luís do Maranhão, como parte das celebrações em homenagem a São Marçal. A grandiosidade cultural, a fé popular e a resistência das manifestações do Bumba Meu Boi no encerramento das festas juninas maranhenses. Destacar o papel do bairro João Paulo como ponto de convergência dos batalhões de boi, da comunidade e dos turistas. 1 Qual é a origem do Encontro de Bois no João Paulo? E por que São Marçal é considerado o padroeiro do tradicional Encontro de Bois de Matraca? 2 Sobre a simbologia do boi de matraca, qual a importância desse sotaque específico e seu papel na resistência cultural. 3 Religiosidade e devoção, qual a conexão entre fé e cultura, a celebração na capela de São Pedro e os rituais que antecedem o encontro. 4 Como o bairro se transforma para receber milhares de pessoas, e o envolvimento dos moradores com a festa. 5 Como se dá o impacto da festa na economia do bairro João Paulo? A movimentação de ambulantes, artesãos e turistas durante o evento. 6 O que essa festa representa para o calendário cultural do estado?	
INFORMAÇÕES:	

RETRANCA Historicidade da festa e relação com o bairro	PRODUÇÃO: João Victor Macedo
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Cledilson Rocha
<p>PROPOSTA</p> <p>A festa de São Marçal reúne, atualmente, cerca de 300 mil pessoas e em torno de 25 grupos de bumba-meu-boi, das seis da manhã à meia-noite, do dia 30 de junho, no mesmo local – Lago de São Roque, que fica na Avenida São Marçal (antiga Avenida João Pessoa) em São Luís. Desde 2006, a Prefeitura de São Luís, não só sancionou a lei que alterou o nome da avenida, como também conferiu ao evento o título de bem cultural e imaterial, transformando a data no Dia Municipal do Brincante de Bumba-Boi. O Boi da Lua, foi fundado em 1993 por jovens residentes do bairro do João Paulo com a prerrogativa de fortalecer a cultura tradicional do bairro, por se tratar de um boi de orquestra, não integra as festividades de São Marçal, mas é diretamente ligado a cultura do bairro. Desse modo, a ideia é fazer uma reportagem que traga informações sobre a história da festa, a importância e força da questão religiosa para a agremiação, projetos sociais e perspectiva de futuro para a organização.</p> <p>Sendo assim, vamos conversar com Airton Rolim, responsável pela agremiação para sabermos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como e quando surgiu o Boi da Lua, qual a inspiração para o nome do grupo e quem foram seus fundadores? 2. Como se dá o envolvimento da comunidade do bairro do Joao Paulo com o boi da lua? 3. Como as novas gerações tem sido incentivadas a participar das manifestações e brincadeiras? 4. O boi da lua realiza oficinas, ensaios abertos ou projetos educativos? Como isso é trabalhado pela organização do grupo? 5. Como o boi da lua enxerga a relação entre tradição e modernidade? 6. Existe alguma história curiosa ou lenda ligada ao boi da lua? 	

7. “Meu São João, São João, meu São João, eu vim pagar a promessa de trazer esse boizinho para alegrar sua festa”. Como as músicas carregam a importância do culto religioso alinhado a uma das festas mais tradicionais da cultura maranhense?

INFORMAÇÕES:

RETRANCA Cacuriá Dona Teté	PRODUÇÃO: Joelma Baldez
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: João Victor
<p>PROPOSTA</p> <p>O cacuriá de D. Teté era o antigo nome do atual Balaio de Rosas e era liderado por Almerice da Silva Santos, antiga figura atuante na cultura popular de São Luís. Moradora do João Paulo, por XX anos, ela trouxe consigo a dança e o toque das caixeiras, herdado de um líder, de Guimarães, chamado Sr. Lauro.</p> <p>D. Tété, como era conhecida, foi um nome que ela ganhou ainda bebê, e se proliferou no cenário cultural local. Ela foi responsável pela introduzir o movimento e a cultura do cacuriá com a adição de instrumentos e movimentos de dança a algo que já vinha das caixeiras do Divino. O rebolado e o gingado sensual foram marcas registradas de sua trajetória dentro do movimento.</p> <p>Dessa forma, vamos conversar com Marlene Henriqueta Pires Santos e Layna Souza sobre o tema:</p> <p>MARLENE, Quem foi Dona Teté dentro da sua vivência familiar? Como era a sua relação com ela?</p> <p>MARLENE, Como começou a ligação dela com o cacuriá, a inserção dela no movimento? Ela já falava sobre essa dança dentro de casa?</p> <p>MARLENE, Como foi esse seu processo de encantamento pelo cacuriá?</p> <p>MARLENE, Dona Teté teve contato com o Sr. Lauro, que também é citado como figura importante nesse contexto. Você se lembra de algo sobre essa relação entre eles?</p> <p>MARLENE, Quem foi Sr. Lauro? Como se deu essa aproximação entre ele e D. Teté? [relação entre eles e o cacuriá]</p>	

MARLENE, Qual foi a importância de Dona Teté para o bairro do João Paulo? Como ela era vista pelos vizinhos e pela comunidade?

MARLENE, Qual sua importância, não só para o cacuriá, mas também para o fortalecimento da cultura popular maranhense?

MARLENE, A senhora acompanhava as apresentações do cacuriá? Como era a organização, os ensaios, os momentos de festa?

MARLENE, Na sua opinião, o que mudou na manifestação do cacuriá desde os tempos de Dona Teté até hoje?

MARLENE, Qual é a memória mais marcante que guarda dela em relação à dança ou às festas tradicionais?

A MARLENE, senhora acredita que a força feminina era algo presente na atuação dela como liderança cultural?

MARLENE, Como é a relação da família em relação ao legado de dona Teté hoje em dia?

MARLENE, Mesmo não tendo convivido tanto com Dona Teté, o que você sabe ou ouviu sobre ela dentro da sua família?

Questões Layna

LAYNA, Como o legado de Dona Teté chegou até você? O que ele representa na sua vida hoje?

LAYNA, Qual foi o seu primeiro contato com o cacuriá? Você chegou a participar de alguma apresentação ou evento?

LAYNA, Como é crescer dentro de uma família que carrega uma herança tão forte ligada à cultura popular?

LAYNA, Na sua visão, qual o papel do bairro do João Paulo na preservação dessa memória?

LAYNA, O que você acha que Dona Teté representaria para as mulheres da sua geração?

LAYNA, Se pudesse dizer algo diretamente para ela hoje, o que seria?

INFORMAÇÕES:

RETRANÇA o “Padre Boieiro” Fé e Cultura popular.	PRODUÇÃO: Cledilson Rocha
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Joelma Baldez
PROPOSTA A trajetória do Padre Haroldo, figura emblemática da capital maranhense, conhecido por seu carisma, envolvimento com as manifestações culturais locais, especialmente com o Bumba Meu Boi, e seu papel como liderança religiosa que dialoga com o povo por meio da fé e da cultura popular. <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a origem do apelido de “Padre Boieiro”? 2. Quando e como surge a sua ligação com a cultura popular maranhense? 3. Qual o papel do Bumba Meu Boi para a espiritualidade do povo maranhense? 4. Com quem olhos a Igreja vê sua participação em festejos como o boi e outras manifestações populares de nossa cultura? 5. O senhor acredita que a fé se fortalece quando se conecta com a cultura do povo? 	
INFORMAÇÕES:	

Pauta Donilton Silva (Historiador)

Um resgate sobre aspectos históricos e socioculturais sobre o bairro João Paulo, a importância do bairro para o desenvolvimento urbano e cultural da capital maranhense.

Perguntas:

Como surge o bairro do João Paulo? E qual a origem do nome?

Quais mudanças ocorridas ao longo das décadas contribuíram para a transformação da paisagem urbana do bairro?

Alguns fatores como a cultura, o comércio e a feira contribuíram para o desenvolvimento do bairro João Paulo, como esses elementos impactam nas dinâmicas nas socioculturais da região e o que eles representam para a construção histórica do bairro?

O bairro é conhecido por sua forte ligação com a cultura popular maranhense, gostaríamos de saber um pouco mais sobre a origem das manifestações populares, bem como personagens que marcaram a cultura e parte da história do bairro?

Sobre identidade e memória afetiva, o que o João Paulo representa para a cidade e como a população, não só aqueles que vivem no bairro percebem a relevância histórica e cultural do bairro?

Por que é importante contar a história do Bairro João Paulo?

Obs. Sugestões para melhorar as perguntas

RETRANCA O samba em São Luís	PRODUÇÃO: Cledilson Rocha
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Joelma Baldez
PROPOSTA	
<p>Turma da Mangueira, tradicional escola de samba de São Luís, situada no bairro do João Paulo importante polo cultural da capital maranhense, agremiação criada por moradores é símbolo de resistência e valorização da cultura, traz Consigo musicalidade, dança, representatividade e identidade de toda uma comunidade.</p> <p>Sendo assim, vamos conversar com o responsável pela agremiação para sabermos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como surgiu a turma da mangueira? O nome da agremiação tem relação com a escola de samba Carioca? 2. A escola é uma das mais tradicionais dentre as agremiações de São Luís, como a escola se articula para manter a tradição viva ao longo de seus anos de existência? 3. Como a escola se relaciona com a comunidade do bairro do João Paulo? escola promove ações socioculturais voltadas para a comunidade? 4. A escola recebe apoio de órgãos municipais ou estaduais como a secretaria de Estado da Cultura (SECULT) ou alguma outra organização similar? Ou tudo que é realizado pela agremiação acontece por meio de ações da comunidade? 5. A agremiação realiza alguma estratégia para captar e engajar a juventude do bairro do João Paulo? E qual legado a escola deixa para os que estão chegando? 	
INFORMAÇÕES:	
Contatos:	

RETRANCA Historicidade da festa e relação com o bairro	PRODUÇÃO: Joelma Baldez
DATA/HORA/ LOCAL 17.05.25 (sábado) - Bar Barcelona	REPORTAGEM: João Victor Macedo
PROPOSTA A festa de São Marçal reúne, atualmente, cerca de 300 mil pessoas e em torno de 25 grupos de bumba-meu-boi, das seis da manhã à meia-noite, do dia 30 de junho, no mesmo local – Largo de São Roque, que fica na Avenida São Marçal (antiga Avenida João Pessoa) em São Luís. Desde 2006, a Prefeitura de São Luís, não só sancionou a lei que alterou o nome da avenida, como também conferiu ao evento o título de bem cultural e imaterial, transformando a data no Dia Municipal do Brincante de Bumba-Boi. No bairro, há uma agremiação própria, o boi do João Paulo, fundado há mais de 30 anos, que costuma comemorar o festival do Touro Negro Encantado como prévias das brincadeiras juninas. Desse modo, a ideia é fazer uma reportagem que traga informações sobre a história da festa, a importância e força da questão religiosa para a agremiação, projetos sociais e perspectiva de futuro para a organização. Sendo assim, vamos conversar com o responsável pela agremiação para sabermos: <ol style="list-style-type: none"> 1. Poderia contar um pouco sobre a história da criação do Boi João Paulo? 2. Qual a importância de atrelar a força religiosa nas manifestações e brincadeiras? 3. Qual é o critério de participação para a Festa de São Marçal? 4. O que seria o Festival do Touro Negro Encantado, e quem seria esse personagem? 5. Quais são os projetos sociais desenvolvidos pelo Projeto Boi do João Paulo, e como o senhor enxerga a importância desses projetos? 6. Como o senhor enxerga o Boi do João Paulo no futuro, e o que tem sido feito para que as novas gerações perpetuem o valor e a importância do projeto? 	
INFORMAÇÕES:	

RETRANCA A relação que os bois de matraca da ilha estabelecem com o bairro do João Paulo	PRODUÇÃO: Cledilson Rocha
DATA/HORA/ LOCAL A definir	REPORTAGEM: Joelma Baldez
PROPOSTA <p>Símbolo religioso e folclorista, Aliete Ribeiro de Sa. teve forte influência na cultural local, construindo uma forte relação com as manifestações que adentravam desde a religião a festas juninas. Nascida 1930, em Cajapio (Guimarães)-MA, aos 19 montou uma banda só de mulheres. Em São Luís, no bairro João Paulo, construiu raízes ao participar de eventos e grupos coletivos do bairro, entre eles, a procissão de nossa senhora de Fátima por dona Raimunda de Sousa, do bairro do caratatitua que com sua morte, passou a responsabilidade para dona aliete, devido a sua relação com a santa.</p> <p>Na década de 80, saia nas ruas cidade, encenando o pastor de dona Lili, durante o ciclo natalino, e se impôs como defensora da resistência das expressões culturais populares.</p> <p>Desse modo, vamos conversar com o Professor e historiador Sá Marques, filho de D. Lili, para compreendermos mais sobre sua trajetória, como uma figura importante da cultura popular da cidade.</p> <p>1 Dona Lili tinha uma devoção muito forte por nossa senhora de Fátima , como está devoção ajudou ela a construir esse sentimento na família de pertencimento na família em relação ao bairro.</p> <p>2 O senhor observa se há alguma Figura religiosa forte do bairro que tem trabalhado a ideia da igreja como protagonista para a valorização identitária do espaço?</p>	

3 Como o senhor tem analisado nos tempos atuais, o impacto dessas manifestações.

(temos a informação de que ela fundou uma banda de mulheres aos 19 anos) e entre outras manifestações, como bumba-meu-boi, queimação de palhinhas, como era a atuação dela neste cenário de diversidade cultural da cidade.

4 O que ficou de herança para os filhos em relação dela como figura religiosa, materna e alguém que deixou um legado.

5 Como era essa questão do incentivo aos estudos, por parte dela, e como isso influenciou o sentimento de valorização da cultura local

Extra Como o instrumento matraca aliado a outros instrumentos de percussão são trabalhados a ponto de criar uma sonoridade específica?

INFORMAÇÕES:

<p>RETRANCA A relação que os bois de matraca da ilha estabelecem com o bairro do João Paulo</p>	<p>PRODUÇÃO: Cledilson Rocha</p>
<p>DATA/HORA/ LOCAL A definir</p>	<p>REPORTAGEM: Joelma Baldez</p>
<p>PROPOSTA</p> <p>Desde 2006, a Prefeitura de São Luís, não só sancionou a lei que alterou o nome da avenida, como também conferiu ao evento o título de bem cultural e imaterial, transformando a data no Dia Municipal do Brincante de Bumba-Boi.</p> <p>Sendo assim, vamos conversar com a professora Letícia Cardoso a respeito do mapeamento dos bois de matraca da Ilha para compreender sobre o papel do bairro João Paulo para a história de resistência de cada um dos grupos. A tradicional Festa de São Marçal que reúne, atualmente, cerca de 300 mil pessoas e em torno de 25 grupos de bumba-meu-boi, das seis da manhã à meia-noite, do dia 30 de junho, no mesmo local – Lago de São Roque, que fica na Avenida São Marçal (antiga Avenida João Pessoa) em São Luís. É importante também considerar as contribuições dessa manifestação para o fortalecimento da cultura do bumba-meu-boi de matraca da Ilha.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Assim como o típico caldo de feijão distribuído pelo Exército no dia da festa, existem elementos que tenham começado no bairro do João Paulo, que tenham sido incorporados nas brincadeiras desses bois? 2. Como as manifestações e a incorporação de elementos dessa festividade impactam a dinâmica do próprio bairro? 3. Quais papéis são exercidos por cada grupo social que compõe o corpo da brincadeira (crianças, mulheres, idosos)? 4. Como os elementos característicos dos bois de matraca são trabalhados dentro da brincadeira para manter a tradição e para inserir inovações? 	

5. Qual o papel da comunicação para que a população de modo geral compreenda que essa festividade (vivência cultural) que exercem como força motriz da cultura?

6. Qual o papel do Estado no incentivo e amparo a esses grupos dentro e fora do contexto junino?

Extra Como o instrumento matraca aliado a outros instrumentos de percussão são trabalhados a ponto de criar uma sonoridade específica?

INFORMAÇÕES:

APÊNDICE E -Roteiros



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Professor: Ed Wilson Araújo**

EPISÓDIO: APRESENTAÇÃO

PAUTA: JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: APRESENTAÇÃO

**TEC: SOBE E DESCE
BG - TRILHA - "INSTRUMENTAL" BOI DA LUA - GRUPO
BOI DA LUA (01:50 á 02:25 -ESCOLHER ALGO DENTRO
DESSA MARGEM DE MINUTAGEM)**

**TEC: LOC PADRÃO GISA FRANCO : JOÃO PAULO, UM
OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO**

**AJUSTE TEC: INSERIR BG CARRUAGEM (QUANDO A
LOCUÇÃO PADRÃO FALAR: JOÃO PAULO, UM OÁSIS
NO MEIO DO CAMINHO)**

**TEC: TROCAR TRILHA - CHORINHO ANTIGO NUMERO
6 - FERNANDO PROFETA**

**TEC: TROCAR TRILHA - TRILHA PARA FICHA TÉCNICA
- CRIOLA GUERREIA - PAULINHO AKOMABU - (DE
00:00 Á 00:07 EM *LOOPING*, ATÉ O ENCERRAMENTO
DOS CRÉDITOS)**

**LOC CLEDILSON 1: UM DOS BAIRROS MAIS
IMPORTANTES DE SÃO LUÍS, FUNDAMENTAL PARA A
ECONOMIA DA CIDADE, CELEIRO CULTURAL E PONTO
DE ENCONTROS...**

**LOC VICTOR 2: MAS ANTES DE SER UM BAIRRO, O
JOÃO PAULO ERA APENAS UM TRECHO DO CAMINHO
QUE CONECTAVA A PERIFERIA E O CENTRO.//**

**LOC JOELMA 3: ALÉM DE TUDO, É UM AMBIENTE QUE
REÚNE MUITAS HISTÓRIAS, QUE TEREMOS O PRAZER
DE CONTAR A VOCÊ.**

**TEC: SOBE DESCE - EFEITO DE TRANSIÇÃO
“MÁQUINA DE ESCREVER”**

**TEC: SOBE E DESCE TRILHA AMBIENTE QUE
ACOMPANHA TODOS OS DEPOIMENTOS A SEGUIR
- TRILHA SUAWE**

LOC CLEDILSON 1: SOU CLEDILSON SILVA ROCHA E
MINHAS PRIMEIRAS LEMBRANÇAS COM O BAIRRO DO
JOÃO PAULO VÊM DA INFÂNCIA.//

TODA SEGUNDA-FEIRA, BEM CEDO, EU, MEU PAI E UM
DOS MEUS IRMÃOS SAÍAMOS DE TIBIRI RUMO À FEIRA
DO JOÃO PAULO PARA COMPRAR VEGETAIS E
ABASTECER O PEQUENO COMÉRCIO DA NOSSA
FAMÍLIA.//

AQUELA FEIRA ME ENCANTAVA://

**TEC: SOBE E DESCE BG: “SONS DE FEIRA, PESSOAS
FALANDO”**

LOC CLEDILSON: O MOVIMENTO DAS PESSOAS, OS
CHEIROS, OS SONS, AS CORES... ERA UM MUNDO À
PARTE, CHEIO DE VIDA.//

**TEC: SOBE E DESCE BG: “SINOS/MENSAGEIROS DE
VENTO DE METAL” FADE OUT - ATÉ A PARTE
“GUARDO COM CARINHO...”**

TAMBÉM GUARDO COM CARINHO AS LEMBRANÇAS DA
FESTA DE SÃO MARÇAL, EU NÃO ENTENDIA MUITO,
MAS SABIA QUE ERA ALGO IMPORTANTE.//

**TEC: SOBE E DESCE EFEITO DE TRANSIÇÃO
“MÁQUINA DE ESCREVER”**

LOC VICTOR 2: LEMBRO
QUE MINHA RELAÇÃO COM O BAIRRO SEMPRE É

MOTIVO DE ALEGRIA.//

O ELEMENTO QUE MAIS ME LEMBRO É A FEIRA. A CONFUSÃO DE CORES E TODOS OS ACONTECIMENTOS QUE ME FAZIAM FICAR VIDRADO EM TUDO.//

LEMBRO TAMBÉM QUE MINHA PAIXÃO POR AQUARISMO E MEU AMOR PELOS FILMES ME LEVAVAM A COMPRAR MUITOS FILMES PIRATAS.//

TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA RETRO VINTAGE (CINEMA), SOM DE PIPOCAS ESTOURANDO

TEC: INSERIR TRILHA - RADINHO BG DE CESAR NASCIMENTO

HAVIA MUITO REGGAE POR LÁ, E O JOÃO PAULO ERA COMO UM PARQUE DE DIVERSÃO PARA MIM, QUE AMAVA ESSE PROCESSO DE DESCOBRIR.//

TEC: SOBE E DESCE BG “MÁQUINA DE ESCREVER”

LOC JOELMA 3: E EU SOU JOELMA BALDEZ...

SOU MORADORA DO BAIRRO DESDE OS TRÊS ANOS DE IDADE, QUANDO FUI MORAR COM MEUS PADRINHOS, NA DÉCADA DE 1980.//

TEC: SOBE E DESCE BG: “EFEITO QUE REMETA A EDUCAÇÃO - QUADRO SENDO ESCRITO COM GIZ, CRIANÇAS BRINCANDO E CORRENDO, SINO ESCOLAR TOCANDO”

ELES JÁ VIVIAM LÁ HÁ UNS TRINTA ANOS, E SE DEDICAVAM À EDUCAÇÃO, CRIARAM ATÉ UMA ESCOLA COMUNITÁRIA.//

E COM A PROXIMIDADE DO LÍDER UMBANDISTA JOSÉ CUPERTINO DE ARAÚJO, CONSEGUIRAM A

MUNICIPALIZAÇÃO, QUANDO ELE SE TORNOU VEREADOR.//

TEC: SOBE E DESCE BG: ACAPELA TOADOR - MEU BAIRRO QUERIDO - BUMBA MEU BOI DO JOÃO PAULO

FOI LÁ QUE EU ESTUDEI E APRENDI MUITO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES POPULARES NAS AULAS, BRINCADEIRAS E APRESENTAÇÕES .//

TEC: LOC PADRÃO GISA FRANCO : JOÃO PAULO, UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO

TEC: INSERIR BG CARRUAGEM (JOÃO PAULO, UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO)

LOC CLEDILSON: VENHA CONOSCO PARA SABER MAIS SOBRE O QUE DIZEM OS PESQUISADORES...

LOC VICTOR: MORADORES, EX-MORADORES E VISITANTES...

TEC: INSERIR TRILHA - CRIOLA GUERREIRA - PAULINHO AKOMABU

LOC JOELMA: NO PRIMEIRO EPISÓDIO VAMOS FALAR SOBRE A HISTÓRIA DO BAIRRO E COMO ELE SE TRANSFORMOU DE UMA ÁREA DE SÍTIOS PRÓXIMA AO CENTRO, EM UM BAIRRO RESIDENCIAL E COMERCIAL.//

E COMO POUCO A POUCO SE TORNOU UM GRANDE CHÃO DA CULTURA.//

LOC PADRÃO: UMA PRODUÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL RÁDIO E TV, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO./ UMA SÉRIE DOCUMENTAL EM QUATRO EPISÓDIOS, CONFIRA.//

AJUSTE: LOC PADRÃO GISA FRANCO : JOÃO PAULO, UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO

**TEC: INSERIR BG CARRUAGEM (JOÃO PAULO, UM
OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO)**

**TEC: TROCAR TRILHA - CRIOLA GUERREIRA -
PAULINHO AKOMABU**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Professor: Ed Wilson Araújo

EPISÓDIO: FLORESCEU DESTE CHÃO

PAUTA: JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: FLORESCEU DESTE CHÃO

TEC: SOBE E DESCE
BG - TRILHA - "INSTRUMENTAL" BOI DA LUA - GRUPO
BOI DA LUA - (01:50 á 02:25 - ESCOLHER ALGO
DENTRO DESSA MARGEM DE MINUTAGEM)

LOCUÇÃO PADRÃO (GISA FRANCO): ESTUDANTES DO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, RÁDIO E TV, DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO,/
APRESENTAM A SÉRIE DOCUMENTAL/ JOÃO PAULO:
UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO,/ QUE TRAZ, EM
QUATRO EPISÓDIOS,/ MEMÓRIAS DE FAZEDORES,
ENTUSIASTAS E AMANTES DA CULTURA DO BAIRRO

TEC: TROCAR TRILHA - TRILHA - CRIOLA GUERREIA
- PAULINHO AKOMABU - (DE 00:00 Á 00:07 EM
LOOPING, ATÉ O ENCERRAMENTO DOS CRÉDITOS)

LOC JOELMA : JOÃO VICTOR, VOCÊ CONHECE A
HISTÓRIA DESSE BAIRRO?//

LOC VICTOR : DO JOÃO PAULO? CONHEÇO... MAS... É
BOM OUVIR PESSOAS QUE CONHECEM MUITO MAIS
DO QUE EU.//

TEC: SOBE E DESCE BG: EFEITO DE TRANSIÇÃO
VOLTAR NO TEMPO

LOC PADRÃO (GISA FRANCO) 3: VOCÊ ESTÁ OUVINDO
O PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE DOCUMENTAL JOÃO
PAULO: UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - SOM AMBIENTE ANTIGO
“CARRUAGEM” (ENTRA QUANDO ELA FALAR O
TÍTULO DO PRODUTO “JOÃO PAULO UM OÁSIS NO
MEIO...”)**

NESTE EPISÓDIO, JOELMA BALDEZ E JOÃO
VICTOR MACEDO TRATAM AGORA SOBRE O QUE
FLORESCEU DESTE CHÃO DE HISTÓRIA E CULTURA.//

**TEC: SOBE E DESCE - TRANSIÇÃO “GRAVADOR
ANTIGO” - (FILTRO DE TELEFONE NOS 10 PRIMEIROS
SEGUNDOS DA SONORA DE DONILTON)**

**TEC: SONORA 1 - DONILTON SILVA - FILTRO DE
TELEFONE NOS PRIMEIROS DEZ SEGUNDOS DE VOZ)
D.I.: 00:01 - “...TEM UM MAPA BERNARDINO DE 1920...”
D.F.: 00:53 - “...QUE ERA FAMÍLIA PORTUGUESA.”**

**TEC: SOBE E DESCE BG - CHORINHO INSTRUMENTAL
NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//**

LOC VICTOR 1: QUEM NOS CONTA SOBRE ESSA
ORIGEM É O HISTORIADOR DONILTON SILVA, QUE
TAMBÉM É MORADOR DO BAIRRO E COLECIONA
DOR DE MEMÓRIAS.//

O ANTIGO PRADO ESTÁ SITUADO NO PERÍODO DE
TRANSIÇÃO ENTRE OS SÉCULO XIX E XX, QUANDO A
CIDADE DE SÃO LUÍS SE LIMITAVA AO QUE
CONHECEMOS HOJE COMO CENTRO HISTÓRICO.//

E O TRANSPORTE DEPENDIA DE TRAÇÃO ANIMAL, ATÉ
1893,

**TEC: SOBE E DESCE BG - PASSOS EM CHÃO DE
TERRA, ANIMAIS PUXANDO CARROÇA, BURBURINHO
DE PESSOAS.**

QUANDO CHEGOU O BONDE A VAPOR.//

TEC: SOBE E DESCE BG - BONDE A VAPOR

LOC JOELMA: DE ACORDO COM A TRADIÇÃO POPULAR, O ANTIGO PRADO NESSA ÉPOCA ABRIGAVA CORRIDAS DE CAVALO, PERTO DE ONDE HOJE ESTÁ LOCALIZADA A IGREJA SÃO JUDAS TADEU.//

TEC: SOBE E DESCE BG - TOQUE DISTANTE DE SINOS DA IGREJA

LOC VICTOR: E NAQUELAS PROXIMIDADES FOI INSTALADO ATÉ UM JOCKEY CLUBE CHAMADO "PRADO MARANHENSE".//

TEC: SOBE E DESCE BG - TROTAR DOS CAVALOS
ESSA VERSÃO FOI REGISTRADA PELO JORNALISTA JOCK DEAN EM UMA REPORTAGEM ESPECIAL DE 2015, SOBE BAIRROS EM JORNAL DE GRANDE CIRCULAÇÃO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - FOLHAS DE JORNAIS PASSANDO (APENAS UMA PASSADA DE FOLHA).//

LOC JOELMA: O HÁBITO DE HOMENAGEAR PESSOAS NOMEANDO OS LUGARES DE VIVÊNCIAS COLETIVAS É ANTIGO NO BRASIL.//

É POR ISSO QUE O LOCAL GANHA UM NOVO NOME, COM A CHEGADA DE UM NOVO MORADOR.//

TEC: SOBE BG PASSOS ANDANDO EM CHÃO BATIDO E PARANDO. (DEPOIS DA LOCUÇÃO DE JOELMA)

TEC: SONORA 2 DONILTON SILVA D.I.:
00:01 - "...CHEGA UM SENHOR CHAMADO JOÃO PAULO...
"

D.F.: 00:38 - "...FOI SENDO ETERNIZADO..."

TEC: SOBE E DESCE BG - CHORINHO INSTRUMENTAL NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//

LOC VICTOR: DONILTON SILVA É QUE TRAZ ESSA VERSÃO BASEADA EM FONTE JORNALÍSTICA DA DÉCADA DE 1970, É CONFIRMADA PELOS RELATOS DE SEU HÉLIO BRAGA, FAZEDOR DE CULTURA E MORADOR DE LONGA DATA DA LOCALIDADE E TAMBÉM OUTRO GRANDE GUARDIÃO DE MEMÓRIAS..//

TEC: SONORA HÉLIO BRAGA (ESTÁ MUITO BAIXA)
TEC: SONORA 1 - HÉLIO BRAGA
D.I.: 00:01 - "CONTA-SE QUE 1945..." D.F.: 00:46 - QUE ERA A CASA DO CIDADÃO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - CHORINHO INSTRUMENTAL NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//

LOC JOELMA: NA VERSÃO APRESENTADA PELO HISTORIADOR SÁ MARQUES, O COMERCIANTE JOÃO PAULO ERA MAIS MODESTO//

TEC: SONORA 1 - SÁ MARQUES
D.I.: 00:01 - "...PODE TER SIDO QUE, ELE PODE TER..."
D.F.: 00:29 - "...CAMINHO GRANDE..."

TEC: SOBE E DESCE BG - PESSOA CAMINHANDO EM TERRA BATIDA

LOC JOELMA: A PESQUISADORA HELOÍSA CURVELOMATOS REGISTRA EM UM ESTUDO DE 2009 QUE HOUVE SIM HOMENAGEM AO PROPRIETÁRIO DE UM SÍTIO NO LOCAL, CHAMADO JOÃO PAULO DAS CHAGAS.//

LOC VICTOR: ISSO É PARECIDO COM O QUE ACONTECEU COM LIRA, BARRETO, SÁ VIANA E JORDOA NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX E XX.//

MAS COMO O BAIRRO SE TORNOU ESSE PÓLO COMERCIAL?//

TEC: EFEITO DE TRANSIÇÃO - SONS DE FEIRA

LOC JOELMA: BOM, ATÉ A DÉCADA DE 20, O BAIRRO ERA CONSIDERADO SUBÚRBIO, MAS NESSA ÉPOCA JÁ POSSUÍA A PRIMEIRA FEIRA FORA DO CENTRO URBANO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - SONS DE FEIRA

LOCALIZADO A POUCO MAIS QUE QUATRO QUILÔMETROS DO CENTRO, FAZIA PARTE DO CAMINHO GRANDE, QUE LIGAVA O CENTRO ÀS ÁREA RURAIS JÁ POVOADAS, O QUE FACILITOU AS PRIMEIRAS ATIVIDADES COMERCIAIS.//

É O QUE EXPLICA O HISTORIADOR ANANIAS MARTINS://

TEC: SONORA 1 - ANANIAS MARTINS D.I.:

00:01 - “ENTÃO, VOCÊ TEM UM PONTO AQUI...” D.F.:

00:57 - “...UM PONTO DE ENCONTRO ENTRE O MEIO URBANO E O MEIO RURAL.”

TEC: SOBE E DESCE BG CHORINHO INSTRUMENTAL NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//

(USAR OUTRO TRECHO DA MESMA TRILHA, PARA NÃO SOAR TÃO REPETITIVO)

LOC VICTOR: MAS... O BAIRRO DEIXOU DE SER UMA ÁREA PREDOMINANTEMENTE RURAL, NÃO SÓ COM O DESENVOLVIMENTO COMERCIAL, MAS COM A URBANIZAÇÃO E EXPANSÃO DA CIDADE.//

TEC: SOBE E DESCE BG - EFEITO DE CIDADE RURAL QUE SE DESENVOLVE PARA CIDADE GRANDE, COM SEQUÊNCIA DE SONS COMO CARROÇA, BONDE A VAPOR, BRITADEIRA PARA EM SEGUIDA BONDE ELÉTRICO.// DESCE PARA A FRASE “COM A URBANIZAÇÃO E EXPANSÃO DA CIDADE

A CHEGADA DO BONDE ELÉTRICO EM 1924, SUBSTITUIU O BONDE A VAPOR DE 1893.// O JOÃO PAULO SE TORNOU UMA VILA OPERÁRIA EM 1929.// E NA SEQUÊNCIA, CHEGARAM OUTROS AVANÇOS.//

TEC: SOBE E DESCE BG - SINAL DE NOTIFICAÇÃO CHEGANDO NO CELULAR, EM SEGUIDA SONS DE TECLADO DE CELULAR

LOC JOELMA: NA REDE SOCIAL FACEBOOK, TEM UMA PÁGINA CHAMADA FEIRA DO JOÃO PAUL, QUE TRAZ MUITAS INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E MEMÓRIAS ETERNIZADAS PELA TRADIÇÃO POPULAR

//

TEC: SOBE E DESCE BG - SONS DE CURTIDAS

LÁ TEM FOTOS ANTIGAS SOBRE RUAS, PRAÇAS E OUTROS ESPAÇOS.//

LOC JOÃO: E O RESPONSÁVEL POR ESSE TRABALHO DE RESGATE DE MEMÓRIAS É DONILTON SILVA./ ELE TEM MAIS A NOS DIZER SOBRE OS AVANÇOS DO LUGAR.//

TEC: SOBE E DESCE BG - EFEITO DE TRANSIÇÃO MÁQUINA DE ESCREVER

TEC: SONORA 3 - DONILTON SILVA D.I.: 00:04 - "COM A CHEGADA DO QUARTEL.." D.F. 01:15" - "ECONÔMICA, INFRA ESTRUTURA..."

TEC: TROCAR TRILHA PARA CHORINHO INSTRUMENTAL NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//

LOC JOELMA: A TRANSFERÊNCIA DE EQUIPAMENTOS DO CENTRO PARA ÁREAS QUE AINDA TINHA TRAÇOS RURAIS REVELAM RELAÇÕES COMPLEXAS DA CIDADE.//

TEC: SOBE E DESCE BG - PERCUSSÃO MILITAR

TEC: SONORA 2 e 3 - ANANIAS MARTINS D.I.:00:04” -
“O PRÓPRIO QUARTEL...” D.F: 00:59” -
“ANTES DE ATIRAR”

TEC: SOBE E DESCE BG - EFEITO DE TRANSIÇÃO DE MÁQUINA DE ESCREVER

TEC: SONORA 4 e 5- DONILTON SILVA D.I.:00:01” -
“ENTÃO, ESSAS MUDANÇAS ESTRUTURAIS...”
D.F.: 00:58” - “AGOSTINHO TORRES NO JOÃO PAULO.”

LOC VICTOR: SÃO RELATOS DE ANANIAS MARTINS E DONILTON SILVA.//

TEC: SOBE E DESCE BG - CENTRO URBANO MOVIMENTADO (COM CARACTERÍSTICAS DE “MODERNIDADE DA ÉPOCA”) - QUE PEGA A MINHA FALA QUE DURA ATÈ A PALAVRA “PAVIMENTAÇÃO”

LOC VICTOR: COM A INTERVENÇÃO URBANÍSTICA, O JOÃO PAULO RECEBE **PAVIMENTAÇÃO** NAS RUAS PRÓXIMAS DA AVENIDA EM 1970.//

LOC JOELMA: A RUA RIACHUELO E A RUA GETÚLIO VARGAS, PARALELAS À AVENIDA, RECEBERAM PAVIMENTAÇÃO, NAS DÉCADAS DE 1960 E ABRIGARAM CONJUNTOS HABITACIONAIS DESTINADOS À CLASSE MÉDIA.//

LOC VICTOR: JÁ AS RUAS PRÓXIMAS AO BATALHÃO, COMO A RUA DA CERÂMICA, QUE SEDIU UMA OLARIA DO SENHOR SIMEÃO COSTA, E A RUA AGOSTINHO TORRES, SÓ RECEBERAM BENEFÍCIOS NA

DÉCADA DE 1970.//

ERA NAQUELAS IMEDIAÇÕES QUE FICAVA A FEIRA LIVRE, AMBIENTE QUE SE TORNOU LEMBRANÇA AFETIVA PARA OS MAIS VELHOS.//

TEC: SOBE E DESCE BG: TRÂNSITO, PREGOEIRO, BURBURINHOS DE PESSOAS - SOBRE POSIÇÃO DE BGS - (3 a 4 seg DESCE O BG)

TEC: SONORA 2 - HÉLIO BRAGA D.I.: 00:01” - ALI, EM FRENTE À CASINHA... D.F.: 00:45” - ONDE ERA A FEIRA

TEC: SOBE E DESCE - CHORINHO INSTRUMENTAL NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//

TEC: SONORA 1 - LUIS MAIOBA D.I.: 00:01” - QUANDO EU CHEGUEI AQUI NO JOÃO PAULO D.F.: 00:25” - ... QUE FOI NA PRAÇA SÃO ROQUE.

LOC JOELMA: ESSAS SÃO MEMÓRIAS DE SEU HÉLIO BRAGA E TAMBÉM DO SENHOR LUÍS MAIOBA, UM OCTOGENÁRIO, TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL QUE TESTEMUNHOU ESSAS MUDANÇAS.//

LOC VICTOR: E QUEM NOS CONTA MAIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FEIRA É O GEÓGRAFO PAULO DE TASSO, QUE TAMBÉM TRANSITA NO UNIVERSO CULTURAL.//

TEC: SOBE E DESCE BG - AMBIENTE FEIRA LIVRE

TEC: SONORA 1 - PAULO DE TASSO D.I.: 00:01” - “O JOÃO PAULO JÁ ERA UMA ÁREA...” D.F.: 00:54” - “...VIERAM PARA ESSE SETOR.”

TEC: SOBE E DESCE BG MÁQUINA DE ESCREVER

LOC JOELMA: EM 1976, QUANDO FOI CONSTRUÍDO O

MERCADO MUNICIPAL, A FEIRA FOI TRANSFERIDA
PARA O NOVO PONTO, SOB A GESTÃO DE
IVAR SALDANHA.//

LOC VICTOR: O MERCADO FICA ENTRE À RUA
PROJETADA (ONDE HAVIA UM CURTUME
ANTIGAMENTE) DO LADO DIREITO;

O COLÉGIO BATISTA (ONDE FICAVA O SÍTIO DO CRUZ),
DO LADO ESQUERDO; E, AO FUNDO TEM A SEDE DO
CCN - CENTRO DE CULTURA NEGRA – (ANTIGO
ESTANDE DE TIRO DO QUARTEL), NO BARÉS.//

E É UM ESPAÇO QUE MOVIMENTA O BAIRRO.

**TEC SOBE E DESCE BG - AMBIENTE FEIRA LIVRE
(MUDAR TRECHO)**

TEC: SONORA 1 - GILMAR LOPEZ:

**D.I.: 00:01 - A FEIRA DO JOÃO PAULO É O MAIOR
MERCADO ...**

D.F.: 00:54 - QUE TEM A FEIRA DA MADRUGADA.

LOC JOELMA: QUEM NOS FALA É O ATUAL
ADMINISTRADOR GILMAR LOPEZ, SELETIVADO DA
PREFEITURA DE SÃO
LUÍS.//

ATUALMENTE É O PODER MUNICIPAL QUE RESPONDE
PELA GESTÃO DO LOCAL.//

LOC VICTOR: AS FEIRAS, ALÉM DE ATENDER A UMA
NECESSIDADE NATURAL DE BOA PARTE DOS
BAIRROS, CONSTROEM UM AMBIENTE ORGÂNICO DE
ENCONTROS E SINGULARIDADES, ONDE A CULTURA
SE MOSTRA CRUA E LATENTE.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - CARRINHO DE CARGA DE
MATERIAIS, SONS DE CAMINHÃO CHEGANDO,
ESTIVADORES**

GRITANDO

LOC JOELMA: BEM PERTO DALI, FUNCIONAM ESTABELECIMENTOS DISTRIBUIDORES DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS, A RUA RIACHUELO.//

AOS POUCOS O COMÉRCIO PASSOU A OCUPAR O LUGAR DO CONJUNTO HABITACIONAL. HOJE, ABRIGA CERCA DE 60 ESTABELECIMENTOS, QUE VENDEM PARA PROPRIETÁRIOS DE PEQUENOS COMÉRCIOS.//

TEC: TROCAR TRILHACHORINHO INSTRUMENTAL NÚMERO SEIS, DE FERNANDO PROFETA.//

LOCUÇÃO DRAMÁTICA VICTOR - DO CHÃO QUE SUSTENTA A HISTÓRIA DE QUEM CARREGA O DESEJO DE VENCER, OU APENAS SOBREVIVE//

TEC: ADICIONAR SILENCIO DE 3 SEGUNDOS

FEIRA, BARRETO, NA BARRACA DE PEIXE, DO CALDO DE OVOS OU CHEIRO DO MOCOTÓ. NÃO É DIFÍCIL SER SIMPLES, É DIFÍCIL SER FELIZ SENDO SIMPLES.

A BUSCA INCESSANTE DE CONVENCER E SE CONVENCER QUE O PRÓXIMO DIA, SERÁ UM DIA MELHOR!

TEC: INSERIR TRILHA - BLACK POWER - CÈLIA SAMPAIO (00:01 a 00:33) EM LOOPING, “COMEÇAR BEM BAIXO NA FRASE - A BUSCA INCESSANTE”

COMPREENDER A FORÇA QUE DESENVOLVE ESSE SISTEMA E QUE TRANSFORMA O POUCO EM SUSTENTO//,

TRILHAS EM CAMINHOS, ESPERANÇA EM MORADA, CICATRIZES EM MEMÓRIAS.

**TEC: SOBE DESCE TRILHA - BLACK POWER - CÉLIA
SAMPAIO**

O

ESTE BAIRRO É CORPO PRETO VIVO E ANCESTRAL, /

QUE MESMO SEM MOTIVOS, BATE MATRACA,
ESQUENTA COURO DE TAMBOR, FAZ TAMBORIM
TOCAR. // E ASSIM, ENTREGA ORGULHO EM SEGUIR
CAMINHANDO...//

**TEC: TROCAR TRILHA - CRIOULA GUERREIRA -
PAULINHO AKOMABU - (DE 00:00 Á 00:07 EM
LOOPING, ATÉ O ENCERRAMENTO DOS CRÉDITOS)**

**TEC: TROCAR TRILHA DE CRÉDITOS - PAI QUILOMBO
- PAULINHO AKOMABU - (01:33 á 01:49)**

**LOC PADRÃO (GISA FRANCO): : UMA
PRODUÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL, RÁDIO E TV, DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. ESTE
EPISÓDIO USOU TRECHOS DAS CANÇÕES:**

INSTRUMENTAL “BOI DA LUA”, DO GRUPO DE
SOTAQUE DE ORQUESTRA “BOI DA LUA”, COM
ARRANJO DE PAPETE.//

**“CRIOULA GUERREIRA” E “PAI QUILOMBO”,
DE PAULINHO AKOMABU.//**

“BLACK POWER”, DE CÉLIA SAMPAIO.//

CHORINHOS INSTRUMENTAL, NÚMERO 6,
DE FERNANDO PROFETA.//

OS TRECHOS DAS CANÇÕES FORAM EXTRAÍDOS DA
PLATAFORMA YOUTUBE//

DIREÇÃO: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

ROTEIRO E LOCUÇÃO : CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

ABERTURA E ENCERRAMENTO: GISA FRANCO

DESENHO DE SOM: JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

CAPTAÇÃO: MARCOS BELFORT E MAURICIO MORELES

MONTAGEM - CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ, JOÃO VICTOR MACEDO E MAURICIO MORELES.//

SONOPLASTIA: MAURICIO MORELES.//

NESSA EPISÓDIO VOCÊ OUVIU AS VOZES DE:

DONILTON SILVA,
HÉLIO BRAGA,
PROFESSOR SÁ MARQUES, ANANIAS
MARTINS,
LUIS MAIOBA, PAULO
DE TASSO E GILMAR
LOPEZ.//

COLABORAÇÃO: JORGE SOUSA, MAYRA NOGUEIRA, MAURICIO MORELES E MARCOS BELFORT

ORIENTAÇÃO - PROFESSOR ED WILSON ARAÚJO.//

AGRADECIMENTOS: LABORATÓRIO DE RÁDIO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO DA UFMA E RÁDIO UNIVERSIDADE FM.

TEC: TROCAR TRILHA - "INSTRUMENTAL" BOI DA LUA - GRUPO BOI DA LUA (01:50 A 02:25)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Professor: Ed Wilson Araújo
EPISÓDIO: AO POVO O QUE È DO POVO

PAUTA: JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: AO POVO O QUE È DO POVO

**TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - “INSTRUMENTAL”
BOI DA LUA - GRUPO BOI DA LUA - (01:50 á 02:25 -
ESCOLHER ALGO DENTRO DESSA MARGEM DE
MINUTAGEM)**

**LOCUÇÃO PADRÃO (GISA FRANCO): ESTUDANTES DO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, RÁDIO E TV, DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO,/
APRESENTAM A SÉRIE DOCUMENTAL/ JOÃO PAULO:
UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO,/ QUE TRAZ, EM
QUATRO EPISÓDIOS,/ MEMÓRIAS DE FAZEDORES,
ENTUSIASTAS E AMANTES DA CULTURA DO BAIRRO.//**

**TEC: INSERIR TRILHA - NOSSA SENHORA DA GUIA
- CACURIÁ DE DONA TETÈ (00:16 á 00:35) EM LOOPING**

**TEC: SOBE E DESCE VINHETA DE NOTÍCIA FADE OUT
DIMINUIR TRILHA DA VINHETA DE NOTÍCIA.**

**TEC: INSERIR SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS DE
LOCUÇÃO**

**LOC CLEDILSON: “CONSCIÊNCIA RACIAL AVANÇA,
MAS DESIGUALDADES PERSISTEM NO BRASIL, QUE
TEM 55% DA SUA POPULAÇÃO NEGRA”.//**

**LOC JOELMA: “GOVERNO FEDERAL CRIA PROGRAMA
MAIS IGUALDADE PARA ENFRENTAR O RACISMO” –
DECRETO FOI PUBLICADO EM 17 DE JUNHO DE 2025 E
PREVÊ AÇÕES INTEGRADAS ENTRE UNIÃO, ESTADOS
E SOCIEDADE CIVIL PARA PROMOVER EQUIDADE
ENTRE A POPULAÇÃO NEGRA E COMUNIDADES
TRADICIONAIS.//**

LOC CLEDILSON: “NORDESTE É REGIÃO COM MAIS POLÍTICAS PÚBLICAS ANTIRRACISTAS, DIZ PESQUISA” – ESTUDO DE JANEIRO DE 2025 REVELA QUE O NORDESTE CONCENTRA MAIS DE 400 AÇÕES VOLTADAS À IGUALDADE RACIAL, COM DESTAQUE PARA INICIATIVAS NO MARANHÃO, BAHIA E CEARÁ ..

TEC: SOBE E DESCE BG DE VINHETA DE NOTÍCIA

LOC PADRÃO (GISA FRANCO) 3: VOCÊ ESTÁ OUVINDO O SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE DOCUMENTAL JOÃO PAULO: UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM AMBIENTE ANTIGO “CARRUAGEM” (ENTRA QUANDO ELA FALAR O TÍTULO DO PRODUTO “JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO...”)

NO EPISÓDIO PASSADO, A GENTE ACOMPANHOU AS MUDANÇAS DO JOÃO PAULO, QUE PASSOU DE UM AMBIENTE RURAL PARA O AMBIENTE URBANO, BEM COMO ACONTECIMENTOS IMPORTANTES PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.//

E SE VOCÊ PERDEU, UMA DICA: CONFIRA O CONTEÚDO EM NOSSO PERFIL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS, ANTES DE OUVIR ESSE AQUI.//

LOC: NESTE EPISÓDIO, **CLEDILSON ROCHA E JOELMA BALDEZ TRATAM** DO TEMA “**AO POVO O QUE É DO POVO**”, UM **OLHAR** SOBRE A **DIVERSIDADE DA POPULAÇÃO DO BAIRRO.**//

TEC: SOBE DESCE EFEITO DE TRANSIÇÃO SUAVE DE ATABAQUE

TEC: TROCAR TRILHA - NOSSA SENHORA DA GUIA - CACURIÁ DE DONA TETÈ (00:16 á 00:35) EM LOOPING

LOC JOELMA: O BAIRRO JOÃO PAULO SE REVELA NÃO SÓ COMO CENTRO DE COMÉRCIO, MAS TAMBÉM COMO UM TERRITÓRIO VIVO, DE RESISTÊNCIA, ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE PLURAL.//

LOC CLEDILSON: A LUTA POR DIREITOS DO POVO PRETO TRADUZ A NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DE UM INSTRUMENTO POLÍTICO-SOCIAL QUE POSSA AMPARAR TODA UMA POPULAÇÃO MARGINALIZADA.//

NO MARANHÃO, ESSA LUTA SE MATERIALIZOU NA CRIAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA.//

TEC: TROCAR TRILHA - SOBE E DESCE TRILHA DE MÚSICAS AFRICANA

TEC: SONORA 1 - MAURÍCIO PAIXÃO
D.I.: 00:01 -"O CCN É FUNDADO EM 19 DE
SETEMBRO D.F: DE 79"
00: 41- "...FOI FUNDADO."

TEC: SOBE E DESCE BG - TRANSIÇÃO SUAVE

TEC: SONORA 1 - PROFESSOR LUIZÃO D.I.:
00:01 -"NA HORA QUE A GENTE FOI CRIAR O CCN..."
D.F: 01: 08 - "...GUINÈ BISSAU.-"

LOC JOELMA: OUVIMOS AÍ OS RELATOS DE MAURÍCIO PAIXÃO, NUMA ENTREVISTA QUE ELE NOS CONCEDEU EM 2015, QUANDO ERA ADMINISTRADOR DO CCN./ E TAMBÉM DE LUIZ ALVES FERREIRA, O PROFESSOR LUIZÃO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA EM 2018.//

TEC: INSERIR SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS

TEC: INSERIR BG EM FADE IN - ONDAS DO MAR NO FINAL DA LOCUÇÃO.

OS DOIS JÁ ANCESTRALIZARAM: MAURÍCIO FALECEU

EM 2021, E PROFESSOR LUIZÃO UM ANO ANTES.
FICARAM AS BOAS MEMÓRIAS.//

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM DAS ONDAS E DO VENTO (VEM CRESCENDO DESDE A FRASE “FICARAM AS BOAS MEMÓRIAS” E CONTINUA DURANTE 03 SEGUNDOS DEPOIS DA FRASE”)

TEC: TROCAR BG - SOBE E DESCE BG - UM SOM DE ATABAQUE CRESCENTE E FICANDO CADA VEZ MAIS PRESENTE.//

LOC CLEDILSON: NO INÍCIO DO MOVIMENTO NEGRO NO MARANHÃO, O GRUPO LIDERADO PELO PROFESSOR LUIZÃO E PELA PROFESSORA MUNDINHA ARAÚJO ATRAIU INTEGRANTES DO AMBIENTE ACADÊMICO, DE ÓRGÃOS PÚBLICOS OFICIAIS E DE OUTROS ESPAÇOS DE MILITÂNCIA.//

LOC JOELMA: ERA UMA LUTA, EM PLENA DITADURA MILITAR, CONTRA A REPRESSÃO E A FAVOR DA ANISTIA. O PROFESSOR CARLOS BENEDITO, CONHECIDO COMO CARLÃO RASTAFÁRI, CONTA UM POUCO MAIS SOBRE AS PRIMEIRAS REUNIÕES:

TEC: SOBE E DESCE BG - GRAVADOR DE VOZ ANTIGO LIGANDO (ALGO SUAVE)

TEC: SONORA 1 - PROFESSOR CARLÃO D.I.: 00:01 - “AS PRIMEIRAS REUNIÕES COMEÇARAM NO LABORARTE...”

D.F.: 00:32 - O CENTRO DE CULTURA TEM PAPEL IMPORTANTE ALI NAQUELA REGIÃO.

TEC: SOBE E DESCE BG - GRAVADOR DE VOZ ANTIGO = DESLIGANDO (ALGO SUAVE)

LOC CLEDILSON: A ESTRUTURA PREDIAL QUE SEDIA O CCN ATUALMENTE, VAI ALÉM DE UM MERO ESPAÇO FÍSICO./ E QUEM FALA DISSO É O HISTORIADOR

ANANIAS MARTINS.//

TEC: SOBE E DESCE BG - MÁQUINA DE ESCREVER

TEC: SONORA 1 - ANANIAS MARTINS
D.I.: 00:01 - "NA VERDADE..."
D.F.: - 01:00 - "...HISTORIA SOCIAL."

LOC JOELMA: É BOM LEMBRAR QUE O QUE TEMOS LÁ É UM MONUMENTO QUE SIMBOLIZA A RESISTÊNCIA.//

LOC CLEDILSON: SUAS PAREDES CONTAM HISTÓRIAS, PRESERVAM MEMÓRIAS E CELEBRAM RAÍZES, PROMOVEDO CULTURA E CIDADANIA./ É O QUE NOS RELATA MAURÍCIO PAIXÃO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - GRAVADOR DE VOZ ANTIGO LIGANDO (ALGO SUAVE)

TEC: SONORA 2 - MAURÍCIO PAIXÃO D.I.: 00:01 - "ESSA CASA ONDE FICA.. " D.F.: 00:55 - " DO ESTADO DO MARANHÃO"

LOC JOELMA: OS DEBATES NO CCN ERAM FEITOS SOBRE OS DIREITOS, A PARTIR DE UMA VISÃO AFRICANA, DIANTE DE UMA SOCIEDADE PÓS-ESCRAVISTA.// PROFESSOR CARLOS BENEDITO DESTACA.

TEC: SOBE E DESCE BG - GRAVADOR DE VOZ ANTIGO LIGANDO (ALGO SUAVE)

TEC: SONORA 2 - PROFESSOR CARLÃO D.I.: 00:01 - "O BAIRRO DO JOÃO PAULO É UMA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO.. " D.F.: 00:26 - "DESCASO DE ESTADO"

LOC CLEDILSON: A MISSÃO ERA PROPAGAR MENSAGENS DE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICA./

E COM AS AÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS ATRAIU MUITOS JOVENS, QUE DEPOIS SE TORNARAM INTEGRANTES DA ADMINISTRAÇÃO,

COMO A JOANA KARLA, QUE ENTROU NO CCN EM 1984 E HOJE FAZ PARTE DA GESTÃO.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - EFEITO DE TRANSIÇÃO
“BERIMBAU”**

**TEC: SONORA 1 - JOANA CARLA ALGARVEZ D.I.:
04:17 - “COMO FOI ESSA MINHA CHEGADA NO CCN.. ”
D.F.: 04:40 - “ CONSCIENTIZAÇÃO DO POVO”**

TEC: SOBE E DESCE BG - BERIMBAU

LOC CLEDILSON: ALÉM DO BLOCO AFRO AKOMABU, O CENTRO CONTA COM O GRUPO DE DANÇA AFROABANJÁ, PROJETO SONHO DOS ERÊS E O CURSINHO NEGRO COSME, QUE SÃO INICIATIVAS MARCANTES.//

**TEC: TROCAR TRILHA - CHORO DE LERA - CACURIÁ
DE DONA TETÉ**

LOC. JOELMA: PODEMOS OBSERVAR A FORÇA DESSAS AÇÕES NA FALA DE MARLENE SANTOS, *FILHA DE ALMERICE SANTOS, A SAUDOSA TETÉ DO CACURIÁ.// ELAS FIZERAM PARTE DESSA HISTÓRIA.//

**TEC: SONORA 1 - MARLENE SANTOS:
D.I.: 00:01 - “ MINHA MÃE”
D.F.: 01:18 - “UNS TRÊS ANOS PRA ESSES
MENINO”**

TEC: SOBE E DESCE TOQUE DE CAIXA CURTO

LOC JOELMA: DONA TETÉ, DO CACURIÁ, APRENDEU O TOQUE DE CAIXA QUANDO CRIANÇA, ESPIANDO PELAS FRESTAS DO TERREIRO DE DONA MAXIMIANA, AS

CELEBRAÇÕES DE MINA, NO JOÃO PAULO./ AJUSTE:

REDUZIR UM POUCO NA LOCUÇÃO

**TROCAR TRILHA - SOBE E DESCE - JABUTI -
CACURIÁ DE DONA TETÈ.**

LOC CLEDILSON: PARTICIPOU DO TAMBOR DE
CRIOULA DE SEU LAURO, OUTRA FIGURA DA CULTURA
MARANHENSE.//

FOI LÁ QUE ELA COMEÇOU NO CACURIÁ, NA DÉCADA
DE 1970, DURANTE AS FESTAS DO DIVINO, E
REVOLUCIONOU A DANÇA.

LOC JOELMA: E O CCN REPRESENTOU PARA DONA
TETÉ E SEUS FILHOS MAIS UM AMBIENTE DE SEU
FAZER CULTURAL, QUE FORTALECEU O LEGADO QUE
ELA DEIXOU PARA OS DESCENDENTES./

LAYNA SOUSA, BISNETA DA NOSSA MESTRA FALA UM
POUCO SOBRE ISSO.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - CANÇÃO
BLOCO AFROAKOMABU**

**TEC: SONORAS 1 E 2 - LAYNA SOUSA D.I.:00:01 -
“A MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA FOI NO AKOMABU,
NO ABANJÁ ANOS E ANOS” D.F.: - 00:48 - “OS
MELHORES DE SÃO LUÍS: ”**

**TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - CANÇÃO
BLOCO AFROAKOMABU**

LOC CLEDILSON: O BLOCO AFROAKOMABU SURGE
EM 1984, COM O INTUITO DE LEVAR A MENSAGEM DA
POPULAÇÃO NEGRA PARA TODA A SOCIEDADE.//

**TEC: SOBE DESCE EFEITO DE TRANSIÇÃO SUAVE DE
ATABAQUE**

LOC JOELMA: COM UMA NATUREZA LÚDICA, O GRUPO ATUA DURANTE O ANO INTEIRO NO JOÃO PAULO, E SE FAZ PRESENTE NA PROGRAMAÇÃO CARNAVALESCA DA CIDADE, COM LETRAS QUE REAFIRMAM O SENSO DE PERTENCIMENTO.// ISSO É SUSTENTADO POR MAURÍCIO PAIXÃO E PROFESSOR CARLOS BENEDITO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - GRAVADOR DE VOZ ANTIGO LIGANDO (ALGO SUAVE)

TEC: SONORA 3 - MAURÍCIO PAIXÃO:
D.I.: 00:01 - “ENTÃO AKOMABU É O QUE NA CULTURA IORUBÁ”
D,F.: 00:20 - “PARA A SOCIEDADE.”

TEC: SOBE E DESCE BG - BERIMBAU

TEC: SONORA 3- PROFESSOR CARLÃO: D.I.: 00:01 - “ERA UMA FORMA DE LEVAR PRAS RUAS”
D,F.: 00:25 - “E TOMOU CONTA ALI DAQUELA REGIÃO...”

TEC: SOBE E DESCE BG - GRAVADOR DE VOZ ANTIGO LIGANDO (ALGO SUAVE)

TEC: SOBE E DESCE BG - CAIXA DE COREIRAS - CURTO

TEC: SONORA 3 - LAYNA SOUSA (fade in e fade out) D.I.: 00:01: - “O AKOMABU, O CCN... ” D.F.: 00:38 - “AS PESSOAS FICAM ME OLHANDO.”

TEC SOBE E DESCE BG - CAIXA DE COREIRAS - CURTO

LOC CLEDILSON: ESSE SENTIMENTO DE LAYNA

SANTOS É COMUM NA CULTURA AFRICANA, ESPALHA
SEMENTES PELO MUNDO, QUE GERMINAM EM CORES,
FORMAS E RITMOS./ NO BRASIL, FRUTIFICOU EM
SAMBA, QUE É O TEMA DO PRÓXIMO
EPISÓDIO.//

**TEC: TROCAR TRILHA - NOSSA SENHORA DA GUIA
- CACURIÁ DE DONA TETÈ (00:16 á 00:35) EM LOOPING**

**TEC: SOBE TRILHA DE CRÉDITOS - PAI QUILOMBO -
PAULINHO AKOMABU - (01:33 á 01:49)**

LOC PADRÃO: UMA PRODUÇÃO DE ESTUDANTES DO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, RÁDIO E TV, DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO.//

ESTE EPISÓDIO USOU TRECHOS DAS CANÇÕES:
INSTRUMENTAL “BOI DA LUA”, DO GRUPO DE SOTAQUE
DE ORQUESTRA “BOI DA LUA”, COM ARRANJO DE
PAPETE.//

**NOSSA SENHORA DA GUIA, CHORO DE LERA E
JABUTI, DO CACURIÁ DE DONA TETÈ.//**

**“LIBERDADE” DA ORQUESTRA
AFROBRASILEIRA.//**

TOADA SEM TÍTULO REGISTRADO, DE MESTRE
FELIPE.//

**UTILIZAMOS TAMBÉM SONS DE
INSTRUMENTOS AFRICANOS ISOLADOS.//**

LÁ VEM O AKOMABU DO BLOCO AFROAKOMABU.//

PAI QUILOMBO DE PAULINHO AKOMABU.//

OS TRECHOS DAS CANÇÕES FORAM EXTRAÍDOS DA
PLATAFORMA YOUTUBE.//

DIREÇÃO: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

ROTEIRO E LOCUÇÃO : CLEDILSON ROCHA E JOELMA BALDEZ.//

ABERTURA E ENCERRAMENTO: GISA FRANCO

DESENHO DE SOM: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

CAPTAÇÃO: MARCOS BELFORT E MAURICIO MORELES.//

MONTAGEM - CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ, JOÃO VICTOR MACEDO E MAURICIO MORELES.//

SONOPLASTIA: MAURICIO MORELES.//

NESTE EPISÓDIO VOCÊ OUVIU AS VOZES DE:

**MAURÍCIO PAIXÃO, PROFESSOR
LUIZÃO, PROFESSOR
CARLÃO RASTAFARI,
ANANIAS MARTINS, JOANA CARLA
ALGARVEZ, MARLENE SANTOS E LAYNA SOUSA.//**

COLABORAÇÃO: JORGE SOUSA, GISA FRANCO, MAURICIO MORELES E MARCOS BELFORT

ORIENTAÇÃO: PROFESSOR ED WILSON ARAÚJO.//

AGRADECIMENTO: LABORATÓRIO DE RÁDIO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO DA UFMA E RÁDIO UNIVERSIDADE FM.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - “INSTRUMENTAL”
BOI DA LUA - GRUPO BOI DA LUA - (01:50 á 02:25)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Professor: Ed Wilson Araújo

EPISÓDIO: EU SOU O SAMBA

PAUTA: JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: EU SOU O SAMBA

OBSERVAÇÃO¹: O EPISÓDIO TRATA-SE DE UMA NARRATIVA DRAMATIZADA DE DOIS AMIGOS QUE ESTÃO PERTO DE UMA “RODA DE SAMBA” E LÁ ELES COMEÇAM A CONVERSAR SOBRE AS CURIOSIDADES E FATOS QUE CERCAM O BAIRRO DO JOÃO PAULO E SUA RELAÇÃO COM O SAMBA.

OBSERVAÇÃO²: TODAS AS LOCUÇÕES QUE JOELMA APARECE, NÃO DEVE HAVER NENHUM TRILHA DE FUNDO, SOMENTE A VOZ DELA.

**TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - “INSTRUMENTAL”
BOI DA LUA - GRUPO BOI DA LUA - (01:50 á 02:25 -
ESCOLHER ALGO DENTRO DESSA MARGEM DE
MINUTAGEM)**

LOCUÇÃO PADRÃO (GISA): ESTUDANTES DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL RÁDIO E TV, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, APRESENTAM A SÉRIE DOCUMENTAL JOÃO PAULO: UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO, QUE TRAZ, EM QUATRO EPISÓDIOS, MEMÓRIAS DE FAZEDORES, ENTUSIASTAS E AMANTES DA CULTURA DO BAIRRO.

**TEC: TROCAR TRILHA - SOU DE POUCA FALA _
PATATIVA (00:00 á 00:26) LOOPING**

TEC: SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS

**TEC: SOBE E DESCE SOM AMBIENTE DE RODA DE
SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO
E FESTEJANDO.**

LOC VICTOR: JOÃO CANTAROLA SOZINHO

*“JOÃO PAULO FOI SEU BERÇO DE
SAMBA E TRADIÇÃO,
A MINHA QUERIDA MANGUEIRA / QUE FOI A
PRIMEIRA DESSE MEU TORRÃO”*

LOC CLEDILSON: EI, JOÃO, DE QUEM É ESSE SAMBA?

“SUGESTÃO:

LOC 2: EI, JOÃO

LOC 1: EI RAPAÇ

LOC 2: DE QUEM È ESSE SAMBA”

LOC VICTOR: ENTÃO, EU TAVA TENTANDO
LEMBRAR... VOVÓ GOSTAVA MUITO DESSA LETRA...

LOC CLEDILSON: RAPAÇ, ISSO É BODAS DE OURO.
AGORA NÃO LEMBRO O ANO...

TEC: SOBE E DESCE **BG:** VITROLA SE PREPARA PARA
TOCAR (MAS A VOZ QUE SAI É A SONORA A SEGUIR È
DE SEU ZÉ PIVÓ)

TEC: SONORA 1 SEU ZÈ PIVÒ **D.I.:**
03:29 - “QUANDO A MANGUEIRA COMPLETOU
CINQUENTA

ANOS

”

D.F.: **04:31** - “DESTE MEU TORRÃO”

TEC: VITROLA DESLIGA O SOM (AGULHA SAI DO
VINIL.)

LOC PADRÃO (GISA): VOCÊ ESTÁ OUVINDO O
TERCEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE DOCUMENTAL

JOÃO PAULO: UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO, //

TEC: SOBE E DESCE **BG** - SOM AMBIENTE ANTIGO
“CARRUAGEM” (ENTRA QUANDO ELA FALAR O

TÍTULO DO PRODUTO “JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO...”)

NO EPISÓDIO PASSADO, A GENTE CONHECEU MAIS UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO E SOBRE A DIVERSIDADE DA POPULAÇÃO QUE LÁ VIVE.//

E SE VOCÊ PERDEU ALGUM CONTEÚDO, UMA DICA: CONFIRA TUDO EM NOSSO PERFIL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS ANTES DE OUVIR ESTE AQUI.//

NESTE EPISÓDIO, CLEDILSON ROCHA JOÃO VICTOR MACEDO E JOELMA BALDEZ TRATAM DO TEMA “EU SOU O SAMBA...”// SÃO APRESENTADAS VERSÕES SOBRE A CULTURA DO SAMBA NO JOÃO PAULO, INICIANDO COM UMA REFERÊNCIA AO SAUDOSO ZÉ PIVÓ, EXPOENTE DA TURMA DA MANGUEIRA.//

TEC: SOBE E DESCE BG DE TRANSIÇÃO DE PANDEIRO TOCANDO.//

LOC JOELMA: ESSE PRODUTO, UTILIZA DE LOCUÇÃO DRAMATIZADA.//

TEC: PAUSA DE 3 SEGUNDOS

TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.

LOC VICTOR: POIS É RAPAZ, TURMA DA MANGUEIRA É ANTIGA, VOVÓ DIZIA MUITO DESSA ÉPOCA, QUE ERA DE, COMO É QUE ELA DIZIA? OH MEU DEUS, AH SIM, LEMBREI... PURA *BOEMIA!*

TEC: EFEITO DE TRANSIÇÃO DE CUÍCA CHORANDO

LOC JOELMA :SOBRE ESSE ASSUNTO HELIO BRAGA, RELEMBRA DESSE MOMENTO...

TEC: SOBE E DESCE DE INTRODUÇÃO DE ATMOSFERA: PASSARINHOS CANTANDO, VENTO SOPRANDO, SINOS DE VENTO DE BAMBU,

TEC: SILÊNCIO DE 3 SEGUNDO

**TEC: MÁQUINA DE GRAVADOR ANTIGA ESTALA E
COMEÇA A
GRAVAR...**

TEC: SONORA 1 - HÉLIO BRAGA

**D.I. - 00:01 - "...A TURMA DA MANGUEIRA
SURTIU..."**

D.F - 00:38 - "ERA COISA SIMPLES"

**TEC: SOBE E DESCE BG DE MAQUINA DE GRAVAR
ANTIGA PARANDO DE
GRAVAR.**

**LOC JOELMA: E ITHAMILSON LIMA, CARNAVALESCO E
EX-PRESIDENTE DA TURMA DA MANGUEIRA, CONTA
TAMBÉM SOBRE ESSA ORIGEM.**

TEC: SONORA 1 - ITHAMILSON LIMA -

D.I. - 00:01 - "A MANGUEIRA SURGE..."

D.F. - 01:28 - "...QUE ESTAVA ALI..."

**TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE
SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.**

**LOC VICTOR: CARA MAS TE DIGO UMA COISA, É
DIFÍCIL IMAGINAR ESSA LIGAÇÃO DE SÃO LUÍS E O
SAMBA, QUE SEI LÁ.. PARECE UMA COISA TÃO
DISTANTE**

TEC: LOCUÇÃO CRESCENTE JOELMA BALDEZ.

**LOC JOELMA: SOBRE ESSA ASSOCIAÇÃO
ENTRE A MANGUEIRA MARANHENSE E A ESCOLA
CARIOCA, ITHAMILSON LIMA TROUXE ESSA IDEIA**

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM DE CUICA (00:03)

TEC: SONORA 2 - ITHAMILSON LIMA

**D.I. - 00:01 - "...O NOME DA MANGUEIRA NÃO TEM
HAVER COM A CARIOCA..."**

D.F. - 00:49 - "...NÃO TINHA ESSA CONEXÃO..."

TEC: PAUSA DE 03 SEGUNDO

**TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE
SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.**

**LOC CLEDILSON: NOSSA!/ SAMBA! A PRIMEIRA COISA
QUE VEM NA MENTE É O RIO DE JANEIRO,/ LEMBRO
QUE SEU HÉLIO ME DISSE UMA VEZ...**

**TEC: SOBE E DESCE: VINHETA GRAVADOR ANTIGO
LIGANDO**

TEC: SONORA 2 - HELIO BRAGA

**D.I. - 00:01 - "...A ORIGEM DA MANGUEIRA
DAQUI..."**

D.F - 00:16 - "TURMA DA MANGUEIRA"

**TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE
SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.**

**LOC VICTOR - AGORA A GRAÇA DAS COISAS FEITA
AQUI É A MEMÓRIA DE CADA UM, TIPO A HISTÓRIA FICA
DIFERENTE, PARECE UMA VIAGEM, TIPO.. NO TEMPO...**

TEC: SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS

**LOC CLEDILSON: VIAJANDO NO TEMPO? TU QUE
VIAJA (RISOS - DOIS PERSONAGENS), MAS AGORA
SÉRIO. IMAGINA O ROLE DE SUBIR UMA ESCOLA DE
SAMBA DO ZERO? TIPO... BRINCANDO?**

TEC: BG DE PANDEIRO (00:03 SEC)

LOC JOELMA: PAULO DE TASSO EX- PRESIDENTE DA TURMA DA MANGUEIRA RELEMBRA OS DESAFIOS DESSA ÉPOCA.

TEC: SONORA 1 - PAULO DE TASSO -

D.I.- 00:01 - “EU FUI CRIADO AO LADO DA ESCOLA DE SAMBA, ESTRELA DO SAMBA”

D.F. - 01:20 - “A TURMA DA MANGUEIRA”

TEC: SOBE E DESCE BG - TAMBORIM

TEC: SONORA 2 - PAULO DE TASSO

D.I. 00: 01 - “O JOÃO PAULO É O BERÇO DE MUITAS TRADIÇÕES...”

D.F. 00:41 - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA CIDADE...

TEC: SOBE E DESCE SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.

LOC VICTOR: MAS TIPO, EU LEMBRO QUE VOVÔ FALAVA MUITO QUE FOI NESSA ÉPOCA ELA APRENDEU A COSTURAR E FOI DENTRO DE ESCOLA DE SAMBA, ESSE MUTIRÃO QUE ELES SEMPRE FAZEM?./ POIS É! E QUE QUANDO ELA PERCEBEU... JÁ TAVA PEGANDO ENCOMENDA, TIRANDO A DINHEIRO DELA.

LOC CLEDILSON : SIM SIM, TENHO UNS TRÊS COLEGAS MEUS DA ESCOLA, QUE DESENROLAM BACANA EM INSTRUMENTO, ESSAS COISAS... /

TUDO POR CONTA DESSAS AULAS DE ESCOLA DE SAMBA E TAL. SEU ITHAMILSON, DIZIA ERA MUITO...

TEC: SOBE E DESCE BG CUICA (00:03)

TEC: SONORA 4 - ITHAMILSON LIMA D.I.- 00:01 - “EU FUI FRUTO DESSA TROCA...”

D.F. - 01:08 - “E VAI APRIMORANDO À MEDIDA QUE O TEMPO VAI PASSANDO”

TEC: SOBE E DESCE TAMBORIM (00:03)

LOC JOELMA: ITHAMILSON LIMA DESTACA A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DESSES FAZERES E SABERES.//

TEC: SONORA 3 - ITHAMILSON LIMA

D.I. - 00:01 - “A UM PROCESSO...”

D.F. - 01:21 - “...QUE NÃO SE ENCONTRA NA INTERNET...”

TEC: SOBE E DESCE BG CUICA (00:03)

TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.

LOC CLEDILSON: MAIS SE FOR PARAR PRA PENSAR ESCOLA DE SAMBA É TUDO,/ VOCÊ COMEÇA TÍMIDO / E DO NADA TA DANDO OFICINA./

PISCOU! TÁ AJUDANDO O BAIRRO, APARECE NA AVENIDA...

LOC VICTOR: (R/SOS) PIOR QUE É VERDADE,/ MAS TE CONTA, / DESCOBRI UM DIA DESSES. TU NEM VAI ACREDITAR, O BOI DA LUA, O DE ORQUESTRA,/ É DA TURMA DA MANGUEIRA,/ E OUTRA,/ ELE É DE PROMESSA.

TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.

LOC2 CLEDILSON: SOTAQUE DE ORQUESTRA? PROMESSA? QUEM TE DISSO ISSO ?

LOC VICTOR : VOVÔ!

LOC CLEDILSON: AH NÃO... (RISOS)

TEC: ADICIONAR BG DE BANJO TENOR (00:05)

LOC (JOELMA): E SEU AIRTON ROLIM, TESOUREIRO DO BOI DA LUA, RELEMBRA ESSE COMEÇO.

TEC: SONORA 1 - AIRTON ROLIM D.I.-

00:01- "O BOI DA LUA SURTIU..."

D.F. - 00:28 - "SURGE O BOI DA LUA"

TEC: SOBE E DESCE BG DE TAMBORIM (00:03)

TEC: SONORA 2 - AIRTON ROLIM

D.I. - 00:31 - "NOSSO GRUPO É ASSIM, COMO ELE É DE PROMESSA..."

D.F. - 00:43 - "A COMUNIDADE ACEITA BEM AS BRINCADEIRAS DE BAIROS"

TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.

LOC CLEDILSON: OLHA, UMA VEZ ME DISSERAM QUE TINHA MUITA FESTA DE BOI DE ORQUESTRA ALI NA FRENTE DA CASA ONDE MORAVA DONA LILI.

LOC VICTOR: SEU AIRTON ROLIM SEMPRE COMENTAVA SOBRE ESSA FESTA/ EU LEMBRO...

LOC VICTOR : E VOVÓ TAMBÉM ME DISSE QUE DONA LILI ERA MUITA ATIVA PRINCIPALMENTE NA RELIGIÃO, POR CONTA DE UMA PROMESSA QUE ELA FEZ PRO FILHO, E TALS, QUE NEM O BOI DA LUA.//

TEC: SOBE E DESCE BG DE BANJO TENOR (00:05)

LOC 2 (JOELMA): O PROFESSOR SÁ MARQUES CONTA MAIS SOBRE ESSES MOMENTOS...

TEC: SONORA 1 - SÁ MARQUES

D.I.: 00:01 – “ENQUANTO MÃE, MINHA MÃE ERA UMA MULHER MUITO... COMO POSSO DIZER, BRIGUENTA...”

D.F.: 05:52 – “ALÉM DA RELIGIOSIDADE QUE A GENTE HERDOU, MAS A GENTE HERDOU TAMBÉM O AMOR PELA CULTURA POPULAR.”.

TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO.

LOC CLEDILSON :MAS TU VÊ COMO NÃO SÃO AS COISAS,/ O POVO INVENTA TUDO, TODO TEMPO/ E CANSADO TEM MOTIVO PRA SORRIR.//

LOC VICTOR: E NÃO É? / MAS TE FALAR, UM PAPO SÉRIO... JOÃO PAULO... ERA PRA SER CENTRO.

LOC CLEDILSON: OH O OUTRO?! TE SAI SIOW... (RISOS)/ BORA VOLTAR QUE O NEGÓCIO ALI TÁ É BOM.

TEC: SOBE E DESCE BG: SOM AMBIENTE DE RODA DE SAMBA, PESSOAS CONVERSANDO E FESTEJANDO

TEC: TRILHA - SOU DE POUCA FALA _ PATATIVA (00:00 á 00:26)

TEC: TROCAR TRILHA DE CRÉDITOS - PAI QUILOMBO - PAULINHO AKOMABU - (01:33 á 01:49)

LOC PADRÃO (GISA): UMA PRODUÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, RÁDIO E TV, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO.//

ESTE EPISÓDIO USOU TRECHOS DAS CANÇÕES:

INSTRUMENTAL “**BOI DA LUA**”, DO GRUPO DE SOTAQUE DE ORQUESTRA “BOI DA LUA”, COM ARRANJO DE PAPETE.//

BODAS DE OURO, DA TURMA DA MANGUEIRA.//

SOU DE POUCA FALA, DE PATATIVA.//

PAI QUILOMBO DE PAULINHO AKOMABU.//

OS TRECHOS DAS CANÇÕES FORAM EXTRAÍDOS DA
PLATAFORMA YOUTUBE

DIREÇÃO: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E
JOÃO VICTOR MACEDO.//

ROTEIRO: CLEDILSON ROCHA E JOÃO VICTOR
MACEDO.//

LOCUÇÃO: CLEDILSON ROCHA, JOÃO VICTOR
MACEDO E JOELMA BALDEZ.//

ABERTURA E ENCERRAMENTO: GISA FRANCO

DESENHO DE SOM: CLEDILSON ROCHA E JOÃO
VICTOR MACEDO.//

CAPTAÇÃO: MARCOS BELFORT E MAURICIO
MORELES .//

MONTAGEM: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ,
JOÃO VICTOR MACEDO E MAURICIO MORELES.//

SONOPLASTIA: MAURICIO MORELES.//

NESSA EPISÓDIO VOCÊ OUVIU AS VOZES DE:

ZÉ PIVÓ, HÉLIO BRAGA, PAULO DE TASSO,
ITHAMILSON LIMA, AIRTON ROLIM, SÁ MARQUES.//

COLABORAÇÃO: JORGE SOUSA, GISA FRANCO,
MAURICIO MORELES E MARCOS BELFORT.//

ORIENTAÇÃO: PROFESSOR ED WILSON ARAÚJO.//

AGRADECIMENTO: LABORATÓRIO DE RÁDIO DO

CURSO DE COMUNICAÇÃO DA UFMA E RÁDIO
UNIVERSIDADE

FM.

//

**TEC: TROCAR TRILHA - "INSTRUMENTAL" BOI DA
LUA - GRUPO BOI DA LUA - (01:50 á 02:25 - ESCOLHER
ALGO DENTRO DESSA MARGEM DE MINUTAGEM)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Professor: Ed Wilson Araújo

EPISÓDIO: ENTRE AS TOADAS E A VOLTA PARA CASA

PAUTA: JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO: ENTRE AS TOADAS E A
VOLTA **PARA**
CASA

TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - INSTRUMENTAL”
BOI DA LUA - GRUPO BOI DA LUA
- (01:50 á 02:25 - ESCOLHER ALGO DENTRO DESSA
MARGEM DE MINUTAGEM)

LOCUÇÃO PADRÃO (GISA FRANCO): ESTUDANTES DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL RÁDIO E TV, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, APRESENTAM A SÉRIE DOCUMENTAL JOÃO PAULO: UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO, QUE TRAZ, EM QUATRO EPISÓDIOS, MEMÓRIAS DE FAZEDORES, ENTUSIASTAS E AMANTES DA CULTURA DO BAIRRO.

TEC: TROCAR TRILHA - MEU BAIRRO QUERIDO - BOI DO JOÃO PAULO 2007 - ACAPELLA - (00:00 Á 00:33)

LOC VICTOR: NÓS ESTAMOS NO MEIO DO CAMINHO, E É AQUI QUE COMEÇA A VOLTA PRA CASA./ **NESSE OÁSIS**, A FELICIDADE É QUE CONDUZ OS PASSOS **DESSA DANÇA**. E TODO ANO, A GENTE VEM, SE ENCONTRA E SE DESPEDE.//

TEC: SOBE E DESCE BG - CARRILHÃO, PASSARINHOS CANTANDO, PASSOS EM CHÃO DE TERRA (COMEÇA NA FRASE “NESSE OÁSIS” E FINALIZA EM “E AINDA ECOA SOBRE NÓS”)

LOC JOELMA: NESSE CHÃO DE ENCANTOS, A GENTE SE CONECTA COM NOSSOS ANCESTRAIS, PORQUE A LUTA DOS QUE RESISTIRAM DURANTE A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO, AINDA **ECO A SOBRE NÓS**.//

TEC: SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS

LOC CLEDILSON: A CULTURA NÃO DEVE MORRER.//

TEC: SOBE E DESCE BG FOGO QUEIMANDO E TAMBOR ONÇA TOCANDO.//

LOC PADRÃO (GSA FRANCO): VOCÊ ESTÁ OUVINDO O **QUARTO** EPISÓDIO DA SÉRIE DOCUMENTAL JOÃO PAULO: UM OÁSIS NO MEIO DO CAMINHO.//

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM AMBIENTE ANTIGO “CARRUAGEM” (ENTRA QUANDO ELA FALAR O TÍTULO DO PRODUTO “JOÃO PAULO UM OÁSIS NO MEIO...”) -

NESTE EPISÓDIO CLEDILSON ROCHA, JOÃO VICTOR MACEDO E JOELMA BALDEZ TRATAM DO TEMA “ENTRE TOADAS E A VOLTA PRA CASA...”, QUE TRAZ INÚMERAS VERSÕES SOBRE A FESTA NO DIA DE SÃO MARÇAL.

E SE VOCÊ PERDEU OS EPISÓDIOS ANTERIORES, UMA DICA: VOLTE LÁ E CONFIRA DESDE O PRIMEIRO, ANTES DE OUVIR ESTE AQUI. //

NO EPISÓDIO PASSADO, A GENTE CONHECEU ALGUMAS VERSÕES SOBRE SAMBISTAS VINCULADOS AO BAIRRO JOÃO PAULO.//

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - CHOCALHO (00:00 Á 00:04) LOOPING

LOC VICTOR: ESSE CHAMADO É FEITO HÁ 97 ANOS NO BAIRRO DO JOÃO PAULO, E OS BRINCANTES ATENDEM, ENCERRANDO, NO DIA 30 DE JUNHO, O CICLO DOS FESTEJOS EM HOMENAGEM AOS SANTOS JUNINOS.//

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

COM DESFILES DE GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI NA AVENIDA SÃO MARÇAL, EMBALADO PELO SOTAQUE DE MATRACA, NA AVENIDA.//

LOC JOELMA: OS ANTIGOS CONTAM MUITAS HISTÓRIAS SOBRE ESSA FESTIVIDADE,, QUE ENVOLVE POTÊNCIA, ENFRENTAMENTOS E SEDUÇÃO.//

LOC. CLEDILSON: E TUDO COMEÇOU COM UM PERSONAGEM QUE NÃO É GENTE. MAS ESTÁ BEM VIVO.// É UMA ÁGORA: A CONHECIDA FEIRA DO JOÃO PAULO.// FOI EM FRENTE À FEIRA QUE OS BOIS SE APRESENTARAM PELA PRIMEIRA VEZ, NO DIA DE SÃO MARÇAL, COMO AFIRMA O PESQUISADOR E FAZEDOR DE CULTURA PAULO DE TASSO.//

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

TEC: SONORA 1 PAULO DE TASSO

D.I. 00: 01 - PORQUE A HISTÓRIA CONTADA PELOS ANTIGOS É QUE...

D.F. 00:33 - JOÃO PAULO É TRINCHEIRA...

TEC: SOBE E DESCE BG - TROMPETE DE EXÉRCITO

LOC VICTOR: O SENHOR LUÍS MAIOBA, UM OCTAGENÁRIO, TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL, TODOS OS DIAS VEM DA CIDADE OPERÁRIA PARA TRABALHAR NO JOÃO PAULO, É O BAIRRO ONDE VIVEU A INFÂNCIA E A JUVENTUDE..//

ELE TAMBÉM RELATA SOBRE ESSA RELAÇÃO ENTRE A FEIRA E A FESTA.//

TEC: SONORA 1 - LUIS MAIOBA:

D.I. 00:00 - OS BOIS SÓ VINHAM ATÉ LÁ NO ANIL

D.F. 00: 28 - INSCRITOS NA CULTURA.

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM DE MÁQUINA DE COSTURA

LOC CLEDILSON: AS MEMÓRIAS SÃO COLCHAS DE RETALHOS COM INFORMAÇÕES QUE SE DESENCONTRAM.//

SOBRE A ORIGEM DA FESTA, EXISTEM DUAS VERSÕES MUITO POPULARES SOBRE O COMEÇO DE TUDO.//

LOC JOELMA: UMA DELAS FALA DE BRINCANTES QUE, IMPEDIDOS DE IR AOS CENTROS, ANSIAVAM POR VIVER AQUELA ALEGRIA LIVREMENTE./ É O QUE NOS CONTA A PESQUISADORA /LETÍCIA CARDOSO:

TEC: SOBE E DESCE BG - ESTALO DE MATRACA

TEC: SONORA 1 LETICIA CARDOSO

D.I. 00:01 - A GENTE TÁ FALANDO DO INÍCIO DO SÉCULO XX...

D.F. 00:47 - VAMOS FAZER NOSSA FESTA.

TEC: SOBE E DESCE BG - ESTALO DE MATRACA

LOC VICTOR : A OUTRA VERSÃO DÁ CONTA DO PODER SEDUTOR DO BUMBA-MEU-BOI.

TEC: SONORA 2 - LETICIA CARDOSO

D.I. 00:01 - UM COMERCIANTE, SENHOR JOSÉ...

D.F. 00:23 - O QUE ACONTECIA JÁ NO ANIL

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

TEC: SOBE E DESCE BG - SINO DE IGREJA

LOC CLEDILSON: AS FESTIVIDADES
JUNINAS HOMENAGEIAM TRÊS SANTOS NO
PAÍS..//

SANTO ANTÔNIO, CONHECIDO COMO O SANTO
CASAMENTEIRO, **ABRE O CICLO** NO MÊS DE JUNHO,
COM CELEBRAÇÃO NO **DIA TREZE**..//

**TEC: SOBE E DESCE SOM AMBIENTE DE INTRODUÇÃO
DE ATMOSFERA: QUEIMA DE FOGUEIRA,
BOMBINHAS SENDO ESTOURADAS, CRIANÇAS
CORRENDO. (COMEÇA NA FRASE “ABRE O CICLO” E
SE ENCERRA NA FRASE “DIA 13”)**

O BRINCANTE PULA FOGUEIRA E FAZ SIMPATÍAS
PARA CASAR..//

**TEC: SOBE E DESCE BG - QUEIMA DE FOGUEIRA,
BOMBINHAS SENDO ESTOURADAS, CRIANÇAS
CORRENDO.**

LOC JOELMA: SÃO JOÃO RECEBE HOMENAGENS, NO
DIA 24, EM LARGOS E IGREJAS E TAMBÉM NOS
ARRAIAIS, SOB AS CHAMAS DAS FOGUEIRAS..//

LOC VICTOR: JÁ SÃO PEDRO CELEBRADO EM 29 DE
JUNHO, REÚNE CENTENAS DE PESSOAS E
BATALHÕES DE BUMBA-MEU-BOI, NA NOITE DE
VÉSPERA, EM FRENTE À CAPELA DE SÃO PEDRO, NA
MADRE DE DEUS..//

**TEC: SOBE E DESCE SOM AMBIENTE - TOADAS DE
BUMBA MEU BOI AO VIVO - SOTAQUE DE MATRACA**

ALEGRIA E FÉ MOBILIZAM A MULTIDÃO, QUE SEGUE
MADRUGADA ADENTRO..//

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM DE PÁSSAROS CANTANDO.

NO DIA SEGUINTE, AS HOMENAGENS CONTINUAM COM AS **PROCISSÕES** TERRESTRE E MARÍTIMA, E COM A ÚLTIMA NOITE DE ARRAIAIS..//

TEC: SOBE E DESCE BG - MOTOR DE BARCO LIGANDO E MOVIMENTO DAS ONDAS (SONORA COMEÇA NA PALAVRA “PROCISSÕES” COM DURAÇÃO DE 03 SEGUNDOS APÓS A LOCUÇÃO)

LOC CLEDILSON: O FAZEDOR DE CULTURA ITHAMILSON ROCHA DESTACA A FORÇA DO SINCRETISMO RELIGIOSO NESSAS FESTAS..//

TEC: SONORA 1 - ITHAMILSON LIMA (SUAVIZAR O TOM DE VOZ DA FALA, A PARTIR DE 00:51 segundos, POIS ELA É UMA MONTAGEM.)

D.I. 00:01 - QUEM SÃO AS GRANDES FESTAS

D.F. 01:00 - NA ÉPOCA DA ESCRAVIDÃO.

LOC JOELMA: EM SÃO LUÍS A ALEGRIA DOS FESTEJOS, QUE ARTICULA DEVOÇÃO E RESISTÊNCIA, NÃO SE LIMITAM AOS ARRAIAIS E NÃO ACABAM NO DIA DE SÃO PEDRO..//

TEC: SOBE E DESCE SOM AMBIENTE - TOADAS DE BUMBA MEU BOI AO VIVO - SOTAQUE DE MATRACA

NO DIA 30, AO AMANHECER, JÁ COMEÇA A HOMENAGEM AO QUARTO SANTO, NA VERDADE UM MÁRTIR, SOB O SOM DAS MATRACAS..//

TEC: SOBE E DESCE SOM AMBIENTE - SINOS DA IGREJA

**TEC: TROCAR TRILHA BG - SENHORA CANTANDO
ALGUMA LADAINHA TRISTE EM LATIM. (ENCERRA NO
FINAL DA LOCUÇÃO DE JOELMA)**

LOC VICTOR: NO MISSAL ROMANO, QUE TRAZ
INFORMAÇÕES SOBRE O CALENDÁRIO RELIGIOSO
CATÓLICO, O DIA 30 DE JUNHO É DEDICADO AOS
SANTOS MÁRTIRES DA IGREJA CATÓLICA.// E SÃO
MARÇAL QUE FOI MARTIRIZADO DURANTE MISSÃO EM
ROMA, NO SÉCULO TERCEIRO, TEM ESSE
RECONHECIMENTO.//

LOC CLEDILSON: ELE ERA BISPO DA CIDADE DE
LIMOGES, NA FRANÇA, FOI QUEIMADO VIVO, A
MANDO DE NERO, NOS JARDINS DO VATICANO EM
ROMA./ DEPOIS DISSO, PASSOU A FAZER PARTE DO
IMAGINÁRIO POPULAR,/ QUE SITUA SÃO MARÇAL
NOS TEMPOS DE CRISTO.//

LOC JOELMA: QUEM FALA SOBRE ESSE SANTO
POPULAR É O HAROLDO CORDEIRO, CONHECIDO COM
PADRE BOIEIRO.//

**TEC: SOBE E DESCE BG DE CAIXA DO FÓSFORO
SENDO ACESA.**

**TEC: SONORA 1 PADRE HAROLDO (FAZER GANHO NA
VOZ)**

D.I. 00:01 - NAS MINHAS VIAGENS...

D.F. 05:46 - MÁRTIR DA IGREJA DE ROMA

**TEC: TROCAR BG - SINO DA CONSAGRAÇÃO - SUAVE
- PEGAR DO FINAL DA TRILHA E COLOCAR UM
PEQUENO ECO, PARA PARECER ALGO SUTIL**

LOC VICTOR: O PADRE HAROLDO É MUITO PRESENTE
NAS BRINCADEIRAS DE BUMBA- MEU-BOI, E COSTUMA
ATENDER AOS CHAMADOS PARA DAR BÊNÇÃOS.//

COM OS BOIS DE MATRACA, SEGUE A TRADIÇÃO,
USANDO A VASSOURINHA NO RITUAL.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - VIRANDO PÁGINA DE UM
LIVRO**

**TEC: SONORA 2 - PADRE HAROLDO (FAZER
GANHO NA VOZ)**

D.I. 00:01 - EU TE ABENÇOO

D.F. 00:27 - JOGA AQUI, JOGA AQUI...

LOC CLEDILSON: O PADRE BOIEIRO É UM
ENTUSIASTA DA ALEGRIA E RECONHECE O RESPEITO
DOS BRINCANTES.

**TEC: SONORA 3 - PADRE HAROLDO (FAZER GANHO
NA VOZ)**

D.I. 00:01 - OS BRINCANTES, ELES TÊM...

D.F. 00:31- COMO É SÃO JOÃO, COMO É SÃO PEDRO...

**TEC: SOBE E DESCE BG - VIRANDO PÁGINA DE UM
LIVRO**

**TEC: TROCA DE TRILHA - INSTRUMENTAL LEVE -
KALIMBA**

LOC JOELMA: ITHAMILSON LIMA NÃO IDENTIFICA
ESSA DEVOÇÃO AO SANTO DO DIA 30.//
DIFERENTEMENTE DO QUE OBSERVA NA FESTA DE
SÃO PEDRO, COM O PAGAMENTO DE PROMESSAS, A
RELIGIOSIDADE NA FESTA DE SÃO MARÇAL SE
MANIFESTA, PARA ELE, NA INCORPORAÇÃO DOS
CABOCLOS.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - SOM DE TAMBOR DE MINA
(CRESCENDO NA
PALAVRA “RELIGIOSIDADE” E DURA
TRÊS SEGUNDOS APÓS A LOCUÇÃO)**

TEC: SONORA 2 - ITHAMILSON LIMA

D.I. 00:01 - ALI È A FESTA...

D.F. 00:49 - DA MANIFESTAÇÃO...

TEC: SOBE E DESCE BG - SOM DE TAMBOR DE MINA

TEC: TROCAR TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

LOC JOELMA: MAS O QUE PERCEBEMOS É QUE A REALIDADE É MÚLTIPLA.// MARCELYO DE JESUS, INTEGRANTE DO BOI DO JOÃO PAULO, AFIRMA QUE MUITAS PROMESSAS FEITAS A SÃO MARÇAL SÃO PAGAS NA PRÓPRIA CAPELA DE SÃO PEDRO.//

TEC: SONORA 1 MARCELYO DE JESUS (TIRAR A PALAVRA “BASTANTE”)

D.I. 00: 01 - INCLUSIVE O QUE EU ACHO LINDO...

D.F. 00:30 - A ESSA TRADIÇÃO...

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

LOC VICTOR: A FORÇA DA FÉ, QUE UNE CATOLICISMO E DIVINDADES DE MATRIZ AFRICANA MOVE A PRÓPRIA CRIAÇÃO DO BOI.// O FAZEDOR DE CULTURA WALTER SEABRA, MAIS CONHECIDO COMO WALTINHO DO SAMBA, COMANDA O BOI QUE REPRESENTA O BAIRRO.//

ELE CONTOU UMA HISTÓRIA QUE MOSTRA COMO A DEVOÇÃO ABRE ESPAÇO PARA O CULTO À ALEGRIA.//

TEC: SOBE E DESCE BG - CABAÇA INSTRUMENTO DE RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA

TEC: SONORA 1 - WALTER SEABRA (FAZER GANHO NA VOZ)

D.I. 00:01 - O BUMBA BOI DO JOÃO PAULO...

D.F. 00:34 - DE UMA DIVINDADE...

LOC CLEDILSON: E MAIS UMA VEZ, O SINCRETISMO RELIGIOSO SE FAZ PRESENTE.//

TEC: SONORA 2 - WALTER SEABRA (FAZER GANHO NA VOZ)

D.I. 00:01 - A GENTE TEVE QUE PASSAR MAIS DE DOIS MESES...

D.F. 00:49 - TAMBÉM BORDAR O BOI...

TEC: SOBE E DESCE BG - CABAÇA INSTRUMENTO DE RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA

LOC JOELMA: O BOI FOI AO ENCONTRO DA COMUNIDADE, QUE ANSIAVA POR UM REPRESENTANTE PARA BRINCAR NA FESTA DE SÃO MARÇAL.

LOC VICTOR: FORAM CONTRATADOS GRANDES CANTADORES E HOJE A BRINCADEIRA FAZ PARTE DO GRUPO A.

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - TAMBOR ONÇA

LOC CLEDILSON: A FESTA DE SÃO MARÇAL TEM UM CAPÍTULO IMPORTANTE PARA SER CONTADO: O PERÍODO EM QUE O BOI FOI DESLOCADO PARA A AREINHA E OUTRAS PARTES DO CENTRO, NO ANO DE 1984.//

LOC JOELMA: QUEM CONTA ESSA HISTÓRIA É SEU HÉLIO BRAGA.//

TEC: SOBE E DESCE BG - MÁQUINA DE ESCREVER

TEC: SONORA 1 - HELIO BRAGA

D.I. 00:00 - EU ESTAVA NO JOÃO PAULO

D.F. 00:36 - DERAM A ORDEM DE PRISÃO...

LOC CLEDILSON: NAQUELE MOMENTO O SENHOR HELIO BRAGA SE SOLIDARIZOU.//

TEC: SONORA 2- HELIO BRAGA

D.I. 00:01 - E EU, CONHECIA O BANDO DE ARRUACEIRO...

D.F. 00:33 - BRASEIRO PELO CHÃO...

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

LOC JOELMA: NO ANO SEGUINTE, SENHOR HÉLIO CONVIDOU O SENHOR RAIMUNDO CUTRIM PARA ORGANIZAR A FESTA.// ELES CONSEGUIRAM DESVIAR O TRÂNSITO, DISCIPLINAR AS FOGUEIRAS E FAZER ACORDO COM O EXÉRCITO PARA DISTRIBUIÇÃO DO TRADICIONAL CALDO DE FEIJÃO.//

TEC: SONORA SOBE E DESCE BG: CORNETA DE EXÉRCITO

LOC VICTOR: NESSE CONTEXTO FOI CRIADO O INSTITUTO SÃO MARÇAL PARA FORTALECER O EVENTO.// A PARTIR DESSA ÉPOCA, O AMO DO BOI PASSOU A SUBIR NO PALANQUE PARA CANTAR A TOADA, NUMA GRANDE FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO.//

TEC: SONORA 1 - RAIMUNDO MORAIS (FAZER GANHO NA VOZ)

D.I. 00:01 - "EU SOU MUITO FELIZ..."

D.F. 00:43 - "TEM QUE SER VISTO..."

TEC: TROCAR TRILHA: Maracá (00:45 A 00:53) - TRILHA DRAMÁTICA

TEC: SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS

LOC CLEDILSON: OS ANOS DE 2020 E 2021 REPRESENTARAM O PERÍODO DO **SILÊNCIO DA BOIADA**, IMPOSTA PELA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS.//

TEC: SILÊNCIO DE 3 SEGUNDOS

LOC JOELMA: EM 2022, VOLTOU SOB NOVA ADMINISTRAÇÃO: INSTITUTO MÃOS DE UM AMIGO, COM APOIO DO GOVERNO ESTADUAL E MUNICIPAL.// O SENHOR CARLOS ANDRÉ TEIXEIRA, ESTÁ À FRENTE DO EVENTO, E SE CONSIDERA APENAS UM FACILITADOR DA FESTA.//

TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA FESTA DE SÃO MARÇAL

TEC: SONORA 1 - CARLOS ANDRÉ

D.I. 00:01 - "NA VERDADE, SÃO TRÊS DONOS DA FESTA..."

D.F. 00:34 - "COM O BOI, COM O POVO E COM O SANTO..."

LOC VICTOR: PARA ELE, A FESTA É UM PATRIMÔNIO DO ESTADO.

TEC: SONORA 2 - CARLOS ANDRÉ

D.I. 00:01 - ELA JÁ NÃO MAIS UMA FESTA...

D.F. 00:27 - ALÉM DO JOÃO PAULO...

TEC: SOBE E DESCE BG - PANDEIRÃO

LOC CLEDISON: A PROFESSORA ESTER MARQUES, FILHA DA SAUDOSA LILI MARQUES, FOLCLORISTA DO BAIRRO, DIZ EM UM ESTUDO SOBRE O BUMBA-MEU

BOI, QUE O PERÍODO JUNINO

TEC: SOBE E DESCE BG - MÁQUINA DE ESCREVER

- COMEÇANDO A ESCREVER

*“É UM TEMPO QUE ROMPE COM A CONTINUIDADE,
COM O COTIDIANO, COM A REPETIÇÃO, PARA DAR
LUGAR AO INUSITADO, AO INESPERADO.”*

TEC: SOBE E DESCE BG - MÁQUINA DE ESCREVER

- ENCERRANDO A DIGITAÇÃO

LOC JOELMA: COMO DIZ O SENHOR LUÍS MAIOBA,
FREQUENTADOR JOÃO PAULINO

TEC: SONORA 2 - LUIS MAIOBA

D.I. 00:01 - EU GOSTO DE DAR UMA OLHADA...

D.F. 00:10 - TEM MAIS ANIMAÇÃO...

**TEC: SOBE E DESCE TRILHA - SOM AMBIENTE DA
FESTA DE SÃO MARÇAL**

LOC JOELMA: E É POR ISSO QUE O JOÃO PAULO
ESPERA VOCÊ TODO ANO. PARA ESSA GRANDE
CONFRATERNIZAÇÃO.//

**TEC: SOBE E DESCE BG: APITO DE ENCERRAMENTO
DE TOADA.**

TEC: SONORA 1 - SEU ZÉ PIVÓ D.I.:

00:01 - “JOÃO PAULO QUEM TE VIU NO PASSADO”

D.F.: 00:17 - “ME DEU INSPIRAÇÃO”

**TEC: TROCAR TRILHA - MEU BAIRRO QUERIDO - BOI
DO JOÃO PAULO 2007 - COM INSTRUMENTOS
- (00:00 Á 00:28)**

**TEC: SOBE TRILHA DE CRÉDITOS - PAI QUILOMBO -
PAULINHO AKOMABU - (01:33 á 01:49)**

LOC PADRÃO: UMA PRODUÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, RÁDIO E TV, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO.//

ESTE EPISÓDIO USOU TRECHOS DAS CANÇÕES:

INSTRUMENTAL “**BOI DA LUA**”, DO GRUPO DE SOTAQUE DE ORQUESTRA “BOI DA LUA”, COM ARRANJO DE PAPETE.//

MEU BAIRRO QUERIDO - GRUPO DE BUMBA-MEU-BOI DO JOÃO PAULO - “TOURO NEGRO ENCANTADO”.//

XXX, DA TURMA DA MANGUEIRA NA VOZ DE ZÈ PIVÒ.//

PAI QUILOMBO DE PAULINHO AKOMABU.//

AS CANÇÕES ESTÃO DISPONÍVEIS NA PLATAFORMA DO YOUTUBE.//

DIREÇÃO: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

ROTEIRO: JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO

LOCUÇÃO : CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ E JOÃO VICTOR MACEDO.//

ABERTURA E ENCERRAMENTO: GISA FRANCO

DESENHO DE SOM: CLEDILSON ROCHA E JOÃO VICTOR MACEDO.//

CAPTAÇÃO: MARCOS BELFORT.//

MONTAGEM: CLEDILSON ROCHA, JOELMA BALDEZ, JOÃO VICTOR MACEDO E MAURICIO MORELES.//

SONOPLASTIA: MAURICIO MORELES.//

NESSE EPISÓDIO VOCÊS OUVIRAM AS VOZES DE:

PAULO DE TASSO, LUIS MAIOBA, LETICIA CARDOSO,
ITHAMILSON LIMA, PADRE HAROLDO, MARCELYO DE
JESUS, WALTER SEABRA, HÉLIO BRAGA, RAIMUNDO
MORAIS, CARLOS ANDRÊ E ZÊ
PIVÔ//

COLABORAÇÃO: JORGE SOUSA, MAYRA NOGUEIRA,
MAURICIO MORELES E MARCOS BELFORT.//

ORIENTAÇÃO: PROFESSOR ED WILSON ARAÚJO.//

AGRADECIMENTO: LABORATÓRIO DE RÁDIO DO
CURSO DE COMUNICAÇÃO DA UFMA E RÁDIO
UNIVERSIDADE FM.//

**TEC: SOBE E DESCE BG - TRILHA - “INSTRUMENTAL”
BOI DA LUA - GRUPO BOI DA LUA - (01:50 á 02:25 -
ESCOLHER ALGO DENTRO DESSA MARGEM DE
MINUTAGEM)**

ANEXO A - QUADRO 02: Distribuição dos 81 topônimos nas 04 áreas

CENTRO	Centro, Apicum, Vila Passos, Madre Deus, Diamante, Lira, Goiabal, Fabril, Desterro, Camboa, Coréia.
CENTRO-RIO ANIL	São Francisco, Ponta d'areia, Ponta do Farol, São Marcos, Ilhinha.
CENTRO-RIO BACANGA	Anjo da Guarda, Vila Mauro Fecury I, Vila Mauro Fecury II, Sá Viana, Vila Bacanga.
CENTRO-CAMINHO GRANDE	Alemanha, Anil, Apeadouro, Areinha, Bairro de Fátima, Barreto, Bom Jesus, Bom Milagre, Caratatiua, Chácara Brasil, Cidade Olímpica, Cidade Operária, Cohafuma, Coheb, Conj. Habitacional Bequimão, Conjunto Habitacional Angelim, Conjunto Habitacional Anil I, Conjunto Habitacional Anil II, Conjunto Habitacional Anil III, Conjunto Habitacional Anil IV, Conjunto Habitacional Rio Anil, Conjunto Habitacional Turu, Conjunto Habitacional Vinhais, Coroadinho, Cutim Anil, Fé em Deus, Filipinho, Forquilha, Itapiracó, Ivar Saldanha, Jardim América, Jardim América Central, Jardim Atlântico, João Paulo, Jordoa, Liberdade, Maiobinha, Monte Castelo, Novo Angelim, Olho d'água, Outeiro da Cruz, Parque Amazonas, Planalto Aurora, Radional, Retiro Natal, Sacavém, Salina do Sacavém, Santa Cruz, Santa Efigênia, Santa Rosa, Santo Antonio, São Bernardo, Túnel do Sacavém, Turu, Vila Airton Senna, Vila Cascavel, Vila Isabel Cafeteira, Vila Janaína, Vila Palmeira, Vinhais Velho.

Fonte: Curvelo-Matos (2004)